

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

Telma Ferreira da Silva

**GEOGRAFIA E GÊNERO NO ASSENTAMENTO RURAL JOANA D'ARC III: Um
Lugar às Margens da Estrada.**

PORTO VELHO

2014

Telma Ferreira da Silva

**GEOGRAFIA E GÊNERO NO ASSENTAMENTO RURAL JOANA D'ARC III: Um
Lugar às Margens da Estrada**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, da Fundação Universidade Federal de Rondônia como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora Profa. Dra. Maria das Graças
Silva Nascimento Silva

Porto Velho

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

F383g	<p>Ferreira, Telma Ferreira da Silva</p> <p>Geografia e gênero no assentamento rural Joana D'arc III: um lugar às margens da estrada. /Telma Ferreira da Silva Ferreira. Porto Velho, Rondônia, 2014. 110 f.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia/UNIR.</p> <p>Orientadora: Prof. Dr. Maria das Graças Silva Nascimento Silva</p> <p>1.Geografia e gênero. 2. Espaço vivido. 3. Assentamento rural Joana D'arc III. I. Silva, Maria das Graças Silva Nascimento. II. Título.</p> <p>CDU: 911</p>
-------	---

Bibliotecária Responsável: Cristiane Marina Teixeira Girard/ CRB 11-897



MESTRADO EM GEOGRAFIA - UNIR
A Amazônia e Políticas de Gestão Territorial

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA




NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM GEOGRAFIA

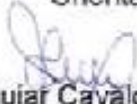
PPGG

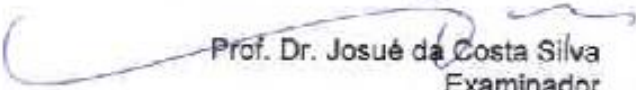
ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO **TELMA FERREIRA DA SILVA**

A Banca de defesa de Mestrado presidida pela orientadora Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva e constituída pelos examinadores Profa. Dra. Maria Madalena de Aguiar Cavalcante e Prof. Dr. Josué da Costa Silva, reuniu-se no dia 10 de junho de 2014, às 16 h na sala de aula Rosa Ester Rossini, Prédio do Mestrado em Geografia, sito no Campus Universitário José Ribeiro Filho, para avaliar a Dissertação de Mestrado intitulada "GEOGRAFIA E GÊNERO NO ASSENTAMENTO RURAL JOANA D'ARC III: UM LUGAR AS MARGENS DA ESTRADA", da mestranda Telma Ferreira da Silva, matrícula 201210530. Após a explanação da mestranda, e sua arguição pela Banca Examinadora, a referida dissertação foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia foi considerada APROVADA. Conforme determinação do Colegiado do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, a candidata tem o prazo de até 90 (noventa) dias, a contar desta data, para realizar as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação.

Porto Velho, 10 junho de 2014.


Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva
Orientadora


Profa. Dra. Maria Madalena de Aguiar Cavalcante
Examinadora


Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a minha rainha e mãe Judite Ferreira da Silva, que em sua simplicidade me ensinou as primeiras lições de vida e me ajudou chegar até aqui. Ao meu amado e inesquecível PAI, *in memoriam*, Geraldo Ferreira da Silva que, mesmo sem conhecer os níveis do ensino (graduação, pós-graduação *latu sensu e stricto sensu*), tinha prazer em atribuir o título de doutora a mim, mesmo ainda simplesmente graduada. Para ele, meu amado e eterno pai, não sou doutora, mas estou mais perto agora. Ao grande amor da minha vida e esposo José Cerlos da Silva, pela compreensão quando acreditou em mim e incentivou-me a tentar a seleção do Mestrado em Geografia. A você, meu amor, dedico todo esforço na realização dessa pesquisa, todo prazer do resultado final e toda alegria indescritível na conquista deste louro. E, também dedico ao meu irmão Rizaldo Ferreira da Silva, que um dia ao ler estas linhas saberá o quanto representa em minha vida. Eis que, a estes que sempre estiveram e estarão em minha mente fortalecendo minha alma com sorriso, compreensão, amor e amizade dedico humildemente este trabalho.

AGRADECIMENTOS

À DEUS... pelo dom da vida, pelas oportunidades concedidas, por ser o único Senhor da minha vida, por me dar forças para superar as dificuldades e me fazer vencedora em todas minhas conquistas;

Às mulheres do Assentamento Joana D'Arc III, em especial Zelia Reis, Estelina Cabral, Rosimar Aguiar e de uma maneira bem especial, Dona Iraelza Bandeira, que me acolheu como sua filha em sua casa me proporcionando hospedagem, alimento e o mais importante: sua confiança em conversar abrindo seu coração para mim. Foram momentos que marcaram minha vida para sempre;

À Professora Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva (Gracinha) minha professora, que me orientou e tornou-se uma grande amiga, irmã, acolhendo em sua casa como sendo de sua família. À você, minha grande Professora, minhas eternas gratidões;

Ao meu grande e amado Prof. Dr. Josué Costa Silva, que me conduziu ao conhecimento geográfico, com respeito, dedicação, carinho e sabedoria. À você, meu professor, minha eterna gratidão por seus ensinamentos e amizade;

Aos meus mestres professores do Programa de Mestrado em Geografia... sem eles não chegaria até aqui;

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero – GEPGÊNERO, que me acolheu e me conduziu nos primeiros passos da ciência geográfica;

Ao Programa de Mestrado e a minha turma de Mestrado, em especial às amigas Elisângela e Cristiane, que sempre ajudaram em minhas dificuldades;

A minha família... amada e querida família! Minha mãezinha Judite Ferreira, meu Paizinho Geraldo Ferreira (*in memoriam*) e irmãs: Maria Salete, Lucimar Campos Sales, Esmeralda Ferreira; irmãos: Geraldo Ferreira, Benanias Ferreira, Arimateia Ferreira, Rizaldo Ferreira; sobrinhas: Elenize Pereira, Elem Kelem Pereira, Amirlete Ferreira, Lucielma Marques, Luciene Marques, Shirlene Ferreira; sobrinhos: Amilton Rodrigues (*in memoriam*), Ayrton Ferreira, Gilson Ferreira, Gesiel Ferreira, Efrain Pereira, Adenilson Marques, Arimateia Ferreira Filho (*in memoriam*); sobrinhos e sobrinhas netos e netas: Athyrson Ferreira, Aline Ferreira, Richard Ferreira, Wevely Ferreira, Amirlene, e queridinha Isabele. A todos vocês, minha eterna gratidão por pertencer a esta família. São vocês meus reais e verdadeiros motivos de me manter lutando;

Ao meu grande amor, José Cerlos da Silva, pelo amor, compreensão, dedicação e por acreditar em mim. Sou eternamente grata a você, meu amor;

A minha amiga Sheila Ximenes, por ter me apresentado ao maior e melhor grupo de estudos do mundo: o GEPGÊNERO;

A minha amiga Sheila Castro, pelos grandes momentos de estudos juntas;

A minha equipe de trabalho da EPTRAN, que sempre assumiu os trabalhos na minha ausência, sem nunca deixar que minha falta no trabalho prejudicasse o bom andamento nas atividades laborais durante minha pesquisa.

EPÍGRAFE

Já são tantas. Milhares. Milhões. Uma verdadeira.
Rama, florescendo por todo o planeta.
Lilás. São Maria - sem - vergonha de ser mulher.
Não são só florzinhas. São mulheres se agrupando,
Misturando suas cores, gritando seus encantos,
Exibindo suas verdades.
São domésticas, bailarinas, médicas, estudantes, bancárias,
Professoras, escritoras, garis, brancas, negras, índias,
Meninas...
São sem vergonha de lutar,
Acreditar, denunciar, exigir, reivindicar, sonhar...
São sem vergonha de dizer
Que ainda falta trabalho, salário digno, respeito...
Que ainda são vítimas de violência física,
Da porrada, do assédio, do estupro, do aborto,
Da prostituição, da falta de assistência...
São Maria - sem - vergonha de se indignar
Diante do preconceito, da escravidão, da injustiça,
Da discriminação aos seus cabelos pixaim
E à sua pele negra...
São Maria - sem - vergonha de brigar por creches,
Meio ambiente, pelo direito de ter ou não ter filhos...
São Maria - sem - vergonha de ficar bonita,
Pintar a boca e da sua boca soltar um beijo
Que não vem de sua boca, mas de seu ser inteiro,
Indivisível, solidário.
São Maria - sem - vergonha de dizer NÃO, de buscar
Alegria, prazer... Sem vergonha de se cuidar,
De usar camisinha e de se apaixonar. Atrevidas,
Maria - sem - vergonha de decidir, fazer política,
Escolher e ser escolhida.
São essas sem vergonha que
A cada tempo mudam a história,
Conquistam direitos, dão a vida.
Geram outras vidas insistentemente.
Desavergonhadamente vão tecendo de cor e beleza,
O desbotado das relações humanas,
Sem medo, sem disfarce, sem vergonha de ser feliz
Vão parindo com dores e delícias um novo mundo
Pra mulheres e homens
Um novo mundo pra "comunidade dos seres"

RESUMO

A pesquisa “Geografia e Gênero no Assentamento Rural Joana D’Arc II: um lugar às margens da estrada”, buscou analisar como são organizadas as atividades na lavoura a partir da distribuição de tarefas entre os membros da família e que mudanças aconteceram no desenvolvimento do Assentamento Joana D’Arc III, que podem ter influenciado o modo de vida de agricultores e familiares, mais especificamente no cotidiano das mulheres agricultoras, no ano de 2013. O enfoque das análises segue o viés das representações de gênero com o intuito de verificar o envolvimento das mulheres nas atividades desenvolvidas na agricultura, as rotinas diárias e as influências advindas com a implantação da Hidrelétrica de Santo Antônio nas formas de construção social de gênero. O viés utilizado para este trabalho pela ciência geográfica foi o de estudar as transformações espaciais e sociais por meio da cultura, por isso a opção pela Geografia Cultural como eixo norteador do debate geográfico, que sustentou a temática sobre gênero compreendendo as relações sociais e culturais entorno do homem e da mulher, na perspectiva de entender as relações íntimas destes com o lugar. A pesquisa traz a reflexão sobre o entendimento da pessoa humana, das relações com a natureza, do seu comportamento no lugar de convívio geográfico, bem como dos sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. O resultado aponta para o entendimento do conceito de Lugar, pela ótica e significado específico de quem mora no ambiente rural, pois o assentamento em estudo encontra-se sobre fortes índices de descaso e esquecimento pelo poder público. Ainda, as setenta famílias residentes e atingidas pelo empreendimento da usina hidrelétrica de Santo Antônio tiveram seus laços emocionais de afetividade ao lugar quebrados, as mulheres mães da localidade, foram e ainda são, as maiores prejudicadas pelo descaso estatal.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Fenomenologia. Assentamento Rural. Espaço Vivido. Lugar.

ABSTRACT

The study Geography and Gender in Rural Settlement Joana D'Arc III: A place by the side of the road, was done to examine how the activities were organized in farming and other rural activities based on the distribution of tasks between family members and what changes have occurred in Settlement of Joana D'Arc III, which may have influenced the way of life of farmers and their families, specifically the daily lives of women farmers in 2013. The analysis follows the studies of gender representations in order to verify the involvement of women in agriculture activities, daily routines from the lives of women and the influences that came around with the implementation of the Santo Antônio hydroelectric power plant over the forms of social construction of gender. The direction to this piece of geographical science was to study the spatial and social transformation through culture, so the option of Cultural Geography as a guideline to the geographical debate, which took the theme of gender understanding the social and cultural relations around man and woman, from the perspective of understanding the close relationship of these people with the place. The study brings reflection to understand the human being, the relations between mankind and nature, their behavior instead of geographical interaction as well as the feelings and ideas about space and place. The result points to the understanding of the concept of place, from the specific perspective from those who live in the rural environment. Because the settlement under our study is about strong indices of contempt of the government and the seventy families that reside were affected by the hydroelectric power plant of Santo Antônio by having their emotional ties of affection to the place broken, the mothers were and still are the largest harmed by state negligence.

KEY WORDS: Genre. Phenomenology. Rural Settlement. Lived Space. Place.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 01: Estrada do Assentamento Joana D’Arc III. Porto Velho/RO.....	22
Figura 02: Entrada de um lote no Assentamento Joana D’Arc III “casa assoalhada” Porto Velho/RO.....	36
Figura 03: Direcionamento ao campo de pesquisa.....	44
Figura 04: Estrada de chão do Assentamento Joana D’Arc III.....	52
Figura 05: Início da Pesquisa - Limite da área na linha 17 do Assentamento.....	53
Figura 06: Características do solo onde residem as famílias.....	54
Figura 07 A: forno de fazer farinha no assentamento.....	55
Figura 07 B: casa de fazer farinha.....	55
Figura 08: Igreja protestante linha 17 - Cristã do Brasil.....	56
Figura 09: Associação dos produtores rurais do assentamento.....	57
Figura 10: Vegetação e solo do assentamento.....	57
Figura 11: Condições da lavoura – Assentamento.....	58
Figura 12: Posto de Saúde mais próximo do Assentamento Joana D’Arc III.....	59
Figura 13: Escola Fechada na Linha 17 Assentamento Joana D’Arc III.....	59
Figura 14: Placa indicando a presença do Consórcio Santo Antônio energia - Limite da área submissa na linha 17 do Assentamento.....	60
Figura 15: Ponte na linha 17, indicando onde o limite da área de Pesquisa - Assentamento Joana D’Arc III.....	60
Figura 16: Rosimar Aguiar E. Sousa - Moradora do Assentamento Joana D’Arc III.....	62
Figura 17: M ^a . Iraelza Bandeira, Moradora no Assentamento Joana D’Arc III.....	84
Figura 18: espaço simbólico - Assentamento Joana D’Arc III	85

LISTA DE, MAPAS, QUADROS E TABELAS

MAPA

Mapa: Assentamento Rural Joana D’Arc III: localização e destino.....	48
--	----

QUADROS

Quadro 1: Organograma do referencial teórico e metodológico	23
Quadro 2 : Organograma dos Procedimentos Metodológicos.....	43
Quadro 3: Identificação das Famílias Assentadas.....	71
Quadro 4: Equidade de Gênero no Ambiente Rural.....	73
Quadro 5 – A fenomenologia nas representações de gênero.....	89
Quadro 6: A ocupação do ambiente vivenciado nas espacialidades.....	91
Quadro 07: Rotina Diária das Mulheres no Assentamento Joana D’Arc III.....	99

TABELAS

Tabela1: Chefe de Família da Linha 17 e 19 no Assentamento Joana D’Arc III.....	65
Tabela 2: Representação do tempo através dos anos residido no lugar.....	67
Tabela 3: instrução escolar das Pessoas Chefe de Família.....	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1: GEOGRAFIZANDO O ESPAÇO E O LUGAR	23
1.1 O Espaço Habitado e as Construções Sociais	26
1.2 O Sentimento Topofílico: as emoções e o apego ao lugar.....	29
1.3 A Questão de Gênero no Espaço Agrário	33
CAPÍTULO 2: MÉTODO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	37
2.1 Caminhos para o Entendimento do Lugar.....	40
2.2 Estrada Metodológica que leva ao Estudo de Espacialidades Rurais	42
2.3 Entrevistas com as Mulheres do Assentamento Joana D’Arc III	50
CAPÍTULO 3: ASSENTAMENTO RURAL JOANA D’ARC III: EVIDÊNCIAS DE UM LUGAR ÀS MARGENS DA ESTRADA.....	53
CAPÍTULO 4: CARACTERÍSTICAS CULTURAIS, SOCIAIS E POLÍTICAS DO LUGAR	63
4.1 Idade Predominante das Pessoas no Assentamento Joana D’Arc III.....	65
4.2 Tempo de Moradia das Pessoas no Assentamento Joana D’Arc III.....	67
4.3 Educação Sistemática no Assentamento Joana D’Arc III.....	69
4.4 Indicadores Quantitativos das famílias Joana D’Arc III.....	71
4.5 Geografia no Espaço Rural: o lugar e os sentimentos depois da curva da estrada.....	73
4.6 O Encontro com Mulheres do Assentamento Joana D’Arc III.....	79
CAPÍTULO 5: UM ESPAÇO DE SAUDADES E INCERTEZAS FUTURAS.....	85
5.1 A Representação de Gênero no Assentamento Joana D’Arc III.....	89
5.2 O Sentimento Feminino no Espaço Rural e a Rotina da Mulher	94
5.3 A dinâmica na rotina das mulheres nas atividades rurais	99
CONSIDERAÇÕES.....	103
REFERÊNCIAS	108

APRESENTAÇÃO

Antes de tratarmos de nossa pesquisa, primeiramente quero descrever o meu percurso até chegar ao Mestrado em Geografia e minha trajetória na pesquisa, a qual me possibilitou o tema da dissertação.

Durante a graduação em Pedagogia no ano de 2002, busquei aprofundar os estudos teóricos da educação e entendia que esta área do conhecimento seria a base para todas as outras ciências. Depois de formada, fui trabalhar como Supervisora Escolar e, no período de 2003 a 2010, atuei como supervisora na Modalidade de Educação de Jovem e Adulto/EJA. Com esta função, acompanhei vários professores, dentre estes os que lecionavam a Disciplina de Geografia no Ensino Médio da Escola Eduardo Lima e Silva.

Com entendimento sucinto da Geografia, eu a via como uma ciência de estudo do ar, do solo e da água em suas dimensões e propriedades. Por entender a necessidade de praticar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) no Ensino Médio para a Modalidade EJA, comecei a buscar alguns textos que davam ênfase às questões sociais intrínsecas àquela comunidade escolar. Entendi que essa sociedade amargava o ensino metódico e conceitual que se desenvolvia nas disciplinas específicas: Matemática, Língua Portuguesa, Geografia, História e Biologia.

Na busca pelos textos que retratavam a realidade social, deparei-me com as produções sobre gênero e, ao adentrar na temática sobre os estudos de gênero, encontrei o grupo de pesquisa sobre Mulheres e Representações Sociais de Gênero existente na Universidade Federal de Rondônia. Quando comecei a estudar os textos, percebi que o eixo norteador do debate consistia em estudos geográficos. Então, quis aprofundar meus conhecimentos no estudo da Geografia.

No ano de 2010 apaixonei-me pela ciência geográfica. E, conversando com uma colega sobre o rico e vasto campo de estudos geográficos, soube que ela era pesquisadora do Grupo que tive acesso aos textos estudados. Soube, também, que ela era Mestra em Geografia e pertencente ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero – GEPGÊNERO, da Universidade

Federal de Rondônia. Logo quis conhecer este grupo e, então, fui apresentada ao grupo no ano de 2010.

Minha participação no grupo foi gradual. Houve, desta forma, cada vez mais motivação para a continuação de uma pesquisa voltada para mulheres no contexto rural de um Assentamento chamado Joana D'Arc III. Esse lugar passava e ainda continua a passar por diversas transformações devido às modificações do espaço rural, por consequência das construções das Hidrelétricas do Madeira.

Começamos minha pesquisa no ano de 2012, quando ingressei no Mestrado em Geografia, momento em que fui pesquisar o Assentamento Rural Joana D'Arc III, localizado a 105 km da cidade de Porto Velho, no Estado de Rondônia. Neste, os assentados eram assistidos por programas de incentivo ao agricultor, em que são realizadas várias ações sociais que norteiam as produções científicas produzidas pelas pesquisadoras em geografia no assentamento. As pesquisas são realizadas em três assentamentos denominados: Joana D'Arc I, Joana D'Arc II e Joana D'Arc III. Este último faz parte diretamente deste estudo e compreende um espaço rural de atividades agrícolas manuais voltados à agricultura familiar, e outro espaço denominado de agrovilas com atividades mais mecanizadas, com maquinários que proporcionaram maior fornecimento de produtos agrícolas como farinha, banana e derivados da lavoura, como polpa de goiaba e cupuaçu para Porto Velho e regiões.

No grupo, junto às demais pesquisadoras, realizamos várias oficinas e palestras, com enfoque nas relações de gênero, em escolas públicas, em instituições de apoio, em faculdades e órgãos públicos. Em 2012 participei do 3º SERNNE – Seminário Regional Norte e Nordeste de Pós-Graduação em Geografia, na cidade de João Pessoa/PB e, ainda, do III Congresso Internacional do Núcleo de Estudos das Américas Latina, Processos Civilizatórios e Crises do Capitalismo Contemporâneo, na cidade do Rio de Janeiro.

No ano de 2013, participei da Mesa Redonda 'A Importância do dia 8 de Março: trajetória e expectativas do evento, memórias, conquistas e desafio das mulheres'. Também participei, neste mesmo ano, da XXX Semana de Geografia realizando oficinas e participando de minicursos, os quais foram fundamentais para me aproximar, ainda mais, da temática sobre gênero e buscar subsídios teóricos sobre a pesquisa.

Minha trajetória no grupo GEPGÊNERO compreendeu envolvimento nos debates sobre livros, filmes e produções científicas. Junto às demais pesquisadoras,

sempre orientadas por nossa professora, produzíamos artigos, relatórios, além da participação em defesas de TCC e de bancas de mestrado.

Após o conhecimento teórico e a participação no projeto de extensão universitária, onde tive contato com o local de pesquisa, fui definindo as delimitações do estudo neste assentamento: em primeiro foco, o local de espaços mecanizados e, em segundo, os espaços não mecanizados. Este último, um campo fértil para as representações de gênero, já que o trabalho na lavoura exige maiores esforços e empenho da mulher, a qual nem sempre é reconhecida pela sociedade. Considerando que o espaço vivido de representações simbólicas compreende as relações sociais e, nesses, presente as questões de gênero que são construídas socialmente em cada cultura e espacialidade.

O Assentamento Joana D'Arc III é constituído de lotes que compreendem uma extensão de 200 metros de frente por 1.500 metros de fundo. Desse modo, o tamanho tornou-se um fator que nos fez refletir sobre a delimitação de nossa pesquisa, que passou a compreender a linha 17, 19 até a linha 24 do assentamento, possuindo a extensão de 27 km em ambiente inteiramente rural, de atividades peculiares da agricultura braçal, característicos daquela localidade.

As várias pesquisas realizadas nesse assentamento me possibilitaram reflexões sobre conceitos geográficos e a diversidade de temas veiculados na epistemologia geográfica. Destarte, as pesquisas voltadas às temáticas que estão presentes no assentamento, encontramos o gênero nas questões de territorialidade, espaço, região e lugar habitado. A categoria gênero é percebida enquanto produção social dos assentados. Analisadas a partir destas representações, o gênero está constituído na divisão de atividades desenvolvidas por homens e mulheres, também presente nos trabalhos agrícolas realizados no assentamento.

Durante o período de campo, percebemos que as questões de gênero presentes na comunidade das da linha 17, 19 até a linha 24 do Assentamento Rural Joana D'Arc III, compreendiam um espaço diferenciado de outras localidades, apesar da vida comum das pessoas no que se refere à cultura, às atividades econômicas, ao lazer e à formação política. Estas linhas tinham o atrativo que me chamou atenção. Enquanto nas agrovilas as famílias tinham maior produtividade, fator econômico e renda diferentes, fatores que se uniam ao espaço vivido, os habitantes destas linhas tinham pouco incentivo político, econômico e organizacional que pudessem mantê-los vivendo naquela localidade.

O acesso ao local, com estradas esburacadas, mal conservadas e pontes construídas manualmente, prejudicava chegar ao assentamento, o que também constituía fator desestimulante às pessoas a residirem naquela localidade. No entanto, eram pessoas felizes, bem humoradas, algumas cozinhavam em fogões a lenha e passavam meses sem ir à cidade. Mesmo passando necessidades, continuavam sem deixar sua morada para irem a Porto Velho, o que demonstra uma união ao lugar onde moram. O vínculo construído, nessa união de pessoa e ambiente, não permitia que nada tirasse o sentimento de apego pelo lugar das famílias que lá residem.

No decorrer da pesquisa, fatores foram surgidos de desagregação dos moradores. As construções das usinas trouxeram grandes transtornos aos moradores da localidade. Em meio a toda essa diversidade, tive certeza que minha pesquisa caminhava no rumo certo. Eu queria saber: como são organizadas as atividades na lavoura e outras atividades rurais a partir da distribuição de tarefas entre os membros da família e que mudanças aconteceram no desenvolvimento do Assentamento Joana D'Arc III, que podem ter influenciado o modo de vida de agricultores e familiares, mais especificamente, no cotidiano das mulheres. A partir dessa curiosidade definimos o nosso tema de estudo: Geografia e Gênero no Assentamento Rural Joana D'Arc III: um lugar às margens da estrada, nosso eixo inspirador para o estudo geográfico.

O lugar à margem da estrada ganhou representação simbólica nesta pesquisa, por entendermos que na malha viária (pista de rolamento) da estrada, tudo está em constante movimento e, por isso, em constante vai e vem, dificilmente havendo tempo para que os viajantes possam parar, pensar, refletir e buscar respostas aos seus questionamentos. A margem da estrada é o local apropriado de parada e, principalmente, um lugar que só os verdadeiros donos conseguem parar por tanto tempo – mesmo que este tempo seja na busca por respostas – e ele continua presente na vida dos viajantes.

O Assentamento Joana D'Arc III é carregado de significados, sendo uma estrada de desafios e dificuldades. As curvas que compreendem a estrada histórica das pessoas tendem a ser acentuadas, a ponto das famílias expressarem suas incertezas futuras e avançarem além das curvas dificultosas, deixando as pessoas continuarem a sua margem, transformando o lugar que antes era próspero. Tudo era e é constante movimento: o modo de vida, a lavoura e seu lugar de vivência, a falta

de políticas voltadas a atender as mulheres, o empreendimento familiar e o descaso do poder público, fazem com que aquela comunidade continue às margens da estrada.

INTRODUÇÃO

A proposta da pesquisa segue ancorada em duas categorias geográficas, a saber: espaço e lugar. Estudar essas categorias atendeu a nossa inquietação sobre a forma de como as mulheres do Assentamento Joana D'Arc III percebem e compreendem o espaço em que estão inseridas. Entender o espaço vivido em suas diversidades e espacialidades geográficas, em seus lugares. A religião e culturas nos possibilitaram uma compreensão do presente e do passado, das ações individuais e coletivas, e que promovem o domínio de procedimentos que permitem às mulheres do assentamento detalhar, opinar e explicar o que está acontecendo em seu mundo.

Ainda na perspectiva de entender as relações íntimas das mulheres com o lugar, a pesquisa traz uma reflexão sobre o entendimento da pessoa, por meio do estudo das relações das mesmas com a natureza, do seu comportamento no espaço geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do lugar. Entender esses fatores nos despertou para o estudo da problemática: como estão divididas e organizadas as atividades rurais entre os membros da família e sua interferência no cotidiano das mulheres do Assentamento Joana D'Arc III.

Sabendo que para entender essas espacialidades das mulheres no assentamento seria necessário compreender suas percepções sob a ótica das categorias geográficas de espaço e lugar, buscamos os teóricos da Geografia Humanista para assim fundamentar nossos estudos. A construção do arcabouço teórico iniciou-se com as disciplinas: “Geografia e Gênero”, “Epistemologia da Geografia”, “Geografia Agrária”, “Geografia Cultural” e, ainda, através do Programa de Pós-Graduação em Geografia, na turma de doutorado, a partir da disciplina: “As Representações Simbólicas e o Mapa Mental na Geografia”, a qual endossou que o espaço, nesta pesquisa, passa a ser entendido sob o viés humanístico-cultural, entendido como forma do mundo vivido pelas mulheres no ambiente rural. Nesta ótica, a Geografia contribui para o entendimento do modo de vida no meio rural rondoniense, na compreensão das formas de organização da mulher junto à agricultura familiar.

Além das idas a campo, onde as vivências foram registradas em diário de campo, as observações foram vivenciadas e documentadas com registros fotográficos, as gravações com entrevista, foram necessárias, ainda, a aplicação de questionários a 69 (sessenta e nove) pessoas proprietárias de lotes, de um total de 70 famílias residente nas linhas 17 e 19. Os questionários possibilitaram melhor entendimento a respeito da quantidade de famílias residentes no assentamento, bem como a aquisição de dados comprobatórios da faixa etária de idade, nível de instrução, religião e rotina diária nos trabalhos realizados por homens e mulheres em cada família.

Os sentimentos e as percepções são fatores subjetivos que constituem parte intrínseca da vida das pessoas no assentamento e, nesta, estão presentes as questões internas de diferenciações de vidas, ações, reações e estímulos de cada pessoa humana. Portanto, essas questões devem ser analisadas na geografia humanista, pois são considerações e estímulos.

A própria denominação do assentamento escolhido já carrega o fator simbólico nele, uma vez que a história de “Joana D’Arc” é uma das mais fortes quando tratamos de demonstrar as mulheres derrubando os limites impostos a elas pela sociedade da qual fazem parte. A mulher guerreira, que é percebida nas mulheres do assentamento, faz jus ao seu nome e, por serem Joanas D’Arcs, são guerreiras que às vezes enfrentam em seu interior a fogueira da solidão e do esquecimento por suas escolhas, daí a vivência de seus sonhos.

Assim, o lugar é identificado por elementos do meio nos quais constroem as linhas demarcatórias dos lugares. Nessas, os elementos naturais são ressignificados nos termos da cultura local e são incorporados sob forma de significados a cada pessoa habitante do lugar, onde representam suas práticas produtivas e suas relações sociais a partir da ideia do espaço vivido.

Chamou-nos atenção o fato das mulheres, naquela localidade, terem um apego grande ao lugar. No entanto, depois da construção das Hidrelétricas do Madeira, o local ficou sem muitas perspectivas futuras.

O assentamento em estudo compreende um espaço rural onde cada lote possui uma extensão de 200 metros de frente por 1.500 metros de fundo, tornando-se um trecho bastante grande de pesquisa. Deste modo, houve delimitação na área do estudo à linha 17 e 19. A partir disso, fomos conhecermos a extensão dos seus 27 km de atividades peculiares da agricultura familiar, o que é bem característica do

lugar onde residem.

Destarte, esta dissertação foi estruturada em cinco capítulos, os quais foram elaborados de maneira a evidenciar o lugar, o espaço vivido e percebido das mulheres no assentamento Joana D'Arc III.

O primeiro capítulo trata de entender as teorias da ciência geográfica que respondem à problemática, aos objetivos e, concomitantemente, que fossem pertinentes ao nosso conhecimento das categorias estudadas, a saber: o espaço vivido e o lugar das mulheres que estão vivenciando as transformações no Assentamento.

No segundo capítulo discorremos sobre o método e a metodologia. Nele também se mostrou parte das entrevistas que foram selecionadas, pois embora o universo da pesquisa compreenda 70 (setenta) famílias que residem na linha 17 e 19, para compreender a realidade estudada foram entrevistadas quatro mulheres escolhidas por critérios como tempo de moradia no assentamento, idade, envolvimento nas organizações sociais e escolaridade.

No terceiro capítulo elaboramos um panorama visual do assentamento, pois compreendemos que a mudança na paisagem envolvente denotou, às mulheres, sentimentos e atitudes diferentes dos anteriormente vivenciados, os quais foram percebidos no decorrer da pesquisa.

O quarto capítulo apresenta as características culturais, sociais e políticas externalizadas nas experiências vivenciadas pelas mulheres do Assentamento Joana D'Arc III. As convicções, comportamentos, religião, ou seja, as relações sociais vividas que movimentam as comunidades como uma unidade. Todavia, quando nos aproximamos na pesquisa, observamos as mudanças que cada uma possui.

No quinto capítulo evidenciamos as representações no meio rural que foram entendidas, as características peculiares de cada mulher, sua história e sua rotina diária e suas ações desenvolvidas, nas quais identificamos as questões de gênero daquela comunidade.

Este espaço construído a partir de representações de gênero, no lugar vivenciado pela mulher rural, foi-nos, aos poucos, sendo entendido, assim como o desligamento feminino em detrimento das múltiplas jornadas de trabalho da mulher, o sentimento vivido por estas mulheres, as dores e perdas por elas retratadas nas atividades rurais.

Partindo destes questionamentos, compreendemos a utilização do espaço enquanto as construções sociais constituídas por mulheres, que nele ainda não possuem força decisória e gestora nas diversas necessidades que possuem, a saber: no trabalho, nas oportunidades, na ascensão social e até mesmo na feminilidade no que condiz às representações de gênero, visto ser esse espaço presente nas questões subjetivas de análise da geografia.

Realizamos este estudo para contribuir com as novas perspectivas de análise de gênero na Geografia Agrária. Durante os trabalhos de campo e as vivências nas diversas atividades realizadas pelas mulheres rurais, deparamo-nos com algumas mulheres que se destacaram diante dos moradores daquela localidade. Ainda, o método fenomenológico nos propiciou o entendimento necessário para compreender todos os fenômenos presentes no espaço vivido e no lugar estudado. Estes elementos estão representados nos sentimentos, vivências, lugares e espacialidades representados pelas mulheres pesquisadas neste estudo.

CAPÍTULO 1: GEOGRAFIZANDO O ESPAÇO E O LUGAR



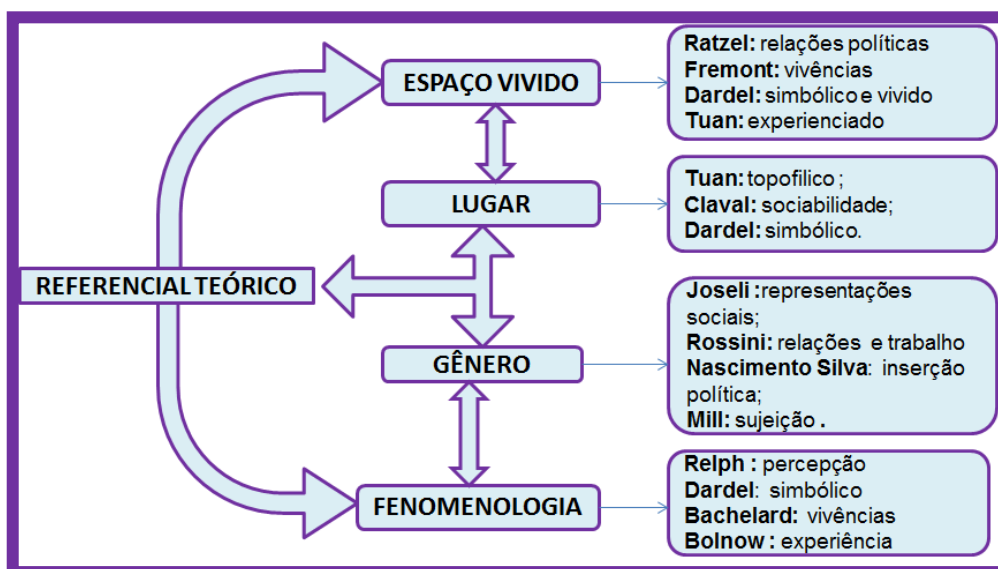
Figura 01: Estrada do Assentamento Joana D'Arc III. Porto Velho/RO. (FERREIRA, 2013).

“um entendimento do mundo humano, através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar” (TUAN, 1985).

Procuramos definir as concepções das categorias geográficas de espaço vivido e de lugar, para depois adentrarmos na concepção de gênero e de fenomenologia adotados em nosso estudo. Apresentar essas definições, no primeiro momento, permite que nossas exposições sejam mais claras aos leitores, quando utilizarmos esses conceitos.

Primeiramente, passaremos a entender os conceitos de espaço vivido que foram evidenciados por Fremont (1980), Dardel (2011), Tuan (1980; 1983) e Bollnow (2008). Em seguida, exporemos o conceito de lugar; para tal começaremos por Ratzel (1990), depois Tuan (1980; 1983; 2005) e Claval (2001; 2007; 2011). Na sequência, trazemos os conceitos que nos foram úteis dos fenomenólogos Relph (s/d), Bachelard (1997; 2008; 2012), Dardel (2011) e Bollnow (2008). E, para o entendimento sobre a questão de gênero, utilizaremos Rossini (1997; 2005; 2006), Nascimento Silva (2004; 2010; 2011), Mill (2006) e Joseli Silva (2010; 2011).

Quadro 1: Organograma do referencial teórico e metodológico



Organizado: FERREIRA, Telma, 2013.

No organograma demonstrado no Quadro 1 constatamos a relação indissociável que elenca os teóricos desta dissertação. Percebemos a ligação entre o espaço vivido e sua materialidade exposta no lugar que é conhecido e experienciado, e, também, evidenciamos a questão de gênero que foi compreendida por meio da fenomenologia.

O pensamento geográfico de estudo do lugar conceitua uma categoria de análise que nos conduziu ao entendimento das abordagens da Geografia

Humanista, em que os laços de afetividade que unem as pessoas a este lugar são pontos relevantes para a compreensão desta categoria. A espacialidade das questões culturais e políticas encontram-se representadas em todas as relações sociais que se constroem em torno do lugar geográfico.

O conceito de espaço, utilizado aqui por Ratzel (1990), conduziu-nos ao entendimento de ação de Estado e sua forma de intervenção nas características das organizações sociais. No entanto, embora o conceito de espaço entendido pelo autor não esteja em concílio com o conceito de espaço aqui defendido, o utilizamos para evidenciar a força de modificação imposta pela organização estatal e, conjuntamente, o utilizamos para essa pesquisa como modo de entender o empreendimento histórico conceitualmente vivenciado.

Sabemos que, para a Geografia Cultural, há um lugar no espaço e esse é diferenciado à medida que esta conceitualmente o diferencia por meio da vivência humana, pois agregamos através da percepção e sentimentos, seguranças nas experiências, fatores que são evidenciados em pontos específicos que denominamos de lugar. Quando o lugar deixa de possuir características e especificidades, como segurança e proximidade, ele é esquecido e volta a ser espaço.

Ao abordamos as considerações de cunho epistemológico referentes ao contexto de lugar, apontado por Ratzel (1990), entendemos que suas concepções e proposições de cultura se dão por meio de confecções de artefatos, deslocamentos e adaptações ao meio que influenciam os trabalhos realizados pela sociedade. Uma vez que, para ele, o estudo geográfico da cultura confundia-se com a dos artefatos utilizados para dominar o espaço.

Os espaços terrestres, considerados como “habitado do gênero humano” não permanecem imutáveis, especialmente porque o homem, mediante povos meio que buscam para si (por exemplo, as comunicações), modifica suas relações com eles, e também pelo efeito das transformações que a Terra por si própria sofre. A humanidade vai se apegando cada vez mais à Terra, harmoniza-se cada vez mais com ela e se multiplica estabelecendo com a Terra um contato cada vez mais íntimo e utilizando cada vez mais habilidade as condições dadas (RATZEL,1990, p. 47).

Frederich Ratzel (1990) reconhecia nos povos características intrínsecas à cada um. Ele evidencia o atributo de sua essência, pois uma vez que cada povo domina suas técnicas, asseguram a sobrevivência de sua sociedade e se adaptam.

É um entendimento plausível para a época em que o autor viveu, mas com o avanço contínuo dos estudos geográficos vemos que este lugar, que Ratzel entendia como sendo relações construídas a partir de suas modificações e aproveitamento das técnicas e ferramentas que modificavam o ambiente, não dá ênfase à cultura e ao modo de vida, que conduzia os povos a construírem as ferramentas e inovarem suas técnicas.

Vimos, com isso, que embora Ratzel (1990) apresente grande contribuição ao estudo geográfico sobre a base da categoria território, este passa a ser entendido como um lugar de construção de vivências e experiências nas relações existentes no espaço habitado.

Por isso continuamos o estudo para que, em uma perspectiva mais recente, pudéssemos encontrar em Paul Claval (2007) um novo modo de compreensão de determinadas construções. Para este autor, “falar dos lugares ou dos ambientes, não há outro meio do que proceder ao batismo da terra e elaborar um vocabulário próprio para qualificar as diferentes facetas do espaço” (CLAVAL, 2007, p. 201). E, com isso, entender não só as ferramentas, mas o porquê de construí-las ou remodelá-las.

1.1 O Espaço Habitado e as Construções Sociais

A geografia humanista tem o propósito de alcançar a compreensão do ser humano da sua condição e do meio em que vive. Tenta explicar e entender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana.

Em Tuan (1983), as ideias de espaço e lugar não podem ser vistas uma sem a outra, pois a partir da segurança e da estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude e da ameaça do espaço, e vice-versa. Considerando o espaço mais abstrato que o lugar, o autor dispõe “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 43).

Enquanto que o lugar é a tranquilidade e transmite segurança, o espaço é amplo e muitas vezes desconhecido, por sua amplitude. Por isso buscamos o conceito utilizado por Fremont (2011, p. 28) de espaço vivido que “parece assim

constituído por uma compactação de estratos sucessivos que se acumulam, se apertam, se esquecem mais ou menos [...]. Esta estratificação comporta evidentemente componentes pessoais, próprios de cada indivíduos”.

A partir das ideias de Fremont (2011) a respeito do espaço que os seres humanos se relacionam de diversas maneiras, onde os laços de afetividade os unem ao lugar, desde os aspectos mais simples do dia-a-dia, através das referências de valores e sentimentos, o lugar lembra as experiências e as aspirações dos seres humanos, sendo assim fundamental para a construção da identidade.

A identidade é construída em contextos de diversas realidades, pois como bem evidenciou Tuan (1980, p. 285), “a realidade nunca é exaustivamente conhecida, não importa quantas sejam as perspectivas humanas”. A identidade é um elo criado que vincula as pessoas por identificação ao lugar, ao gênero, aos elementos que constituem a sociedade em que o indivíduo está inserido.

Ao se interessar pelo elo que as pessoas manifestam com o lugar e com o espaço vivido, as experiências vivenciadas passam a ser o centro de referências para outros elementos de identidade, e podem representar a fé, o alimento, os hábitos culturais, os costumes. Todos se encontram com posições de distinção identitária que possibilitam às pessoas residentes no espaço e lugar a se identificarem e a identificá-lo como seu:

o espaço vivido, em toda a sua espessura e complexidade, aparece assim como o revelador das realidades regionais; estas têm certamente componentes administrativos, históricos, ecológicos, econômicos, mas também, e mais profundamente, psicológicos. A região não é, pois um objeto com realidade em si, tal como o geógrafo ou qualquer outro especialista não são analistas objetivos de um universo como que exterior ao próprio observador, do mesmo modo que a psicologia dos homens se não poderia reduzir a uma racionalidade dos interesses econômicos ou das adaptações ecológicas (FREMONT, 2011, p. 17).

Incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio material, que caracteriza o espaço vivido, Tuan (1980) corrobora o pensamento de Fremont (2011) e se manifesta mesclando o lugar habitado aos incidentes humanos e lembranças, surgindo como um envolvimento suave, inconsciente com o mundo físico. As relações sociais engendram afeição ou desprezo, uma vez que os lugares e os sentimentos são uma extensão da personalidade e caracterizam a identidade.

Assim, a consciência do passado é um elemento importante do amor pelo lugar, encarada como herança, um legado a ser preservado, algo que enraíza os

sentimentos, uma memória que pode ser tanto individual quanto social e reaparece nas relações pessoais com a simbologia do espaço vivido. Logo, “as formas e as estruturas da organização do espaço não podem escapar às influências do crescimento [...], pois este provoca um movimento dos fluxos de mercadorias, de informações de população, que passa pela rede das cidades” (FREMONT, 2011, p. 77).

Tais laços de afetividade que ligam o homem – abstrata ou concretamente – ao lugar vivido despertam sentimentos e provocam relatos e referências verbais e/ou escritas. E, na busca de resgatar o sentimento topofílico, as pessoas buscam evocar dentro de si e captam o sentimento que os lugares os fazem sentir de acordo com seu cotidiano, com a experiência de uma gama ampla de motivos e emoções. Para Tuan, o laço sentimental que o homem sente pelo lugar ocorre de

muitas formas e varia muito em amplitude emocional e intensidade. É um começo descrever o que elas são: prazer visual efêmero; o deleite sensual de contato físico; o apego por um lugar por ser familiar, porque é o lar e representa o passado, porque evoca orgulho de posse ou de criação; alegria nas coisas (TUAN, 1980, p. 286).

Esse espaço, que é transformado em lugar com o sentimento de experiência, passa a representar a base da reprodução da vida (vivência afetiva) e pode ser analisada pela tríade habitante-identidade-lugar, existindo uma relação ou mesmo uma identidade com o indivíduo.

A abordagem do espaço vivido e lugar constitui-se como conceito importante para a base epistemológica da Geografia utilizada em nossa pesquisa. Assim sendo, temos buscado evidenciar o uso desses dois conceitos no sentido de construir uma análise abrangente da relação de gênero no Assentamento Joana D’Arc III.

Os conceitos de espaço vivido e lugar representam as ações e relações sociais como fator intrínseco. Estes ganham seu significado dependendo das formas de relações e vivências através das experiências. As relações humanas desenvolvidas no entorno de cada grupo social, permeiam a modificação do espaço geográfico traçando itinerários, muitas vezes, construídos histórica e socialmente em penumbras desumanas arraigadas de tristezas e perdas de identidade.

Os hábitos praticados por longos tempos acabam alicerçando a cultura da sociedade ocupante deste espaço, embora o aspecto cultural represente patrimônio para quem o constrói. A falta de consciência dos governantes (detentores do poder)

fez do lugar topofílico um espaço vivido carregado de angústias sentidas pelos moradores do lugar transformando-o, desse modo, em um lugar “topofóbico” (TUAN, 2005).

As conexões existentes nas relações entre os fenômenos geográficos e as relações sociais, acenam para um entendimento da importância do ser enquanto fator predominante no espaço. Em consequência, a diversidade humana exerce influências na modificação do lugar.

Entender as construções que permeiam o espaço geográfico é uma de nossas metas. Ximenes (2008) aponta que é no espaço que a compreensão humana sobre o meio em que vive acontece, onde este revela a qualidade das atividades desenvolvidas frente à conscientização humana se desenvolve. Sendo assim, o espaço passa a ser considerado como instância da sociedade, mesclado aos artefatos, representados através das ações e objetos sobre o sistema, ou seja, o espaço permanece em detrimento da ação humana.

Segundo Claval (2007, p.13), “as práticas que modelam o espaço ou que são desenvolvidas no sentido de utilizá-lo misturam estreitamente o ato”, representando o ambiente natural e o círculo social. Quando as mudanças no espaço se aceleram, a sociedade incorpora suas energias que, dependendo das relações que construiu, os sentimentos “aprisionam” os habitantes do espaço degradado. Ainda, “a paisagem carrega a marca da cultura e serve-lhe de matriz” (CLAVAL, 2007, p. 14). Neste caso, a história da sociedade fica presa à modernidade e ao progresso, que tanto eram almejados, pois trariam melhorias para a comunidade.

1.2 O Sentimento Topofílico: as emoções e o apego ao lugar

A importância do argumento sobre a categoria lugar consiste em articular o estudo da geografia das representações sociais existente em cada lugar, seja este representado fisicamente ou nas relações que são construídas entre as pessoas e, concomitantemente, deve ser compreendido em todas as suas dimensões geográficas, já que fazem parte da dinâmica humana. Por isso, Claval (2011) enfatiza as habilidades desenvolvidas pelos camponeses, onde observou que elas foram adquiridas pouco a pouco, estando inteiramente ligadas ao contexto social em que o indivíduo está inserido. Para o autor, há de se considerar dois aspectos

importantes: a primeira vertente é a do “domínio da orientação e das grades de localização que estão relacionadas”, e a segunda é referente ao “conhecimento dos recursos oferecidos pelos diversos meios naturais e sociais encontrados” (CLAVAL, 2011, p. 33). Nesta perspectiva, o autor pontua como pode ser entendida a experiência que dá origem aos saberes coletivos no campo da geografia.

O estudo desenvolvido por Claval (2011) sobre a Geografia Vernacular refere-se ao saber do camponês, do homem que vive no campo, pois seu conhecimento é passado de geração para geração. E esse aprendizado, compreendido dentro de um eixo cultural de relações que cada grupo faz, articula-se de acordo com sua necessidade. Assim,

nas culturas vernaculares, o trabalho de exploração e de aprendizado dos meios aos quais se dedicavam as pessoas, lhe permitia acumular conhecimentos frequentemente ricos e matizados sobre os diversos lugares ou territórios que compunham o espaço frequentado. Estes saberes eram indissociáveis das maneiras de fazer apreendidas e mobilizadas para explorar o ambiente, produzir instrumentos e ou equipamentos demandados pelo indivíduo a célula familiar ou o grupo, e inserir-se nas redes existentes de relações sociais (CLAVAL, 2011, p. 37).

Se, para Claval (2011), os saberes populares têm em sua gênese certos aspectos, tais como a vivência, os costumes tradicionais e, em alguns casos, a base religiosa, para nossa pesquisa o lugar de vivência das mulheres do assentamento Joana D’Arc III representa o lugar vivenciado por elas. Neste lugar, a representação da aprendizagem, como habilidade apreendida, é automática e se caracteriza de acordo com o contexto de cada lugar, onde cada membro da comunidade tem atitudes que, muitas vezes, são ensinadas desde criança, para algum fim específico.

Esse fator era interiorizado para acelerar o conhecimento espacial e, uma vez guardado em sua memória, as ações eram espontâneas. Por exemplo, quando as divisões espaciais portam um nome ele é interiorizado com muita facilidade, passando a ser um lugar; com o decorrer do tempo, ele é interiorizado pelos seus moradores, tornando-se patrimônio daquele grupo social.

Neste sentido, reconhecer que a geografia faz parte dos saberes indispensáveis a toda sociedade, é reconhecer que o entendimento da categoria de análise conceituada neste capítulo passa a ser primordial. Por isso, a maneira como ela foi compreendida também foi evidenciada no decorrer do texto, a saber: como

um lugar geográfico de construção científica, enriquecido pelos dados obtidos em cada lugar que foi observado por nós como pontos essenciais de sua investigação.

Estudar a categoria de lugar sob a perspectiva da Geografia Humanista – que propõe uma complexa abordagem acerca das especificidades que agem na realização deste em determinado espaço – deve estar estreitamente ligada às experiências humanas do cotidiano. Desta forma, a categoria de lugar surge no centro das discussões propostas pelos Geógrafos Humanistas, que se empenham na elucidação dos arranjos materiais e simbólicos que o formam.

Nesta conjuntura, entre a categoria de lugar e a Geografia Humanista, faz-se o enlace para um entendimento dos lugares de cultura e de lazer presentes na realidade dos moradores do Assentamento Rural Joana D’Arc III. Assim, levando-se em conta as propriedades que formam os lugares do cotidiano, parte-se para uma sobreposição do lugar experienciado pelo habitante em seu dia-a-dia, com os lugares apropriados para a continuação da residência na localidade. Desta maneira, torna-se possível analisar as dinâmicas que transformam o espaço (muitas vezes indiferente ou enjeitado) em lugares intimamente experienciados.

Vemos a necessidade de uma abordagem humanística-cultural a partir da fenomenologia, que é uma forma de analisar as ações, as percepções e decodificar as simbologias que transformam os espaços em lugares, onde as experiências e as vivências do lugar, bem como a afetividade pela terra, desempenham um papel fundamental na construção da identidade de homens e mulheres.

Na realidade do dia-a-dia dos lugares, os saberes empíricos são alicerçados em habilidades que seus integrantes desenvolvem ao longo de suas vidas. Estes saberes, para Claval (2011), transformam-se mais pela imitação do que pelas palavras e, em sua grande parte, são passados de pais para filho, como se fossem uma genética de experiências e habilidades conquistadas pelo saber-fazer, sendo o saber uma “herança sem estrutura organizada”. Sobre saberes herdados, o autor utiliza a experiência de um determinante

caçadores e nômades, os Inuit associam estreitamente a geografia aos deslocamentos e a caça, considerando como duas faces de um mesmo saber, reconhecido por ocupar um lugar específico no campo do conhecimento. As conversações relacionadas se concentram mais sobre a prática do que sobre o saber que a sustenta, de modo que se trata de um saber pouco verbalizado. [...] Os homens que dominam perfeitamente este saber são os “verdadeiros homens”, os homens do território (CLAVAL, 2011, p. 24).

Os saberes geográficos tradicionais podem ser ricos e a sua transmissão é, às vezes, difícil, baseando-se mais nas experiências partilhadas do que nos discursos. Assim, as vivências compartilhadas em cada grupo são denominadas por Claval (2007, p. 63) de cultura, quando afirma que ela “é uma herança transmitida de uma geração à outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e seus deuses se manifestaram”.

Na sequência para entender o lugar vivido pelas mulheres no Assentamento Joana D’Arc III, chegamos a Tuan (1976) que dispõe que a geografia deve ser entendida, também, nos espaços metafísicos. Para ele, o entendimento do lugar deve ocorrer a partir de uma orientação humanista, em que o objetivo é a compreensão de como as comunidades sentem o lugar. Sua intenção foi de realizar nova leitura desta categoria, buscando na filosofia o conhecimento científico para analisar os fenômenos humanos.

Ao oferecer um novo modelo de enxergar os fenômenos geográficos, Tuan (1980) elabora a nova abordagem sobre o entendimento geográfico de lugar. Este não mais como aglomeração e necessidade econômica, mas evidenciando que as relações existentes no lugar sejam espirituais, “religioso”, material, “físico ou biológico”, tal como “as habitações que podem se tornar um símbolo da totalidade psíquica, um microcosmo capaz de exercer uma influência benéfica sobre os seres humanos que entram no lugar ou que aí vivem” (TUAN, 1980, p. 15).

Neste aspecto, percebemos um lugar de emoções construído a partir das influências do homem agindo no meio físico. A partir desta perspectiva, o conceito cunhado por Tuan (1980) passa a ser um componente da *démarche* geográfica, já que sua proposta insiste sobre a importância do vivido, sobre o sentido dos lugares, conhecer a lógica do sentimento de afeto pelo lugar vivido e das representações existentes que modelam a experiência que as pessoas têm do mundo e como este influi sobre sua percepção. Sendo assim, é possível entender que o lugar defendido por Ratzel é diferente do proposto por Tuan e Claval, estes que nos apoiaram durante a nossa análise.

Para Tuan (1983) a ideia de espaço e de lugar não pode ser compreendida uma sem a outra, pois a partir da segurança e da estabilidade do lugar estaremos cientes da amplitude do espaço e vice-versa. Ele considera o espaço mais abstrato

que o lugar, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar a medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 43).

1.3 A Questão de Gênero no Espaço Agrário

Em estudo geográfico que apresenta as construções sociais de desigualdade humana, embora ainda um pouco limitado de exploração, é visível, na sociedade atual, ação discriminatória da mulher em detrimento da cor, idade, posição social e outros fatores que a colocam em grau de inferioridade. Neste caso, fica claro o entendimento de que os conhecimentos científicos geográficos dependem do contexto e da forma específica de atuação do pesquisador, desde que este nunca deixe de ignorar as fundamentações da pesquisa que, de um modo ou de outro, contribuíram para o entendimento da Ciência Geografia.

A jornada de trabalho da mulher no ambiente rural é árdua, uma vez que ela tem que exercer uma dinâmica de trabalho que, às vezes, esgota sua força não só física, mas mental. Os diversos papéis exercidos por uma mulher que ajuda seu marido na roça, que cuida do lar, dos filhos e que, muitas vezes, também tem que trazer o alimento para o sustento da família, e, ainda assim, é desprovida de reconhecimento. Neste sentido, entendemos que

quanto ao trabalho no lar, ou seja, o doméstico, ele aparece como uma atividade desprovida de valor, não se vincula diretamente à produção e não é remunerado mediante salário. Nesse sentido, o trabalho doméstico nas áreas rurais é de responsabilidade das mulheres, desde muito cedo a menina já é preparada para realizar essas tarefas, como cuidar da casa, dos irmãos mais novos, o lavar as roupas, cozinhar, cuidar dos animais domésticos, das hortas e de pequenos cultivos próximos da casa, incluindo jardins (NASCIMENTO SILVA, 2010, p. 10).

Se por um lado, o trabalho na agricultura é considerado pela mulher como ajuda ao companheiro – mesmo que elas trabalhem igualmente ao homem –, por outro, seus companheiros (na maior parte) consideram o trabalho delas como uma “ajuda” e não como um “trabalho”. No entanto, os afazeres em casa são considerados atividades específicas para as mulheres, não importando, neste caso, a super carga de trabalho, já que a ajuda dada ao marido não seria somada a esse rol de atividades.

Diante disso, entendemos que há uma desigualdade de gênero: o trabalho na lavoura para o homem é trabalho, e o mesmo não é assim entendido quando realizado pela mulher, mesmo com todo esforço executado antes, durante e após a lavoura. Sobre este aspecto, o trabalho da mulher continua na esfera reprodutiva, invisível e desvalorizado.

As mulheres, na dupla jornada de trabalho, empreendem esforços na criação dos filhos e na organização do lar onde, e algumas vezes, toda a família é aglomerada ou reunida em torno da figura matriarcal. A dura jornada vivenciada junto aos filhos e ao companheiro/esposo pode ser vista em Claval (2007) como um modo de “cravar” na cultura (modo de vida) patriarcal a invisibilidade do trabalho da mulher.

Na medida em que a ação humana não é fundida diretamente sobre o instinto, mas sobre o instinto contextualizado, normalmente é canalizado pela cultura, ela supõe memorização de esquemas de condutas, atitudes, práticas e conhecimentos. As formas que revestem a memória são múltiplas (CLAVAL, 2007, p. 83).

A desigualdade de gênero no empreendimento familiar constrói um espaço rural de rotina, em que a mulher é obrigada a somar dupla ou tripla jornada de trabalho. E, mesmo consciente de seus direitos e deveres conquistados ao longo dos anos, ainda guarda escondido no seu sentimento marcas de desigualdades sociais profundas, que aqui entendemos como uma construção social de desigualdade de gênero.

O que respalda no estudo geográfico a discussão sobre gênero é o entendimento que no campo da geografia as reflexões tornam-se cada vez mais dinâmicas, como fator preponderante o estudo da ação social dos seres humanos. A Geografia Humanista busca explicar relações que se constroem em detrimento da cultura vivenciada em cada realidade. Neste sentido, Paul Claval (2001) defende que a cultura se dá na relação sensível e visível com a superfície da terra.

Ao entender que a geografia está em toda parte, também notamos que as questões relacionadas ao gênero percorrem os ambientes rurais com muita intensidade. As experiências nas atividades rurais demonstram uma relação de espaço e lugar carregadas de simbolismos, muitas vezes camufladas a ponto de fundirem-se ao preconceito e ao descaso. Assim, o espaço é entendido por Soja

(1993) como organizações que dão sentido às transformações sociais, a partir do que entendemos que

o espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produto da translação, da transformação e da experiência sociais [...]. O espaço socialmente produzido é uma estrutura criada, comparável a outras construções sociais resultantes da transformação de determinadas condições inerentes ao estar vivo (SOJA, 1993, p. 101-102).

O poder exercido pelo chefe da família em ambientes rurais acaba por deflagrar uma relação desigual nas representações de gênero presentes nas relações familiares. Ao delegar autoridade ao homem, a sociedade tira da mulher seu poder de decisão. Isso porque o poder simbólico, exercido nestas situações, acaba sendo o principal construtor da realidade.

A falta de empoderamento à mulher faz com que se submeta a todas as ordens de desigualdade, aceitando a submissão que, exercida por muito tempo, incorpora-se a sua rotina diária. Mill (2006) afirma que

os homens não querem unicamente a obediência das mulheres; eles querem seus sentimentos. Todos os homens, exceto os mais brutais, desejam encontrar na mulher mais próxima deles, não uma escrava conquistada à força, mas uma escrava voluntária; não uma simples escrava, mas a favorita [...] Portanto eles colocam tudo o que for possível em prática para escravizar suas mentes (MILL, 2006, p. 31-32).

A concepção de gênero imposta à mulher é preconceituosa, uma vez que ela é vista como um ser menor, frágil, delicada, amorosa, meiga e de compreensão intelectual inferior. Rossini (1997) esclarece que as nomenclaturas usadas em conceitos por grandes teóricos foram embaladas na lembrança materna fundamentada em “fragilidade”, “bondade”, “amor”, “desapego”, “prazer”, enquanto o paterno é fundamentado em “firmeza” e “autoridade”. Essa é uma forma de continuação da discriminação de gênero.

O estudo sobre gênero nos leva à reflexão das práxis sociais excludentes que envolvem a mulher e o desconhecimento do que significa ser feminista e ser feminina, pois

gênero é um conceito que identifica o tipo de relação social que se estabelece entre homens e mulheres, determinada pela cultura em que vivemos. As relações de gênero são socialmente construídas e, como tal,

específicas de cada formação social que por sua vez sofre alterações econômicas e culturais. O termo sexo é diferente de gênero, pois diz respeito às diferenças biológicas entre homens e mulheres. Igualdade e equidade de gênero, quando falamos em igualdade de gênero, estão aplicando essa definição às relações sociais entre mulheres e homens. Nesse sentido, a igualdade de direitos de oportunidades e acesso aos recursos bem como a distribuição equitativa das responsabilidades relativas a família são indispensáveis ao bem estar social (ROSSINI, 2006, p. 18).

A realidade de preconceito, de submissão e de desconhecimento advinda das décadas de imposição da sociedade permanece até hoje nas representações de gênero existentes na sociedade.

CAPÍTULO 2: MÉTODO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS



Figura 02: Entrada de um lote no Assentamento Joana D'Arc III "casa assoalhada" Porto Velho/RO (FERREIRA, 2013).

"O espaço subjetivo pertence ao mundo mental: significa o coração das coisas" (TUAN, 1980, p. 134).

Neste capítulo trataremos do método que norteou o caminho das análises geográficas para fundamentação desta pesquisa, o qual nos possibilitou uma gama de interações em evidenciar a teoria e a vivência do campo. Escolhemos o método fenomenológico em geógrafos que trabalharam no entendimento da construção do conceito de espaço geográfico e lugar. Tratam, em essência, da proposição do espaço social, como produto das relações sociais em sua produção e reprodução e, ao mesmo tempo, como suporte para que elas aconteçam. Desta maneira,

a questão do método é fundamental porque se trata da construção de um sistema intelectual que permita, analiticamente, abordar uma realidade, a partir de um ponto de vista, não sendo isso um dado *a priori*, mas uma construção no sentido de que a realidade social é intelectualmente construída (SPOSITO, 2004, p. 24).

Os conceitos de espaço social e espaço geográfico são elaborados a partir da compreensão dos elementos presentes na realidade estudada. Nesse entendimento, o que os diferencia é a forma como as relações sociais se constroem em cada espacialidade, por isso que o método é entendido na fenomenologia como:

processo eidético e o processo experimental não estão ligados por relacionamentos de sucessão. As essências só podem ser tratadas a partir da experiência do fato, e o fato só pode ser tratado considerando-se a visão das essências. Há um relacionamento dialético entre só processo, ou melhor, holístico (DARDEL, 2011, p. 189).

Nesta afirmativa percebemos que, para a fenomenologia, o que vai interessar é a essência dos indivíduos e a visão holística que nos permite entender um espaço vivido e constituído por uma compactação de estratos sucessivos que se acumulam, se apertam, se completam e se reconstroem a cada temporalidade presente na história e cultura social. Essa conjuntura também é explicada ao entendermos que esse espaço “comporta evidentemente componentes pessoais, próprios de todos os indivíduos”, pois o “espaço (social) é um produto (social)” (FREMONT, 1980, p. 28). Este compreende as relações sociais que, ao serem estudadas, devem seguir normas para um entendimento conforme embasamento teórico-metodológico. Neste aspecto, buscamos o método que Sposito (2004, p. 26) pontua: “método é forma de proceder ao longo do caminho. (...) o método traça de modo ordenado formas de proceder do cientista ao longo de um percurso para alcançar um objetivo.

As relações sociais entre os grupos, junto às organizações familiares, determinam a produção e reprodução sócio espacial. Logo, o espaço é evidenciado ao homem, como estimulador de suas conquistas e repressor de suas incertezas. Podendo esse ser algo hostil, ou mesmo estranho, “o espaço social agrupa as coisas produzidas e envolve suas inter-relações” (BOLLNOW, 2008, p. 18).

Se pensarmos a emoção que invade o pintor a explicar sua pintura em uma tela, logo entenderemos os sentimentos presentes que ocupam um espaço vivido, pois tudo o que existe na superfície da terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana podem ser explicados a partir da fenomenologia, que “é fundamental para a compreensão de toda a vida humana, pois o esquema espacial vale ao mesmo tempo no sentido figurado, para toda situação do homem” (BOLLNOW, 2008, p. 50).

O conceito de espaço geográfico que utilizamos contribui para o entendimento que engloba, simultaneamente, o concreto e o abstrato a partir de uma abordagem fenomenológica. Nesta concepção, compreendemos e evidenciamos o espaço vivido, a construção e a identidade formada no lugar através da análise fenomenológica conjuntamente com a técnica de entrevista. Por isso, o “mérito de propor uma abordagem global dos fenômenos da percepção em que se combinam tanto caracteres objetivos de estruturação como fatores subjetivos” (FREMONT, 2011, p. 17).

Na subjetividade, o espaço a partir das relações se faz e evolui estabelecendo relações sociais. Desta maneira, entendemos que o espaço e o lugar não são neutros, uma vez que englobam todas as espacialidades construídas a partir do “indivíduo ao grupo, ou entre grupos, segundo relações que se denominam, tensões, oposições, lutas, ou então solidariedades, colaborações, compromissos” (FREMONT, 2011, p. 34).

Nessa perspectiva fenomenológica, para entender o espaço vivido, perpassa primeiramente pela interioridade de cada indivíduo que fez parte desse estudo, pois

o espaço geográfico não é somente superfície. Sendo matéria, ele implica numa profundidade, numa espessura, numa solidez ou numa plasticidade que não são dadas pela percepção interpretada pelo intelecto, mas encontrada numa experiência primitiva (DARDEL, 2011, p. 15).

Destarte, o espaço vivido e o lugar habitado possuem sentido e sentimentos construídos e, na perspectiva fenomenológica utilizada para propor uma leitura da vivência humana, as formas de sustentação do cotidiano das pessoas, como trabalho, prazeres, tristezas, alegrias, tornam-se a base central do fenômeno estudado. Bollnow (2008) acrescenta que, neste caso, a fenomenologia explica as espacialidades estudadas em cada realidade identificada por este método utilizado pela geografia.

A organização do espaço subjetivo ocupado pelo gênero é um estudo geográfico que apresenta as construções sociais de desigualdade humana, embora este campo tenha ficado um pouco limitado de exploração. O método fenomenológico como caminho geográfico para o entendimento do espaço vivido dá suporte aos geógrafos, estudando as áreas possíveis para exploração do campo da geografia. É nesse intuito que a fenomenologia, conjuntamente com as entrevistas, propiciaram subsídios para entender que a “consciência individual pode ajudar-nos a reconstituir a subjetividade das imagens e a medir a amplitude, a força, o sentimento as transubjetividade da imagem” (BACHELARD, 2012, p. 3), criadas pelas mulheres do Assentamento Joana D’Arc III.

2.1 Caminhos para o Entendimento do Lugar

A cultura predominante no ambiente rural, neste caso específico o Assentamento Joana D’Arc III, carrega tratamento diferenciado para homens e mulheres. A construção que ocorre entre cada indivíduo reflete de maneira diferente e particular em cada pessoa. Enquanto para alguns o trabalho na lavoura é diferenciado pelas atividades divididas entre homens e mulheres, para outros a ação agressiva de imposição ao trabalho é experienciada de forma diferente, dependendo da estrutura familiar. Muitas vezes, esta é representada apenas pela figura materna, pois tem maior carga de trabalho e suas atividades são triplicadas. E isso pode ser evidenciado em Tuan (1980, p. 284), pois

uma pessoa é um organismo biológico, um ser social e um indivíduo único; percepção, atitude e valor refletem os três níveis do ser. Os seres humanos estão biologicamente bem equipados para registrar uma grande variedade de estímulos ambientais. A maioria das pessoas durante suas vidas fazem

pouco uso de seus poderes perceptivos. A cultura e o meio ambiente determinam em grande parte quais os sentidos são privilegiados.

O aceitar do esforço imposto carrega simbolismo de desigualdade em detrimento das relações de gênero construídas na sociedade. Essa desigualdade facilmente aceita não é questionada pela mulher, constituindo-se em uma rotina que, muitas vezes, é evidenciada por existir ainda na atualidade, configurando uma diferenciação do que é ser homem e do que é ser mulher.

Desta maneira, o método explica quando a ação imposta pelo sujeito praticante propicia desfavorecimento à outra parte que aceita a ação atribuída. A compreensão da mulher em espacialidades que são formadas no interior masculino, é evidenciada na dinâmica de gênero imposta à mulher através de atividades realizadas no ambiente rural. Neste entendimento, Bachelard (2012, p. 4) afirma

se assim podemos dizer, uma fenomenologia microscópica. [...] Para bem especificar o que pode ser uma fenomenologia da imagem, para especificar que a imagem vem antes do pensamento, seria necessário dizer que a poesia é mais que uma fenomenologia do espírito, uma fenomenologia do espírito, uma fenomenologia da alma. Deveríamos então acumular documentos sobre a consciência sonhadora.

A utilização da fenomenologia como método para traduzir à espacialidade de emoções, sentimentos e sensações, que estão sempre presentes em cada espacialidade vivida, nos permite entender Sposito (2004) quando diz que

na fenomenologia dois traços fundamentais. Em primeiro lugar trata-se de um método que consiste em descrever o fenômeno, isto é, aquilo que se dá imediatamente. [...] Por outro lado, seu objeto é constituído pela essência, isto é, o conteúdo inteligível ideal dos fenômenos, que é captado em uma visão imediata: a intuição essencial (SPOSITO, 2004, p. 38).

A complexidade das especificidades que agem na construção e na realização do lugar em determinado espaço, estão estreitamente ligadas às experiências humanas do cotidiano. As categorias de lugar e espaço surgem no centro das discussões propostas neste estudo, o qual o método fenomenológico propõe elucidar os arranjos materiais e simbólicos que formam o lugar.

Com a fenomenologia, pudemos compreender o papel da mulher que trabalha no espaço rural. Esta cumpre uma rotina diária nas atividades agrícolas que, somada ao empreendimento familiar, exige algumas vezes dedicação extrema e,

assim, acaba submetendo-a a esforços maiores. Essas diversas atividades realizadas deixam marcas de desigualdades sociais, que para serem entendidas nos estudos geográficos, precisam adentrar aos conceitos de gênero evidenciados através da fenomenologia.

O “método fenomenológico é o conjunto que descreve o objeto e suas relações a partir do seu ponto de vista, depois dele se apropria intelectualmente” (SPOSITO, 2004, p. 38). Para nós, esse conjunto compreende as experiências das mulheres que tinham, e algumas ainda têm, seu lar no Assentamento Joana D’Arc III.

Bachelard (2012), sobre o entendimento de lugar, apresenta um estudo da casa, no qual ela é considerada algo privilegiado para a construção da subjetividade. Neste estudo, a subjetividade vai ocorrer ao mesmo momento que a objetividade do mundo se compõe para o homem.

Em nosso estudo, a abordagem foi essencialmente qualitativa e, desta maneira, pudemos entender os sentimentos presentes nas pessoas, em particular nas mulheres do assentamento. Neste sentido, colocamos “o espaço vivido como revelador das práticas sociais que passam a ser referência central, colocando o lugar no centro da análise” (SPOSITO, 2004, p. 37). Assim, a relação da mulher com os filhos, esposo, familiares, comunidade local, são fatores evidenciados através dos estudos fenomenológicos.

2.2 Estrada Metodológica que leva ao Estudo de Espacialidades Rurais

Para entender este itinerário da “estrada metodológica”, existe a necessidade de esclarecer os fatores interligados à pesquisa para o alcance dos resultados. Sendo assim, a experiência pessoal do pesquisador segue um roteiro cronológico, sequencial e de conhecimento do lugar de estudo.

O entender de como se dá a construção dos saberes a partir das práticas cotidianas faz surgir, por sua vez, teorias e metodologias que coadunam para que, cada vez mais, as análises geográficas sejam aprofundadas. O entendimento que se tem, neste aspecto, consiste em uma junção de teoria e prática, em que a prática produz as habilidades e as aplicações teóricas são capazes de traduzirem os saberes culturais vividos pela comunidade pesquisada.

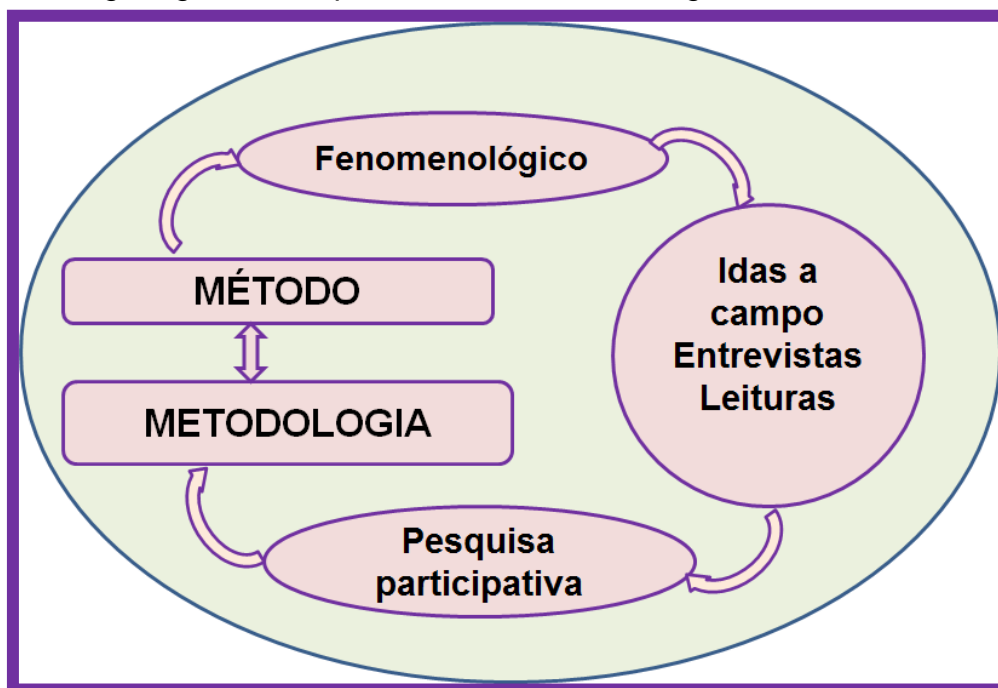
Correspondente à metodologia de pesquisa participativa, o procedimento de coleta de dados é um exercício que vai além das idas a campo, e o pesquisador, ao observar a comunidade, exercita o aprendizado da geografia que os indivíduos da comunidade possuem.

Ao observarmos o campo sentimos a necessidade de realizar algumas entrevistas. Após termos permanecido vivendo no assentamento, também realizamos a aplicação de questionários. A entrevista era para entender como se dá a experiência e o vivido de cada uma das mulheres. Os questionários foram elaborados para sabermos sobre a situação socioeconômica e educativa presente no assentamento. Estes foram elaborados contendo perguntas fechadas e foram aplicados para um universo de 70 chefes de famílias, residentes nas linhas 17 e 19 do assentamento.

A técnica de aplicação de questionário possibilitou uma amplitude maior de abordagem da pesquisa. As amostragens serviram para a compreensão de uma área maior, pois a entrevista é um filtro em que selecionamos quem entrevistamos em um número menor que os questionários, enquanto este último abrange um maior número de pessoas (também selecionadas) e opiniões.

Outra maneira de explorar o campo de estudo, foram os grupos de pesquisa estruturados GEPGÊNERO e GEPCULTURA, os quais permitiram com grandes amostras serem explicadas, em tempos mais curtos. Este fator favorece o pesquisador em suas explorações no campo geográfico para entender a realidade que está inserida nossa pesquisa. Ainda como fontes de sustentação da pesquisa buscaram-se dados no sistema público, em que grandes armazenamentos de informações são encontrados. Após estas evidências metodológicas, com estes passos trilhados evidenciamos nossos procedimentos no organograma, abaixo.

Quadro 2 : Organograma dos procedimentos metodológicos.



Fonte: Organizado e confeccionado por Ferreira (2013).

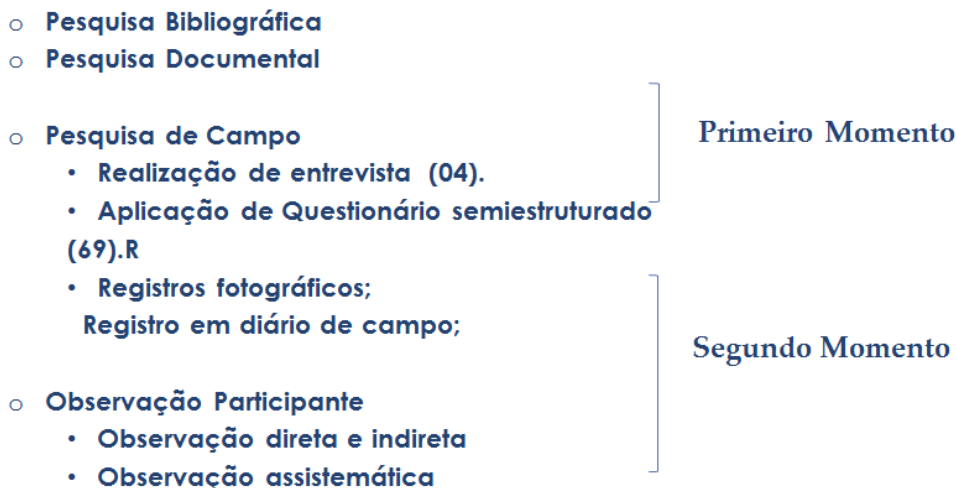
Ao nos referirmos à pesquisa participativa o objeto é, essencialmente, qualitativo e, concomitantemente, ao falarmos das idas a campo, entendemos em cada visita ao local da pesquisa como uma maneira de adquirir dados científicos. Por meio das observações do local, dos registros em diário de campo, das vivências compartilhadas, dos registros fotográficos, das entrevistas realizadas e das buscas documentais sobre o assentamento estudado foram valiosos para compreendermos e unirmos a nossa análise com o método fenomenológico.

A análise fenomenológica nos conduziu, como informa Bachelard (2012), a entender a carga histórica, cultural, política e ideológica compartilhada pelos indivíduos que compõem os grupos, os quais não podem ser contidos apenas numa fórmula numérica ou num dado estatístico. Isso porque estes fenômenos intrínsecos ao indivíduo necessitam da vivência, para assim ser sentida sua amplitude de reação, a fim de que as intersubjetividades sejam vistas e entendidas pelos pesquisadores.

Para entendermos esse espaço e a investigação que nos levou a redefinir alguns procedimentos e a percorrer o itinerário proposto na pesquisa, para chegarmos a responder nossos objetivos, elaboramos uma figura em que detalhamos os caminhos seguidos no itinerário metodológico.

Figura 3: Direcionamento ao campo de pesquisa.

- **Procedimentos metodológicos:**



No quadro acima, procuramos especificar cada ação realizada. Utilizamos, então, como instrumento o diário de campo, um dos primeiros instrumentais da pesquisa, onde registramos todas as observações das idas a campo. Estes procedimentos proporcionaram-nos a entender muito melhor a comunidade estudada.

Eis, por conseguinte, em dois níveis, o que oferece a geografia: 1. Na vida diária, reúne os saberes fazendo do bom senso para se dirigir, situar-se e tirar parte dos lugares [...] A reflexão científica, faz descobrir, por trás da paisagem e da distribuição dos homens e das atividades, a gênese dos meios naturais. A primeira coloca a ênfase no espaço, nas relações que tomam lugar em cada meio e o papel da distância na vida coletiva. A segunda leva a efeito sistematicamente, num contexto espacial, os instrumentos e as categorias imaginadas pelas outras disciplinas para explorar o seu próprio campo (CLAVAL, 2011, p. 9).

Neste sentido, o autor retrata os caminhos a serem seguidos pelo pesquisador. E continua a afirmar que o trabalho do geógrafo é complexo, pois não se resume a alguns métodos elementares, nascendo da confrontação permanente de duas existências.

O argumento exposto consiste em unir comunidade pesquisada e o pesquisador. Estes procedimentos devem considerar as coisas mais elementares, já

que para Claval (2011), estes podem estar presentes em fatos da própria realidade da comunidade pesquisada e que podem referendar o itinerário da pesquisa.

No momento em que o pesquisador se depara com a realidade a ser estudada já o está fazendo de maneira a observar e captar o máximo de informações que estão ao seu redor. Essa etapa é a mais característica do trabalho de campo.

Na pesquisa de campo foram realizadas visitas *in loco* para a coleta de dados. Estas, após documentadas, serviram de indicadores para o estudo realizado.

A pesquisa de campo é uma busca feita por um pesquisador, cuja o olhar dirigir-se para locais conhecidos por muitos, mas, sempre com uma maneira diferente de olhar e de pensar determinada realidade a partir da experiência e da apropriação do conhecimento (CHIAPETTI, 2010, p. 145).

Foram os trabalhos de campo, conjuntamente com o arcabouço teórico e metodológico, que nos capacitaram a entender a espacialidade e a dinâmica vivida pelos moradores do assentamento Joana D'Arc III.

A observação é um elemento imprescindível na coleta das informações, sendo através dela que se inicia o primeiro contato com o entrevistado. É uma habilidade de alto nível que requer boa dose de esforço por parte do pesquisador, o qual, também, deve observar não só a comunicação verbal, mas ainda se lembrar com exatidão o que foi observado e ouvido para um registro exato nas suas anotações de campo. É bom lembrar que não é apenas o pesquisador que está observando, mas ele também é observado pela comunidade.

O pesquisador deve estar preparado para desvencilhar-se de uma gama de conceitos próprios de sua vida. O olhar é desenvolvido culturalmente, assim, há coisas que “vemos” e coisas que “não vemos”. Observar é uma das características da ciência geográfica, pois cada indivíduo – dentro do seu contexto – vê e percebe detalhes que lhe são familiares. Ao conhecer outra realidade e observar outros detalhes estranhos, é que o “olhar” está funcionando como uma ferramenta para o pesquisador.

A entrevista ao lado da observação é um instrumento básico, desde que se conheçam os seus limites e se respeitem as suas exigências. É importante atentar para o caráter da interação que permeia a entrevista, isto é, a relação que se cria entre quem pergunta e quem responde, relação esta que deve ser de estímulo e

aceitação mútua. Desta forma, as informações fluirão de maneira notável e autêntica.

Faz-se necessário, no momento da entrevista (como também em todo o processo da pesquisa) ter um respeito grande pelo entrevistado, principalmente pela sua cultura e por seus valores. Esse fator exige do pesquisador uma grande capacidade de ouvir atentamente as informações por parte do entrevistado, pois a proximidade e o clima de segurança precisam ser construídos para que o entrevistado se sinta à vontade e livre em suas ideias e histórias, compartilhando com o entrevistador suas experiências.

Claval (2001) nos orienta que os dados coletados devem ser escritos para a construção do conhecimento erudito a que se destina o estudo da ciência da geografia. O autor faz um alerta quanto às influências da religião e da narrativa histórica. Nas pesquisas realizadas, os fatos históricos são preponderantes e não podem ser descartados, porém a narrativa não poderá se prender apenas nos fatos, os quais devem ser comprovados, sendo esta atribuição inteira do pesquisador. Exemplificando como deve ser a narrativa na pesquisa geográfica,

as estruturas narrativas capazes de fazer os leitores compreender a realidade geográfica, não está disponível enquanto a reflexão geográfica não tenha progredido. A descrição não é prévia à pesquisa. São os resultados desta que fornecem as estruturas narrativas (de explicação ou de interpretação) a partir das quais as informações selecionadas ganham sentido (CLAVAL, 2011, p. 103).

Outra técnica utilizada por nós foi a organização cartográfica de um mapa, o que possibilita aos leitores visualizarem a área de estudo. Isso porque acreditamos que essa utilização de mapa, em nosso estudo, é um elemento que evidencia alguns pontos que são visualizados e entendidos com maior detalhes. Claval (2011, p. 76) indica que o mapa propicia ao pesquisador “conhecimento dos lugares e dos espaços” sendo, desta maneira, “possível escolher itinerários” e, com isso, evidenciar as vantagens, maior mobilidade ou a presença de riscos e o período para percorrer o trajeto evidenciando, de modo claro, como chegar à área de estudo. Para tal feito, utilizamos um GPS (*Global Positioning System*), que significa Sistema de Posicionamento Global; ele é um sistema de navegação por satélite que evidencia as coordenadas geográficas que são utilizadas para que, quando o mapa for confeccionado, haja precisão nos pontos estabelecidos.

Compreendendo que havia necessidade de conhecer a realidade de vida dos assentados, quantos eram, as faixas etárias a que pertenciam e os hábitos dos moradores, foram utilizados questionários elaborados contendo perguntas fechadas, para subsidiar as pesquisas quanto ao conhecimento das famílias residente no local.

Na aplicação dos questionários às 70 (setenta) famílias foi possível um contato com todas as pessoas. Deste modo, pudemos conversar com cada participante, saber sua história de vida, suas vivências e sua rotina no lugar. Cada questionário levava, em média, de 30 a 40 minutos para ser concluído. Foram necessários três dias trabalhando, nos turnos da manhã, tarde e noite. Isso feito, conseguimos aplicar todos os questionários, o que nos propiciou, a partir de então, termos uma estrutura sócio-espacial da área do assentamento.

O Assentamento Joana D'Arc III está localizado, aproximadamente, há 105 km da cidade de Porto Velho. O acesso a ele se inicia com o cruzamento do Rio Madeira, por meio da travessia da balsa que interliga Porto Velho-RO à BR 319, a qual segue para Humaitá-AM. A entrada para o assentamento é via Estrada do Jatuarana, uma via à esquerda da BR-319 e a 5 km após o perímetro urbano.

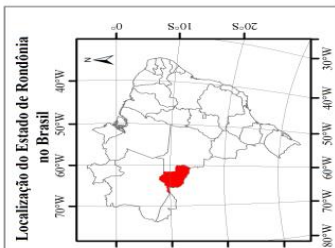
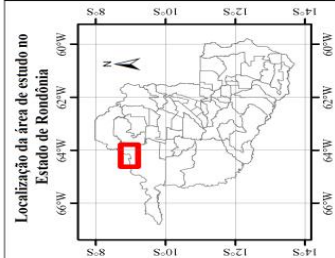
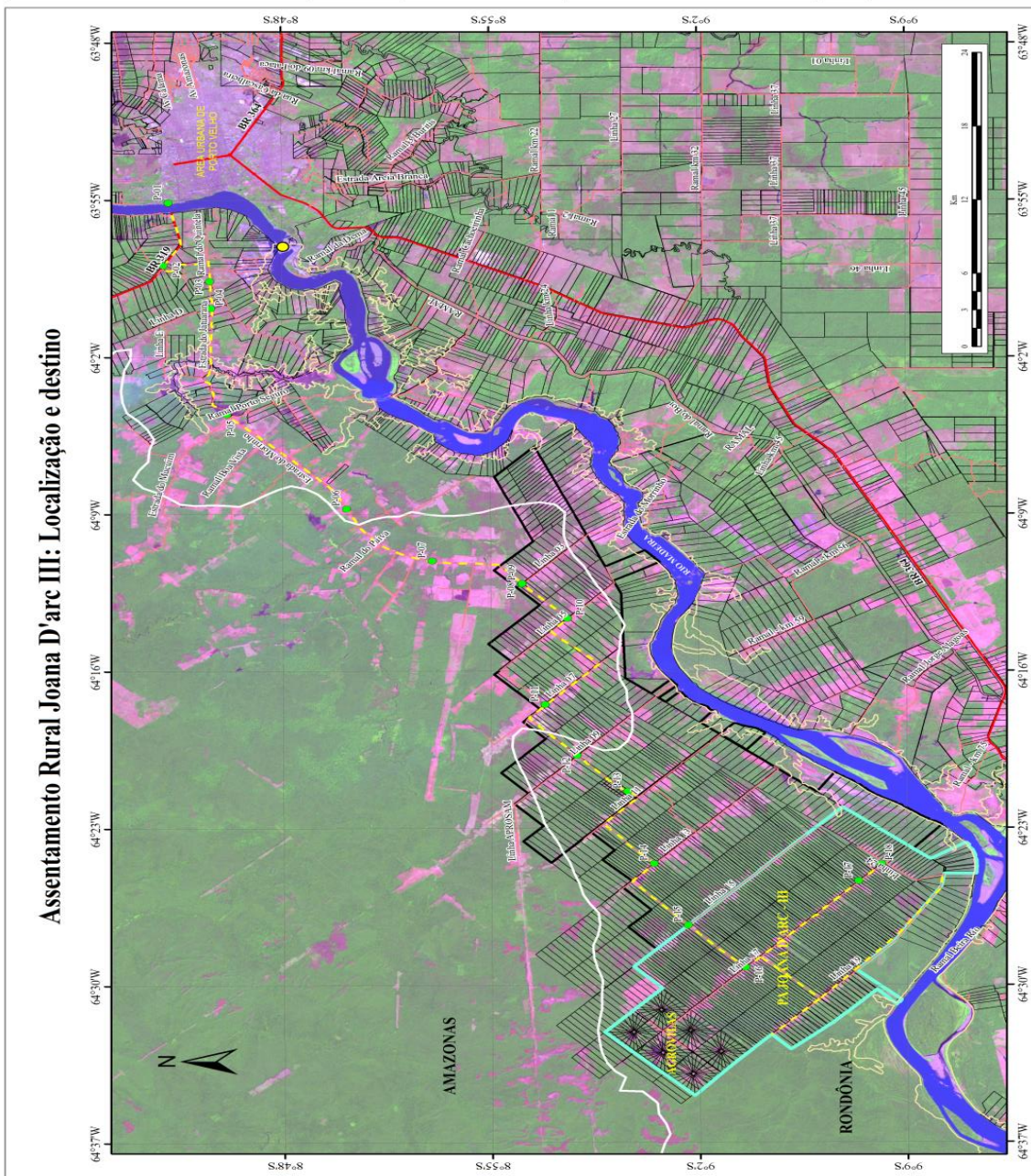
Ao seguir pela Estrada do Jatuarana, percorremos 10 km seguindo uma estrada à direita que leva ao acesso à Vila Franciscana. Depois desta vila, seguindo mais 20 km, chegamos à Vila Vanessa; mais adiante da Vila Vanessa, seguimos mais 10 km e se chega à Vila 5 de Maio. E, só depois desta vila, que se inicia o Assentamento Joana D'Arc I.

Após uns 40 km de estrada em más condições de trafegabilidade é que chegamos ao Joana D'Arc II. Do Joana D'Arc II até o Joana D'Arc III existe uma distância de 50 Km até a linha 17. Deste ponto, ainda devemos seguir mais 15 km pela linha 17 para se chegar ao campo de pesquisa.

Visualizaremos, a seguir, o mapa que contém a carta referente à imagem geral da localização do Estado de Rondônia no território brasileiro e, conseqüentemente, o município de Porto Velho identificando o local da pesquisa. Também visualizaremos as imagens da localização do assentamento na zona rural do município, identificando as coordenadas geográficas para chegarmos ao Assentamento Joana D'Arc III.

O mapa traz um panorama geral da organização do assentamento em estudo, apresentando seu local, sua particularidade rural, a distância da cidade e, ainda, a realidade do impacto ambiental com os empreendimentos no Rio Madeira.

Assentamento Rural Joana D'arc III: Localização e destino



- IDENTIFICAÇÃO DOS PONTOS DA PESQUISA**
- P-01 - LINHA 05
 - P-11 - LINHA 07
 - P-12 - LINHA 09 E INÍCIO DO JOANA D'ARC II
 - P-13 - LINHA 11
 - P-14 - LINHA 13
 - P-15 - LINHA 15
 - P-16 - LINHA 17 - INÍCIO DA PESQUISA
 - P-17 - ESCOLA DISCONTÍNUA
 - P-18 - FINAL DA ÁREA DA PESQUISA

- LEGENDA**
- Hidrografia de Santo Antônio
 - Pontos Coletados em Campo
 - Percurso até o JOANA D'ARC III
 - Limite Intermunicipal
 - Rodovia Municipal Não Pavimentada
 - Rodovia Federal Pavimentada
 - JOANA D'ARC III
 - Malha Fundiária do INCRA
 - Reservatório da Hidrelétrica de Santo Antônio
 - Floresta
 - Área Desmatada
 - Rios e Lagos

FORTE:
 Base Cartográfica (Limites Administrativos) fornecido pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
 (Malha Viária) fornecida pelo SIPAM - Sistema de Proteção da Amazônia.
 (Malha Fundiária) fornecida pelo INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.
 Imagem Landsat-8 (2013) composição R4G3B2, fornecida pelo USGS - U.S. Geological Survey.
 Data de Elaboração: Abril de 2014.
 Desenhista Cartográfico: Geógrafo e Mestre Michel Naranho.
 Organização: Taina Ferreira da Silva.

O campo de pesquisa retrata uma extensão de 35 km na linha 17 e 19 do assentamento. Esta linha é a via de acesso às agrovilas: localidades onde ocorreu e ocorrem as pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa GEPGÊNERO/UNIR.

Nesta localidade da linha 17, apenas 10 km que dão acesso às agrovilas apresenta um trecho com cascalho de fácil trafegabilidade. Seguindo na mesma linha sentido ao Rio Madeira, são mais 24 km com presença de muitos buracos, lama e, em boa parte do trajeto, o veículo não passa, sendo necessário parar e seguir andando. Estes configuram desafios que o morador local sofre diariamente.

2.3 Entrevistas com as Mulheres do Assentamento Joana D'Arc III

O critério de escolha para as entrevistas pautou-se na experiência que cada uma das mulheres tinha com o assentamento, a idade e o tempo de moradia. Estes fatores atenderam à necessidade de compreender os sabores e dissabores presentes na realidade de suas vidas no assentamento.

A primeira mulher participante da pesquisa foi dona Zélia Reis de Sousa. Por ser um estudo sobre os sentimentos topofílicos, algo nos chamou atenção: a angústia pela incerteza do futuro, o saudosismo sobre os filhos, a chegada ao lugar do assentamento, as incertezas carregadas de emoções (sempre quando falava do lugar emocionava-se e chorava).

A história dessa mulher carrega simbolismos que confundem os sentimentos topofílicos com os sentimentos topofóbicos. Ela é uma das entrevistadas residentes há mais tempo no lugar.

A entrevista com a dona Zélia ocorreu no período da noite; foi muito tranquila e ela sempre queria falar mais. Cada entrevista tem uma emoção diferente, dependendo do lugar, do dia que se faz, das pessoas que estão próximas, pois há o receio de falar de sua vida, de seus valores, de sua cultura e, principalmente, de gravar tudo isso. A entrevista só foi possível pelo tempo que passamos em campo.

Percebemos em sua fala sofrimento e tristeza, não gostando da cidade e não saindo mais de casa; porém, acredita em poder voltar a cuidar de seu jardim. Ao redor de sua casa têm muitos vestígios de roças e, também, de jardim. Antes da construção da hidrelétrica ela tinha o seu tempo preenchido em cuidar do jardim e da horta. Foi incrível observar a facilidade como ela capina o mato, agachando-se e

arrancando os matos com as próprias mãos ou com a faca, agilidade típica das mulheres que vivem no campo.

A segunda entrevistada foi dona Estelina Cabral Borges. O critério de escolha desta participante foi sua profissão: ela é professora, formada no ensino superior. No entanto, sua história ganha representatividade por ser a primeira educadora do assentamento a abraçar a docência, por inteiro amor à profissão.

Dona Estelina, quando foi morar no assentamento, possuía apenas as séries iniciais do ensino fundamental. Como o acesso ao lugar era difícil, muitos moradores não foram alfabetizados, então ela se propôs a alfabetizar, sem ganhar pelo que fazia, mesmo sem maiores conhecimentos.

Depois de mais de dois anos ensinando, foi contratada como monitora pela prefeitura de Porto Velho no programa Saberes da Terra. Este vínculo empregatício levou dona Estelina a estudar, voltando ao banco da escola até terminar o Curso de Pedagogia. Ela tem 57 (cinquenta e sete) anos e reside na localidade há 13 anos. Ela é professora, leciona há mais de 35 km do lugar onde reside. Sai de casa ainda na madrugada para ir ministrar sua aula no Joana D'Arc II. Após a gravação colocamos a fita para ela ouvir, aí apareceram os filhos, os netos, as noras, todos querendo ouvir. Foi uma entrevista muito interessante. Agradecemos e marcamos o retorno em um mês, quando foi lida toda a entrevista para que ela autorizasse a publicação da mesma.

A terceira entrevistada foi Dona Rosimar Aguiar. O critério de escolha atendeu a representação política não oficializada, além de ser a entrevistada mais jovem. Sua idade, contudo, nos surpreendeu pela experiência e força, além de ser mãe de nove filhos. Sua história de lutas e conquistas nos chamou a atenção, bem como percebemos sua experiência em lidar com as questões rurais. Tem apenas o ensino fundamental nas séries iniciais, mas é guerreira e luta pelos direitos das moradoras, para terem suas terras indenizadas pelo Convênio Santo Antônio, que ganhou as obras do Madeira. Ela tem 37 (trinta e sete) anos e vive desde seus 9 anos no Assentamento Joana D'Arc III. Quando começávamos a conversar ela era sempre interrompida por seus filhos, os quais procuravam saber o que estava acontecendo e, então, ela lhes explicava. Os filhos de dona Rosimar são quase todos crianças; somente o mais velho é pré-adolescente, sendo o mais novo ainda bebê.

A quarta e última entrevistada foi Dona Maria Iraelza Araujo Bandeira. Também para ela utilizamos o critério de maior experiência no assentamento. É avó

de oito netos, mora na localidade, tem suas filhas todas formadas morando em Porto Velho, porém os netos moram com ela no sítio. Reside no assentamento há 13 anos e fugiu do centro urbano por temer assaltos e marginalização.

Dona Iraelza nos chamou atenção pela incansável rotina diária nas atividades realizadas: ela cuida das criações, dos netos, da alimentação, da lavoura. Ela não precisaria realizar tantas atividades, já que suas filhas são bem empregadas, seu marido é aposentado, tem uma boa casa e empreendimento comercial na cidade – mas prefere a vida no ambiente rural, independente de luxo ou vida moderna. É amante do que faz e o lugar para ela é diversão e lazer.

Com Dona Iraelza tivemos uma vivência maior, já que todas as vezes que fomos ao assentamento ficamos em sua casa. Ela tornou-se, para nosso estudo, uma pessoa especial. Sentimos saudades quando demoramos a ir ao assentamento, já que ela nos tratava muito bem e sua receptividade nos propiciou um bom lugar para a pesquisa. Foi difícil gravar com ela, porque a mesma não gosta de gravação. Só depois de longas tentativas foi possível ouvir sua história.

CAPITULO 3: ASSENTAMENTO RURAL JOANA D'ARC III: EVIDÊNCIAS DE UM LUGAR ÀS MARGENS DA ESTRADA



Figura 04: Estrada de chão do Assentamento Joana D'Arc III (FERREIRA, 2013).

“As formas de espaço onde caracteriza a diferenciação espacial, evidencia o conjunto que fazem parte de diversos lugares diferentes” (DARDEL, 2011).

Entender os lugares a partir dos registros fotográficos possibilitou-nos evidenciar um capítulo voltado à retratação do lugar. Assim, é possível pensar, sentir e entender o mundo, interpretando as figuras em suas diversas formas e significados.



Figura 05: Início da Pesquisa – limite da área na linha 17 do Assentamento (FERREIRA, 2013).

Nesta figura encontramos o início da linha 17 em que, seguindo à esquerda, tem-se acesso à linha 19 e se finaliza na linha 24. Já se seguirmos para a direita, chegaremos nas agrovilas.

Nosso interesse, neste capítulo, é mostrar as transformações existentes no lugar vivido. Sendo assim, a interpretação das imagens traduzem significados de ação humana que são evidenciados e sentidos através de suas leituras. Para Claval (2011, p. 67-68),

a geografia não pode se apoiar exclusivamente na observação da paisagem. Ela se interessa por aqueles que habitam os espaços sobre os quais se debruça, pela maneira como se inserem no meio, como o exploram e modelam. Ela se volta às formas de organização que eles realizam. Ela busca compreender a maneira como vivem os espaços onde residem, ou aqueles que visitam ocasionalmente. O geógrafo interroga, pois, as populações que o interessam.



Figura 06: Características do solo onde residem as famílias (FERREIRA, 2013).

Identificamos, na figura acima, um solo encharcado onde o acesso à moradia é por cima de tábuas. É possível observar, ainda, o real estado dos lotes no assentamento. Para que os moradores possam ir e vir de suas residências foi necessária a construção de pontes que dão acesso à parte mais alta do lote ou da estrada.

Essa configuração demonstra o descaso pelos moradores do assentamento Joana D'Arc III. Existem, também, alguns lugares mais altos em que não foi preciso construir as pontes de acesso. No entanto, o subsolo é encharcado dificultando ou retirando sua especificidade de plantação para algumas lavouras que precisam de um solo propício para o cultivo.



Figura 07 A: Forno de fazer farinha no assentamento (FERREIRA, 2013).



Figura 07 B: Casa de fazer farinha (FERREIRA, 2013).

Observamos a casa utilizada para fazer farinha (Figura 07B) com o solo totalmente alagado. Seu estado de abandono é visível por não haver matéria prima para a produção de farinha, uma vez que os moradores não conseguem plantar a macaxeira. E, na figura 07 A, mostramos o forno de fazer a farinha, o qual está sem uso assim como a casa de farinha.



Figura 08: Igreja protestante linha 17 – Cristã do Brasil (FERREIRA, 2013).

Na linha 17, a igreja existente é de denominação protestante. Os devotos vão de outras localidades dirigir os cultos para os que ainda residem no local. A figura registra uma igreja Cristã do Brasil. Os católicos residentes nas linhas 17 e 19 deslocam-se cerca de 40 km até o Joana D'Arc II para participarem das missas.

Assim como na linha 17, na linha 19 também existe uma igreja protestante de denominação Assembleia de Deus. Os fieis também recebem visita do pastor, líder religioso que reside em Porto Velho.



Figura 09: Associação dos produtores rurais do assentamento (FERREIRA, 2013).

A sede da associação também é um lugar de significados. Esta associação é, ainda, a única intermediária para representar os moradores na justiça – aqueles que lutam pelas indenizações de suas terras. A mesma antes viabilizava os programas de políticas para agricultura.



Figura 10: Vegetação e solo do assentamento (FERREIRA, 2013).

Na Figura 10 é possível observar as condições do solo e da vegetação: as árvores apodrecendo devido o solo encharcado.

A situação da vegetação, assim como a lavoura, vão amarelando e morrendo, pois o solo está impróprio para o plantio. Nesse ponto evidenciamos o pensamento de Tuan (2005) ao retratar as ações culturais humanas tais como edificações, plantações, dentre tantas outras, pois:

cada moradia é uma fortaleza construída para defender seus ocupantes humanos dos elementos; é uma lembrança constante da vulnerabilidade humana. Todo campo de cultivo é arrebatado da natureza, que procurará destruí-lo se não houver um incessante esforço humano. De modo geral, todas as fronteiras construídas pelo homem na superfície terrestre – cerca viva no jardim, muralha na cidade, ou proteção do radar – são uma tentativa de manter controladas as forças hostis (TUAN, 2005, p. 13).



Figura 11: Condições da lavoura – Assentamento (Acervo GEPGÊNERO, 2013).

A situação da lavoura é devido às intempéries. O solo vai amarelando e morrendo. Com isso, os legumes estão cada vez mais escassos e os moradores precisam se deslocar até Porto Velho para comprar alimento.



Figura 12: Posto de Saúde mais próximo do Assentamento Joana D'Arc III (FERREIRA, 2013).

Este Posto, com o aspecto de abandono, fica a mais de 50 km das linhas 17 e 19. Na localidade não existe postos de saúde.



Figura 13: Escola fechada na Linha 17, Assentamento Joana D'Arc III (FERREIRA, 2013).

Na Figura 13 evidenciamos a escola abandonada. As crianças, atualmente, estudam em outra escola, que fica no Joana D'Arc II.



Figura 14: Placa indicando a presença do Consórcio Santo Antônio energia – Limite da área na linha 17 do Assentamento (FERREIRA, 2013).

A placa demonstra a presença do Empreendimento das Hidrelétricas do Madeira, colocada para identificar até aonde as águas submergeriam.



Figura 15: Ponte na linha 17, indicando onde o limite da área de Pesquisa – Assentamento Joana D'Arc III (FERREIRA, 2013).

Esta ponte é o acesso à linha 24, sendo que, a partir deste ponto, as famílias foram indenizadas, retiradas e levadas para outro assentamento.

A partir as imagens fotográficas, entendemos que o homem constrói seus caminhos para que possa ensiná-los aos filhos ou aos seus semelhantes.

CAPÍTULO 4: CARACTERÍSTICAS CULTURAIS, SOCIAIS E POLÍTICAS DO LUGAR



Figura 16: “Rosimar Aguiar E. Sousa – Moradora do Assentamento Joana D’Arc III” (FERREIRA, 2013).

“Eu passo cinco meses aqui sem ir a Porto Velho. Passo cinco meses sem ir ao meu portão! Não vou, as mulheres dizem: “sai de casa”... sair pra quê?” (Rosimar Aguiar, 2013).

Para entender os preceitos culturais, sociais e políticos, primeiramente estudamos a cultura das pessoas na localidade. A palavra cultura, para Claval (2007), é percebida como herança e invenção, pois a cultura é o “conjunto de representações sobre as quais repousa a transmissão de uma geração a outra, entre parceiros da mesma idade, das sensibilidades, ideias e normas”. Diz ainda que não se trata apenas de uma herança, pois acopla elementos novos, dependendo de crenças, convicções e comportamentos que vão sendo adquiridos através das relações sociais. Nesse sentido, entender a religião predominante no local, atendeu uma das nossas buscas na pesquisa.

Sobre religião, Joseli Silva (2011 p. 196) afirma que “deveria ser plenamente reconhecida como um marcador ou catalisador de categorização social, identificação e processo de in/exclusão, de uma maneira similar à raça, classe, gênero, e idade”. A religião predominante no Assentamento é o Cristianismo, sendo que existem muitas linhas ideológicas. No entanto, as mais predominantes são a Igreja Cristã Pentecostal e a Igreja Cristã Católica, as quais são percebidas em todas as linhas. Dessa maneira, ganham maior espacialidade.

Quanto ao nível de escolaridade, apenas 2% dos assentados não sabem ler e os outros 98% sabem ler e escrever, os quais foram alfabetizados lá mesmo no assentamento, uma vez que, até 2010, existia uma escola que se encontra, atualmente, fechada. O Programa Saberes da Terra – uma política voltada aos adultos – foi onde praticamente todos os moradores foram alfabetizados. Hoje o ensino na localidade é voltado ao ensino fundamental dos anos iniciais, e a escola mais próxima fica, aproximadamente, há 35 km. Neste lugar ainda existem pessoas com nível superior, mas a grande maioria da população é constituída por pessoas com ensino fundamental dos anos iniciais incompletos.

Em se tratando do que analisamos, existe uma associação chamada APROJODAS (Associação de Produtores do Joana D’Arc III), a qual, anteriormente, mediava os financiamentos e programas voltados aos moradores, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF-MULHER) e o Programa de Assistência Técnica e Sócio Ambiental (ATES), entre outros. Atualmente, ela representa os moradores em suas reivindicações, em que lutam por indenização junto ao Empreendimento Santo Antônio, responsável pela construção das Hidrelétricas do Madeira.

Quanto aos serviços de saúde, os moradores dessa localidade buscam atendimento no posto de saúde mais próximo, que fica a cerca de 50 km no Joana D'Arc II. Morador da linha 17, o posto de atendimento naquela localidade, atende apenas serviços laboratoriais com exame de malária e atendimentos primários (aplicação de analgésico para febre e dores, medição de índice de diabetes e febre). Após esse diagnóstico, os casos são encaminhados para a cidade de Porto Velho.

Na localidade, os moradores recebem, ocasionalmente, a visita de um médico clínico geral, que atende no posto uma vez por mês. Para os demais atendimentos, o posto possui infraestrutura, mas não tem pessoal qualificado para atender no local, como enfermeiro e médicos especializados. Vale ressaltar, que no caso da saúde da mulher, os exames ginecológicos são realizados somente na capital.

Moradores da linha 17 explicaram que depois das construções da hidrelétrica de Santo Antônio aumentaram os casos de doenças na comunidade, como: fortes dores abdominais, diarreia, dengue e febres. Neste quadro, quem sofre mais são as crianças. Para eles, o excesso de água empoçada ou paradas, talvez seja o motivo do lugar apresentar o aumento de doenças que não eram tão comuns na vida dessas pessoas.

Ainda que água do Rio Madeira não tenha alagado, cobrindo completamente este local, as famílias sentem-se afetadas com as barragens do Madeira. A percepção dos moradores sobre a localidade é a de que existem mudanças ambientais. Para eles o excesso de água deixa o solo encharcado e, em consequência disso, o plantio foi morrendo, os animais peçonhentos e animais silvestres que moravam no espaço alagado mudaram-se para as áreas mais firmes. Foi possível perceber, ainda, grande quantidade de morcegos, aranhas e até mesmo cobras, que buscam refúgio e alimento nas criações dos moradores da localidade. Além da narrativa de moradores de constantes onças vistas nas proximidades, em alguns casos atacando a criação em busca de alimentos.

4.1 Idade Predominante das Pessoas no Assentamento Joana D'Arc III

Para entender o espaço em suas representações e em suas relações sociais, procuramos nesta pesquisa retratar as características das famílias através das amostragens, a seguir apresentadas.

A idade é algo que revela a experiência, os aprendizados e o amadurecimento na vida das pessoas. Segundo Ximenes (2008), toda preocupação com essa abordagem não pode deixar de trazer para análise e reflexão o papel do tempo, do espaço. Para Sposito (2004, p. 97), “a representação do tempo e do espaço não seria então derivada da experiência, mas constitui antes sua condição, sendo as formas necessárias de experiência, tanto externa quanto interna da pessoa”.

Nesse sentido, o espaço é um conjunto de possibilidades onde se intui, se intenciona e se realiza algo. Assim sendo, toda realização das ações representa experiências vividas e a idade de uma pessoa retrata muito bem suas experiências armazenadas ao longo da vida. A tabela abaixo retrata a idade predominante das pessoas chefes de família das linhas 17 e 19 do local da pesquisa.

Tabela 1: Idade dos chefes de família da linha 17 e 19 – Assentamento Rural Joana D’Arc III.

Idade Média	Homens	Mulheres	Chefe de Família
De 0 a 25 anos	0	0	0
De 26 a 35 anos	7	0	7
De 36 a 50 anos	14	3	17
De 51 a 65 anos	21	8	29
Acima de 65 anos	10	7	17
Total de famílias			70

Fonte: Organizada por Ferreira (2013).

A predominância de idade das pessoas chefes de família no assentamento é entre 51 a 65 anos. Pela ordem natural das pessoas, nesta idade, espera-se que busquem trabalhos que exigem menos esforços físicos. Entendendo o trabalho na lavoura como atividades mais braçais, compreendemos esta idade como a fase menos produtiva. Das 70 famílias representadas na tabela por seu chefe (pai ou mãe), 18 são mulheres que são responsáveis pelo provento da família e de toda responsabilidade do lar.

Quando verificamos a idade produtiva de uma pessoa, percebemos que a maior parte das famílias ascendem economicamente até os 50 anos. A partir desta idade, a organização econômica das pessoas volta-se para administrar seus

negócios de moda, a gerenciar suas conquistas ao longo anos. Nesta fase da vida, o processo evolutivo concentra-se agora na adaptação e na vida econômica das pessoas, concentrando-se, portanto, mais nos trabalhos menos pesados, e a busca pelo novo torna-se mais escassa. Ximenes (2008, p. 77) considera “as relações de gênero não se apresentam sempre da mesma forma, dependendo dos costumes, das religiões, dos povos, incluindo ainda, etnia, idade ou classe social”. Nesta fase da vida as pessoas tendem a desfrutar aquilo que construíram ao longo de suas vidas.

Ainda há de considerar que é uma fase que chega com a idade, o cansaço e a sensibilidade maior da pessoa pelo apego ao lugar. Caracteriza, assim, uma dimensão pessoal, que reflete no aumento ou na diminuição da autoestima, dependendo das realidades vivenciadas por cada pessoa. Poderá esta fase trazer sentimentos de tristeza ou de maior dificuldade em apartar-se daquilo que lhe traz segurança. Há de se considerar, consoante Joseli Silva (2011, p. 197), quando acentua que

as pessoas terão diferentes experiências e acesso aos lugares em razão de sua idade, e os lugares que são associados a determinados grupos de idade influenciarão em quem os utiliza”. Isso também significa que as pessoas podem “ativamente criar e resistir às identidades etárias através do uso do espaço e lugar.

4.2 Tempo de Moradia das Pessoas no Assentamento Joana D’Arc III

A vida cotidiana caracteriza-se pela vinculação entre o tempo e o lugar. Nessa conjuntura, a organização social das pessoas articula-se no tempo, num feixe de relações sociais, políticas e econômicas que estabelecem entre si, e delas com o espaço. As relações entre as pessoas são construídas na família, no trabalho, na escola, no lazer, na igreja, etc. Assim, as organizações familiares e de moradia no assentamento em estudo passam por uma enorme transformação provocada pela mudança nas representações políticas, sociais e culturais da localidade no que consiste aos processos produtivos das pessoas. Claval (2007) afirma que, para os velhos, a cultura não tem mais o mesmo sentido porque não se participa mais de uma vida ativa a não ser através das lembranças ou por procuração.

A lembrança pode ser despertada em fragmentos vividos e intensos. Não é necessário usar a lógica e o raciocínio para ordená-los. Nesse contexto, na tabela abaixo, temos um tempo representado nos anos de habitação das pessoas moradoras dos lotes das linhas 17 e 19 do Assentamento Rural Joana D'Arc III. Embora a tabela retrate uma amostragem geral de famílias por tempo de moradia, não diferenciando homens e mulheres, a mesma atendeu nossos anseios, pois o objetivo era mostrar que o tempo de moradia constitui-se em um fator presente na cultura, na política e nas organizações de moradia do local, podendo ser um elemento de apego ao lugar.

Tabela 2: Representação do tempo através dos anos resididos no lugar.

TEMPO DE MORADIA	ANOS DE RESIDÊNCIA	MULHERES TITULARES DA TERRA
De 0 a 5 anos	07	01
De 6 a 10 anos	24	02
De 10 a 15 anos	20	03
Acima de 15 anos	19	01

Fonte: Organização Ferreira (2013).

É possível analisar os anos de moradia apresentados na tabela 2 quando refletimos que o tempo é algo que vivemos e representa o *momento*, o *instante*, a *época* em que algo ocorreu, ocorrerá, existiu ou existirá. Assim, é possível entender o tempo de moradia no lugar, utilizando elementos abstratos como os segundos, os minutos ou as horas, dias, semanas, meses, décadas, séculos, milênios. No nosso caso específico, utilizemos os anos, os quais, segundo Bachelard (2008), configuram momentos passageiros que ganham novos sentidos se o sonho se mantém na lembrança vaga.

O tempo de moradia das famílias assentadas mostra uma variável de 6 a 15 anos. Vale destacar que, das mulheres chefes de família encontradas nas linhas 17 e 19, apenas sete mulheres têm título definitivo de suas terras. O contexto histórico sobre mulheres proprietárias de terras resulta de lutas e aprimoramentos teóricos das relações de gênero. Para Mill (2006, p. 17):

acredita-se que não deveria haver nenhuma restrição a não ser a exigida pelo bem geral, e que a lei não deveria beneficiar grandes e poderosos, mas deveria tratar todos da mesma forma, exceto onde a diferença de tratamento fosse exigida por razão positiva, tanto legais quanto políticas.

Joseli Silva (2011, p. 70) acrescenta que “o gênero deve ser compreendido como instável, constituindo-se paulatinamente no tempo e em um espaço externo, por meio de repetição estilizada de determinado ato”. Essas mulheres representam uma minoria de pessoas residentes titulares das terras na localidade e que já construíram vínculos com o lugar, os quais não serão rompidos sem deixar marcas profundas.

Bollnow (2008) nos proporciona entender o espaço, onde a habitação reflete um longo passado quando transmite às pessoas o sentimento de constância segura da vida. Daí a importância de verificarmos que as famílias que residem no Assentamento Joana D’Arc III, cresceram progressivamente e têm parte na segurança passada do lento amadurecer de experiências construídas conjuntamente por aquela comunidade.

4.3 Educação Sistemática no Assentamento Joana D’Arc III

As mudanças ocorridas no trabalho rural, com o advento da modernidade e da tecnologia, permitem lembrar alguns conceitos importantes, como: “Gênero, Ética, Valores, Cultura” os quais propiciam que os estudantes expressem suas opiniões e seus valores sobre o lugar em que moram.

Também as inovações tecnológicas favoreceram as possibilidades de aproveitamento do solo e, neste fator, entender as transformações que ocorreram em cada espacialidade, ajudando os moradores do lugar a buscarem saídas para as situações difíceis enfrentadas em seus cotidianos.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), as estatísticas sobre escolaridade, no Brasil, apontam uma evolução nos últimos anos no nível de instrução do brasileiro. Para esse estudo, cerca de metade da população (49,3%) com 25 anos ou mais de idade não tinha instrução ou apresentavam o ensino fundamental incompleto, em 2010. Este dado é também identificado em 2012.

No Assentamento Rural Joana D'Arc III, especificamente nas linhas 17 e 19, também buscamos saber o nível de instrução escolar das famílias, com o intuito de refletir sobre a educação que é realizada no campo, pois não devemos perder de vista que a educação é um processo social que contribui para as lutas do povo que ali reside. Por isso a educação, quando vinculada às questões do campo, não deve ser compatibilizada com o modelo de educação tradicional, mas deve permear o pensamento de construção social sobre um ambiente de inclusão deste camponês, buscando na reforma agrária, na agroecologia popular, na agricultura camponesa a combinação entre educação e campo.

É neste contexto que entra o papel da escola no nível de instrução das pessoas que residem no assentamento em estudo. Buscamos, com a tabela abaixo, apresentar um lugar de pessoas na sua maioria alfabetizada, mas que continuam passivas às desigualdades sociais que ocorrem em seu lugar de morada.

Embora a tabela apresente uma amostragem significativa de pessoas com ensino fundamental e médio, não encontramos no local (quando realizamos a pesquisa) qualquer esclarecimento de como buscarem seus direitos de posse pela terra. As únicas reivindicações na localidade são lideradas por mulheres, sendo que destas apenas uma foi identificada com o ensino superior e as demais possuindo ensino fundamental incompleto.

Tabela 3: Instrução escolar das pessoas chefes de família.

Instrução Escolar	Chefe de Família	
	Homens	Mulheres
Analfabetos	4	3
Não estudou mais sabe ler e escrever	2	2
Ensino Fundamental	37	3
Ensino Médio	13	1
Ensino Superior	4	1
Total	60	10

Fonte: Organizado por Ferreira (2013).

Na tabela 3 nos preocupamos em analisar os indicadores para uma realidade da vida na agricultura, ou seja, as atividades da lavoura, as quais não exigem maior grau de instrução escolar. Porém, questionamo-nos o direito daquelas famílias e entendemos que o fato de 40 (das 70) famílias possuírem apenas o ensino

fundamental, talvez seja pela questão das escolas existentes na comunidade ensinarem somente até este nível de ensino.

Quando analisamos as representações de gênero, verificamos que das pessoas que não estudaram e as analfabetas, a mulher se destaca nesse aspecto.

Para entender os fatores argumentados no parágrafo anterior, o surgimento da geografia moderna assegura que a soma das forças estimuladoras da civilização, de qualquer grau e de qualquer povo, compõem um patrimônio material e um patrimônio espiritual. Desta forma, é essencial a distinção uns dos outros porque eles têm importância diversa pelo valor intrínseco da civilização geral, sobretudo pela sua capacidade de desenvolvimento, sendo a ação mais importante para o progresso da civilização aquela que em toda parte é exercida pelas necessidades comuns ao homem. Segundo Mill (2006, p. 15),

minha opinião é que o princípio que regula as relações sociais existentes entre os sexos – a subordinação legal de um sexo a outro – está errado em si mesmo, e, portanto, é um dos principais obstáculos para o desenvolvimento humano; tal subordinação deveria ser substituída por um princípio de igualdade perfeita, sem qualquer poder ou privilégio para um lado e incapacidade para outro.

No assentamento estudado, especificamente nas linhas 17 e 19, a única escola existente no local encontrava-se fechada desde 2011, por motivo dos empreendimentos nas obras do Madeira. Percebemos, nessa amostragem, que a escola fechada deixa de ser o principal foco da Educação do Campo, mesmo com os filhos indo estudar no Joana D'Arc II, há 35 km de distância. Isto é, as famílias não perderam a esperança de que devem lutar para manter viva esta instituição, sendo imprescindível refletir sobre a maneira como é dada importância por parte das autoridades, sobre a questão educacional hoje presente no Assentamento Joana D'Arc III.

4.4 Indicadores Quantitativos das famílias Joana D'Arc III

O quadro 3 busca demonstrar como estão organizadas as famílias no assentamento rural. Isso porque os lugares em que as famílias residem são responsáveis pela constituição de sua maneira de ser, assim como garantem a continuidade da espécie através da experiência evidenciada nas relações familiares.

Quadro 3: Identificação das famílias assentadas.

Esposa/Esposo e até 3 Filhos	29
Esposa/Esposo de 4 a 7 Filhos	21
Esposa/Esposo acima de 7 Filhos	1
Só a Mulher e até 8 Filhos	12
Só o Homem e até 5 Filhos	2
Mora sozinho – Homem	1
Mora sozinha – Mulher	6

Fonte: Organizado por Ferreira (2013).

Na sequência apresentada refletiremos o papel da mulher nessa família. Embora nosso foco seja a constituição familiar, estudaremos as várias representações de família na localidade da pesquisa.

Mas o que queremos enfatizar neste estudo condiz às potencialidades e às dificuldades encontradas pelas moradoras do assentamento para continuarem executando suas tarefas específicas da lavoura. Se trabalhar já requer um grau mais de força e de dificuldade, a ação de lavrar a terra, de plantar a lavoura, de cultivar e de cuidar, por outro lado é acrescida por outras atividades que compreendem a organização da casa e do espaço em que vivem.

Mesclamos as atividades desenvolvidas por essas mulheres e o conhecimento geográfico. Para tal, novamente, citamos o entendimento de Ratzel (1990) sobre a produção e o desenvolvimento, considerando o fato de que tudo referente à natureza e ao ambiente é imutável quando comparado aquilo que se refere ao homem. Por isso,

as dimensões do Estado crescem com sua cultura. A expansão dos horizontes geográficos, produto dos esforços físicos e intelectuais de inúmeras gerações, apresenta continuamente novas áreas para a expansão espacial das populações. Dominar politicamente essas áreas, amalgamá-las e mantê-las unidas requer energia ainda maior (RATZEL, 1990, p.177).

Sobre os dados apresentados, procuramos sintetizar os quatro preceitos discutidos nas amostras, tais como o cultural, o social, o político dentro de uma perspectiva de gênero.

A síntese desse aspecto confirma que o traço mais marcante da comunidade no assentamento, é a desigualdade em oportunidades e direitos. Se comparado às

pesquisas desenvolvidas no assentamento, observa-se generalizada desagregação social no que condiz à saúde, à educação e às condições dos domicílios, caracterizando, mais acentuadamente, a distância entre os extremos, e que ainda há diferenças nos direitos e deveres caracterizados pelo gênero.

Nas linhas 17 e 19 do assentamento, a proporção de mulheres dedicadas aos trabalhos domésticos e que não recebem remuneração é bem maior do que a dos homens, destacando-se a atividade agrícola que reúne quase toda a família em suas tarefas.

Tratando-se do tipo de arranjo familiar, em que o homem é a pessoa de referência, os tipos de famílias mais frequentes são casal com filhos e casal sem filhos. Nas famílias em que a mulher é a referência, predominam as sem cônjuge e com filhos. Observa-se que, independentemente do gênero de referência, as famílias com filhos têm as mais baixas médias de rendimento familiar per capita. As do tipo "casal com filhos", chefiadas por homens, têm rendimento médio de R\$295,80, e as chefiadas por mulheres "sem cônjuge com filhos", R\$250,00. Esses dados foram resgatados de questionários que foram aplicados na área do estudo. Ainda, foi identificado na localidade que a quantidade de mulheres idosas aposentadas é menor que a de homens.

4.5 Geografia no Espaço Rural: o lugar e os sentimentos depois da curva da estrada

Para evidenciar o lugar de sentimentos depois da curva da estrada, primeiramente entenderemos que essa curva difere de uma curva do rio. Na curva do rio, o sedimento vai sendo depositado no lado contrário, mas sua força vai deixando vestígios de que a mudança está ocorrendo.

Nosso caso específico é a respeito da curva da estrada, que ao passarmos por elas no assentamento vimos que simboliza o desaparecimento das famílias, pois depois da curva não há mais o lugar antes conhecido por elas.

A curva não deixa vestígios do passado; na estrada, tudo muda em uma curva. Partindo desta metáfora, com o entendimento presente nas relações sociais diversas existentes no campo da Geografia Agrária, a vida árdua de quem trabalha na lavoura representa um lugar repleto de emoções, apego e sentimento topofílico.

Esse sentimento, após as Hidrelétricas do Madeira, foi ficando mais forte e evidenciado no esquecimento deixado na curva da estrada. Dona Rosimar Aguiar expressa as perdas nessa curva:

“O Joana D’Arc pra mim hoje é uma porcaria, mas já foi bom! Era muito bom eu me lembro que esse igarapé ai era pouco esse caminho ai pouco pra gente e não tinha onça, hoje cinco e meia da manhã se você não se levanta da cama você não aguenta de tanta carapanã que tem, mas parece um vêu mesmo! E, não tinha aranha, eu morro de medo aranha ai meu Deus do céu chega eu me arrepio só de falar no bicho! Tem demais, cobra então nem se fala, nós andávamos daqui lá na beira do rio eu mais meu irmão pequenininho, nós éramos pequenos não via uma cutia agora eu não tenho coragem de ir aqui à Marta! Porque eu sei que a bicha vem, tem a onça! Lá os meus bezerros, bem ai comeu meus bezerros, aqui pulou em cima do Fi só não pegou o Fi porque o cachorro pulo junto!” (Rosimar Aguiar, moradora da linha 17, 2013)

Dona Rosimar lembra bem os prazeres que o lugar lhe proporcionava, e retrata a crua realidade que vive no assentamento. Para ela, a lembrança do passado já causa tristeza e solidão. “Antes, a vida consiste originalmente nessa relação com o espaço e, portanto nem mesmo em pensamento ela pode se libertar disso” (BOLLNOW, 2008, p. 21).

Este apego ao lugar, por um lado, traz sentimentos de tranquilidade e bem estar, mas por outro a difícil vida das pessoas que trabalham na lavoura, no assentamento, onde as más condições das estradas, o abandono das autoridades e o descaso a esta trabalhadora, somam-se a outros fatores que deixam as famílias debilitadas. Na fala de Dona Zélia é presente, também, os sentimentos que lhe cercam nesse lugar:

“É sentimento de tristeza, de angústia, solidão, antes eu tinha um prazer em estar aqui, quando ia à cidade voltava logo, só ia pra resolver alguma coisa e voltava logo, e agora chego me sento e fico meditando eu ainda gosto daqui, eu não falo pra ninguém, fica só comigo! Dentro do meu coração, porque não adianta ficar se lamentando, se lastimando porque isso não vai resolver nada, vai só complicar, mas cada vez fica mais triste, e o tempo vai passando.” (Dona Zélia Reis, moradora da linha 17, 2013)

Os sentimentos de tristeza, de angústia e de solidão preenchem o espaço de incerteza futura e a alegria do passado. A saudade traz sentimentos de fracasso, já que ela não acredita mais em futuro próspero, e que perdera seu lugar de vivência que tanto lutou para construir. Desta forma, a condição das famílias torna-se

importante por estar além dos acontecimentos de um lugar representado pela história de um povo num caráter duradouro.

Outro aspecto presente no assentamento, diz respeito à mobilidade das famílias e no transporte dos poucos produtos ainda cultivados pelos moradores. Para as 70 famílias que continuam morando no local, o único meio de transporte é a bicicleta ou a moto, as quais ainda conseguem circular entre as estradas em difícil estado de conservação.

Partes das famílias moradoras do assentamento foram indenizadas e transferidas para uma localidade chamada Santa Rita: aproximadamente 140 (cento e quarenta) famílias mudaram-se do Joana D'Arc III por terem suas terras alagadas com a construção da Hidrelétrica. O restante das famílias (setenta) que não foi indenizada continua no assentamento, porém sem muitas perspectivas futuras. Hoje vivem, basicamente, da agricultura familiar realizada nos poucos espaços que ainda conseguem plantar, já que o solo tornou-se encharcado e a vegetação continua morrendo. Sem o solo propício para a agricultura, os familiares não têm o que fazer e o abandono da prática agrícola é crescente nas áreas antes habitadas, onde podiam cultivar para suas famílias.

O estudo realizado pelo consórcio Santo Antônio não constatou que 24 km das linhas 17 e 19 seriam afetados diretamente pela construção de sua represa. Deste modo, não indenizaram todas as famílias que viviam na linha, restando ainda estas 70 famílias que esperam a solução para a angústia que estão vivenciando, seja pela improdutividade do solo, seja pelo abandono do poder público.

A atividade que ainda pode ser praticada neste lugar concentra-se na produção de polpa de goiaba e açaí. As outras fruteiras, que anteriormente eram cultivadas, tornaram-se infrutíferas, uma vez que não conseguiram suportar a quantidade excessiva de água em suas raízes e, dessa maneira, acabaram ou morrendo ou não dando mais frutos. A lavoura também está comprometida pelo solo encharcado, produzindo pouca mandioca em localidade onde o solo possui dimensões relativamente mais elevadas.

Ainda é possível colher algumas batatas que servem apenas para o consumo familiar. As áreas não encharcadas representam menos de 20% dos lotes dos moradores, sendo que apresentam grande concentração de animais peçonhentos que buscam refúgio, o que acaba se tornando uma disputa do espaço com os moradores do lugar. Faz-se premente destacar que quem fica em desvantagem é o

ser humano, já que as cobras, os escorpiões e as outras espécies peçonhentas escondem-se em locais propiciando perigo para quem não as enxerga.

Para entender o contexto histórico que passa no local da pesquisa, fez-se necessário uma análise atenciosa sobre a forma como se desenvolvem as relações entre os empreendimentos do Rio Madeira e a comunidade do Assentamento Rural Joana D'Arc III.

Neste viés, buscamos o empreendimento do Rio Madeira, a saber: a Usina Hidrelétrica de Santo Antônio. Embora o foco central de nossa pesquisa não se volte para o estudo das hidrelétricas, sentimos a necessidade de evidenciar este empreendimento para a compreensão dos fatores que cercam a pesquisa e os moradores do assentamento.

Os estudos para a realização da implantação das usinas indicaram que os impactos do empreendimento seriam compensados, com medidas compensatórias e/ou mitigadoras. Desse modo, as comunidades impactadas diretamente deveriam ser compensadas pelos prejuízos possíveis tais como: elevação do preço das terras e das benfeitorias; comprometimento das atividades agropecuárias; comprometimento de moradias e benfeitorias; ocupação de novas áreas; comprometimento de algumas comunidades rurais e ribeirinhas; alteração na organização social e política da população afetada pelas obras e pela formação do reservatório. Sobre o impacto ocasional ocorrido serão necessárias novas pesquisas que analisem os programas do empreendimento voltados aos moradores ainda residentes no assentamento.

O estudo do espaço no campo da Geografia Agrária busca analisar as características da população e suas diversidades, considerando os aspectos socioeconômicos, políticos e culturais de uma determinada comunidade ou sociedade. Sobre o aspecto econômico, Dona Zélia continua:

“Aqui de quando eu vim morar pra hoje tem muita diferença, tudo piorou, no começo eu vendia algumas coisas refrigerantes, e outras coisas, e depois todo mundo foi embora. Mas aqui era tão movimentado foram embora cinquenta família pelo motivo de ser atingido pela alagação da usina hidrelétrica de Santo Antônio, e aí ficou deserto inclusive ta só um lago, tudo encharcado, nunca pensei que pudesse ficar assim, emendou tudo! E, tem gente que até pesca lá pra comer. Meu terreno depois disso ficou muito ruim.” (Dona Zélia Reis, moradora da linha 17, 2013)

Assim sendo, em um estudo sobre território, Saquet e Santos (2010, p. 37) enfocam o espaço demonstrando, que este pode ser compreendido “nos estudos sobre manifestações culturais que apontam o movimento dialético da sociedade e a luta pela apropriação do espaço”.

Essa reestruturação em que as representações no meio rural são facilmente entendidas quando se observa trabalhos de plantio, colheita e produção agrícola serem divididos entre serviços manuais realizados por mulheres e serviços mecanizados desenvolvidos por homens. Entendemos Rossini (2006, p. 15) ao dizer que “a igualdade e equidade entre homens e mulheres em favor, não apenas do bem-estar das pessoas, mas também do desenvolvimento econômico e social”.

As características socioeconômicas no espaço rural superpõem a força masculina não para a realização do trabalho, mas para identificar como aquele que delega (o patrão), que controla e que confere dividir as funções. Este último, representando o gênero na idade, na renda, no local de moradia e no trabalho realizado na agricultura. Nesta conjuntura, o trabalho no espaço rural configura na agricultura desenvolvida pelas mulheres e estas permanecem em desvantagem.

O campo da Geografia Agrária é marcado por questões socioeconômicas, políticas e culturais, em função de o ambiente rural exigir da sociedade um olhar mais presente. Dona Zélia possui a percepção do esquecimento:

“Gostaria muito que o desprezo que as pessoas tem de nós aqui parasse, e alguém no Brasil ouvisse nossa história e pudesse nós ajudar! Mas nós sabemos que só vai piorar. Nossos direitos não são respeitados, eles tomam a providência que querem nossa situação.” (Dona Zélia Reis, moradora da linha 17, 2013).

Nas ações e relações construídas no espaço ocupado por agricultura familiar Neto e Arruda (2010, p. 273) apresentam “constante alteração de acordo com o interesse de cada grupo”. Neste sentido, estudar a sociedade agrícola e as atividades por ela desenvolvida revela a diversidade de realizações e de trabalhos, como um desafio em desmistificar as várias acepções que norteiam o estudo do espaço, proporcionando uma visão expandida e esclarecedora de que o espaço rural também é social, uma vez que

por toda parte o espaço geográfico é talhado na matéria ou diluído em uma substância móvel ou invisível. Ele é a falésia, a escarpa da montanha, ele é a área da duna ou a grama da savana, o céu morno e enfumaçado das

grandes cidades industriais, a grande ondulação oceânica. [...] O espaço “puro” do geógrafo não é o espaço abstrato do geômetra: é o azul do céu, fronteira entre o visível e o invisível, é o vazio do deserto, espaço para a morte (DARDEL, 2011, p. 8).

Se por um lado o espaço rural representa simbolismo nas atividades realizadas específicas dessa realidade, por outro lado retrata um espaço que passa a ser entendido através da representação de gênero como uma categoria de análise social, a qual é “bastante reconhecida nas ciências humanas e sociais. A abrangência conceitual permite as análises sobre a influência de gênero, tanto na constituição da ordem social, como também na produção de subjetividades” (NASCIMENTO SILVA, 2011, p. 2).

Para Dona Zélia refere que a rotina é entendida com algo prazeroso que distrai. Ao dizer “*tenho que continuar minha rotina, que é de manhã fazer o café, fazer o almoço, às vezes lavar roupa, às vezes já termino e vamos pescar, eu e o meu marido. A pescaria me diverte, me distrai, pegar o peixe, trazer pra casa e fazer...*”, ela retrata as emoções e os sentimentos que sustentam a mulher em toda sua espacialidade.

Entender os sentimentos que estão presentes no universo feminino de trabalhadoras rurais que podem ser percebidos e analisados a partir do simbólico, conforme evidenciado por Gaston Bachelard, em que a divisão das atividades femininas no ambiente rural e as representações de gênero neste espaço se constroem pelos fatores externos que oprimem e impõem ordem e obrigações à mulher, mas que esta a entende como parte essencial para sua existência. Dona Estelina evidencia sua rotina ao dizer:

“Hoje minha rotina aqui no campo começa cedo, pois eu trabalho na escola daqui e são quarenta quilômetros de distância pra chegar lá, então pego o ônibus escolar com as crianças de manhã, às cinco horas da manhã já levanto e as cinco e meia da manhã pego o ônibus, e quando a estrada está ruim, o horário vai pras seis horas. Tenho sempre na minha rotina a limpeza da casa, a comida pros animais, pra porco, pra galinha, e às vezes como você pode ver a gente estava podando umas árvores pra ficar com uma vista melhor, e ainda tem a lavagem da roupa.” (Dona Estelina Cabral, moradora da linha 17, 2013)

Alcançar a igualdade de oportunidades e funções no campo, neste caso, ainda está associada à vivência de uma sociedade organizada por critérios de diferenciação de gênero, que implica em experiências sociais muito diversificadas

para homens e mulheres. A mulher no campo rural, de certa forma, continua vitimada por uma marginalização fortemente alicerçada na cultura de submissão ao masculino. Este fator se esconde entre as margens da estrada, sendo que a cada curva está presente um sentimento de descaso, de opressão e de desvantagem nas tarefas realizadas por mulheres, nos serviços cumpridos na produção agrícola, em que a ação das mulheres consiste em realizar o trabalho braçal.

À mulher do campo estão diretamente ligadas as questões econômicas, sociais e emocionais, as quais são exteriorizadas por vários seguimentos da sociedade, estando dentro ou fora do seio familiar, fazendo-se presente nas ações exercidas espontaneamente no espaço habitado. Este espaço é entendido por Claval (2011, p. 372) ao considerar que a Geografia serve para o entender a sociedade e “sua vocação é universal: trata da superfície terrestre em sua totalidade. Abraça os fatos naturais e tudo o que está relacionado a ação dos grupos sociais que progressivamente povoaram e humanizaram continentes, ilhas e arquipélagos”.

Ainda em Claval (2011) observamos que as divisões territoriais são facilmente interiorizadas pelos seus medianeiros, entendendo a relação com os espaços indispensáveis à sociedade. E com isso, entendemos que a jornada da mulher rural executada é árdua, e ela tem que exercer uma dinâmica de trabalho que às vezes esgota sua força, não só física mas mental.

No esforço executado antes, durante e após a lavoura, é possível descrever os mais variados tipos de habitação. Sobre essa variedade, o fenomenólogo tendo a casa como ponto de referência, faz o esforço necessário para compreender o germe da felicidade sentida pela mulher (BACHELARD, 2012), já que seu trabalho continua na esfera reprodutiva, invisível e desvalorizado, sendo que esta desvalorização também é questão subjetiva.

4.6 O Encontro com Mulheres do Assentamento Joana D’Arc III

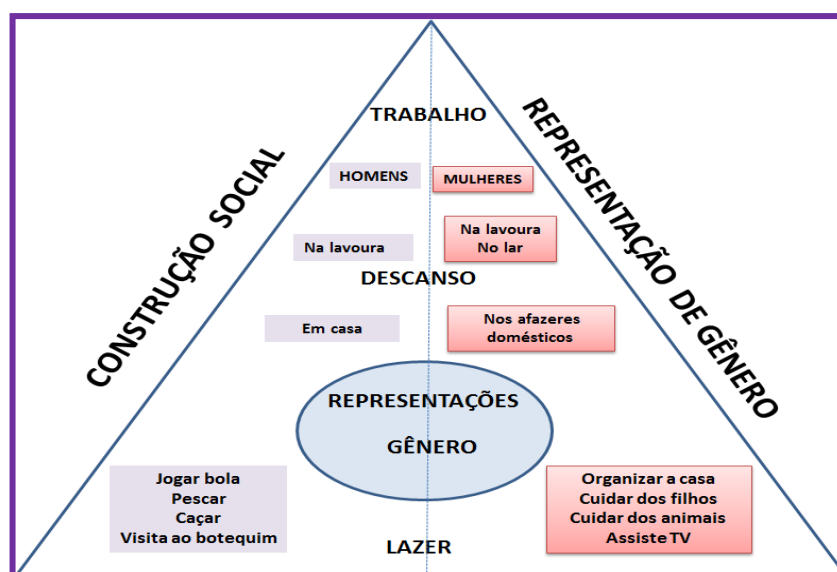
O primeiro contato com as mulheres residentes no Assentamento Joana D’Arc III foi voltado a uma observação dos aspectos explícitos do lugar de morada, dentre esses: a maneira como organizam o tempo no ambiente rural, a sequência da rotina nas atividades diárias, o tipo de alimento consumido pelas famílias, as relações presentes entre homens e mulheres na realização das atividades braçais, as

disposições das casas e as diferentes formas de construções existentes na comunidade, os caminhos, dentre outros.

Segundo Nascimento Silva (2004), as casas comerciais e as igrejas são lugares que transmitem energias diferentes quando estamos inseridos no contexto. Nas casas comerciais há um uso do lugar para a compra dos gêneros de primeira necessidade, mas há também o lugar do lazer para os homens que bebem, a venda de bebida, a televisão para assistir algum jogo, para jogar sinuca, os quais configuram formas de lazer a eles. Enquanto isso, para as mulheres, são lugares em que vão acompanhar o marido ou comprar algo, conversam entre si. Já a igreja acaba sendo o lugar de culto, o lugar de passeio e de lazer, pois as mulheres mesmo relatam que é o lugar onde vão para passear e se divertir, sendo uma fuga da rotina.

Para melhor esclarecer esta construção social de gênero, elaboramos um quadro que retrata a mulher no ambiente rural.

Quadro 4: Equidade de gênero no ambiente rural.



Fonte: Organizado por Ferreira (2013).

Para entender a imagem, utilizaremos a rotina das atividades desenvolvidas pela mulher que trabalha na agricultura, em seus afazeres “domésticos”. Para Nascimento Silva (2012), “o termo doméstico já vem configurando uma construção social de domesticada” em que a sociedade ergue paredões de divisão de trabalhos para a mulher e para o homem. Em sua rotina diária, fazer café, varrer o terreiro, preparar o alimento da família, lavar as roupas e cuidar da casa são compreendidas

como atividades exclusivamente da mulher, o que é repassado de mãe para filha por meio de uma cultura de “domesticação” da mulher. Ou seja, a sociedade dita a lei que deverá ser seguida por pessoas pertencentes ao sexo feminino.

A sociedade se responsabiliza em bloquear as possibilidades de entendimento da mulher sobre sua carga extra de trabalho, em muitos casos submetendo-se à “escravidão” do lar em detrimento de realizar todas as atividades, além de ter que cumprir com todas as atividades para não ter de justificar ao marido ou companheiro a ineficiência de sua função. Esta mulher incorpora da sociedade (família, pai, igreja, cônjuge, patrão, amigos) parte do ensinamento, uma aprendizagem de viver para servir. Sua servidão à sociedade é construída em uma rede ideologicamente pensada e vivida. Em muitos casos, a mulher não reflete sobre essa construção social atribuída a ela, pois a partir desta construção será sempre submissa às vontades internalizadas em uma sociedade machista. Sobre essa realidade, Mill (2006, p. 17) acentua que

é desnecessário que eu diga que aqueles que mantêm a doutrina de que os homens têm o direito de comandar e as mulheres estão obrigadas a obedecer, ou de que os homens são adequados para o governo e as mulheres são inadequadas, estão do lado afirmativo da questão, e provavelmente mostrarão evidências positivas para tais declarações ou estarão subordinados à sua rejeição.

O momento de descanso retratado na imagem do quadro 4 nos permite analisar uma atividade de descanso vivido pelo homem e um outro descanso vivenciado pela mulher. A sociedade legitima a criação de gênero quando sobrepõe uma camada da sociedade em detrimento de outra camada em diferenciação de deveres. A mulher no campo rural, de certa forma, continua vitimada por uma marginalização fortemente alicerçada na cultura de submissão ao masculino.

Assim, o espaço carregado de complexidade, de atividades que a mulher realiza em casa após uma dura jornada de trabalho na lavoura, aqui é entendido como “descanso”, o qual a sociedade constrói como tal. Porém, a mulher vive nessa realidade de fadiga e de angústia ocasionada de maneira sutil e preconceituosa.

Se o descanso é um espaço perplexo de tarefas desenvolvido pela mulher, atividades que, fisicamente, lhe deixam exausta, confirmamos a construção social da desigualdade de gênero. Logo, percebemos uma ação imposta pelo poder de quem manda e uma submissão da mulher em detrimento do que lhe é imposto. Enquanto

o marido descansa, a mulher cuida dos filhos, da casa e prepara algo para comerem.

Destarte, Fremont (1980), sobre uma pesquisa das representações do espaço da criança, faz uma apologia a Piaget sobre a construção social do espaço da criança quando afirma: “desta rica produção dois ensinamentos maiores podem ser tirados: as etapas de formação do espaço vivido, a riqueza e a complexidade das suas representações” (FREMONT, 1980, p. 25). Isso, para o entendimento da construção social que acontece nas espacialidades vivenciadas por homens e mulheres.

As experiências adquiridas nas atividades laborais são tanto vividas como sentidas, e a sociedade configura-se como participante de sua construção espacial. Então, o descanso – por ser uma particularidade – é sentido interior, exposto fisicamente. No entanto, há algumas ideologias masculinas de barreiras sobrepostas que impedem o reconhecimento do descanso da mulher, sendo construções que, por maior que sejam as atividades realizadas, não serão entendidas como tarefas. Esse aprendizado do que vivenciado e o do que é compreendido é encoberto por adjetivos intrínsecos oriundos da sociedade, que mesmo visualizando sua real presença, continua retratando a submissão da mulher.

Para entender o trabalho exemplificado na figura 4, buscamos embasamento em Rossini (2006), que defende a educação e a equidade de gênero e apresenta parâmetros para o ensino de gênero na escola:

ressaltar a necessidade de que tarefas domésticas devem ser equitativamente distribuídas, mostrando que o sobre trabalho, cumpre as tarefas domésticas, além de exercer uma profissão – não deve recair apenas sobre as mulheres, mas ser igualmente compartilhado com os homens (ROSSINI, 2006, p. 43).

Assim sendo, o trabalho enquanto uma condição humana, a saber: atividade que depende de uma organização compartilhada, não pode ser entendida de forma fragmentada. Por um lado o que é próprio para homens e por outro o que é próprio para mulheres, uma vez que este tipo de construção social acaba por evidenciar uma ação inteiramente exclusiva da pessoa. Neste caso, a mulher é inserida em um contexto em que o trabalho passa a representar um universo histórico, cultural, corporal e físico, onde este é construído em desigualdade de gênero.

Quando falamos em igualdade de gênero, estamos aplicando as relações sociais entre mulheres e homens. Neste sentido a igualdade de direitos, de oportunidades e acesso aos recursos, bem como a distribuição equitativa das responsabilidades relativas a família são indispensáveis ao bem estar social (ROSSINI, 2006, p. 18).

Ora, a igualdade de gênero está intimamente ligada às oportunidades e à distribuição das atividades. No meio social, as tarefas são divididas levando em conta o sexo (masculino ou feminino); logo, vemos uma condição imposta que gera relação desigual. O reflexo, neste caso, é uma construção social de relações desarmônicas, isto é, o fato de haver uma aceitação social, ainda bem antiga de que o trabalho condiz às atividades exercidas fora do ambiente doméstico, permite entender porque as atividades realizadas no seio familiar continuam arraigadas na sociedade como obrigação hereditária. Deste modo,

a mudança que tem se operado em relação ao trabalho tem sido enorme. Homens e mulheres lutam pela sobrevivência procurando manter o trabalho durante todo o ano atividade que se tornam rara a cada dia devido a mecanização intensa na agricultura (ROSSINI, 2006, p. 6).

Se toda mudança na sociedade caminha para uma igualdade de gênero, no âmbito rural há de se refletir em mudanças igualitárias, então as relações construídas nestes espaços rurais nos conduzem ao entendimento de que um isolamento social é oriundo de algo discriminatório. A confirmação deste isolamento social, enquanto trabalho realizado pela mulher, é retratada ainda pela pesquisadora Rossini (2006), em um estudo com mulheres cortadoras de cana no Estado de São Paulo, quando diz:

o tempo de repouso da mulher passa a ser cada vez mais exíguo, enquanto para o homem ele permanece quase o mesmo, pois após uma longa jornada de trabalho o homem chega em casa e aguarda o jantar. Poucos têm colaborado nos trabalhos domésticos. Nos finais de semana, em geral, o homem vai se encontrar com os amigos, bater uma bola, bater um papo e ficar no bar conversando e bebendo, Enquanto isso a mulher trabalha: lava roupa, cozinha, costura, remenda, prega botão cuida das crianças (ROSSINI, 2006, p. 5).

A força e o trabalho desenvolvido pela mulher compreendem uma espacialidade vivenciada em âmbito rural de trabalho mecanizado. Porém, nos espaços onde a produção está ligada inteiramente à agricultura familiar e aos trabalhos mais braçais, são realizados cotidianamente ainda que as mulheres

contribuam com seu trabalho, ele continua caracterizado como não trabalho, ou seja, apenas uma “ajuda” de maneira desigual entre homens e mulheres.

Em toda essa desigualdade, refletimos as emoções, as sensações evidenciadas pela mulher que acaba por vivenciar, no mundo que a rodeia, marcas do tempo deixadas por este trabalho em seu corpo e, até mesmo, em sua mente, pois as mesmas são colocadas em grau de desfavorecimento, ou mesmo em posição inferior de *status* social.

Pode-se especular sobre algumas das oposições fundamentais na experiência humana: vida e morte, macho e fêmea, “nós” ou “eu” e “eles” estão entre as mais importantes. Estas antinomias das experiências biológica e social são, então, transpostas para envolvente realidade física (TUAN, 1980, p. 18).

O que acontece no universo exterior é transportado ao universo interior do corpo humano, com representações e significados diferentes, uma vez que cada pessoa, de acordo com seu trabalho e com suas atividades laborais, constrói um significado que poderá ter sido influenciado por fatores sociais que o cercaram.

O labor é entendido socialmente como um esforço físico, porém o esforço físico gera o cansaço e, este, a fadiga que resulta na rotina e no desânimo. Como consequência de todos estes adjetivos citados, o corpo acaba tornando-se escravo do trabalho, sendo que a pessoa aceita a servidão que passa a incorporar a rotina diária de forma natural.

Ora, o elemento aqui condiz ao trabalho vivenciado e, logo, verificamos uma sobreposição destes impostos às moradoras do ambiente rural, então a construção de gênero procede, também, nesta espacialidade vivenciada pela pessoa. Sendo assim, “o ser humano é levado pelas sensações para além do limite normal; ele é possuído por uma força, cuja origem coloca fora de si mesmo, na natureza e na sociedade” (TUAN, 1980, p. 29); força maior que sua vontade, restando a essa pessoa a resignação ou não aceitação e luta para que haja o equilíbrio.

CAPÍTULO 5: UM ESPAÇO DE SAUDADES E INCERTEZAS FUTURAS



Figura 17: Maria Iraelza Bandeira, moradora no Assentamento Joana D'Arc III (FERREIRA, 2013).

“Aqui no Joana D’Arc ocorreu algumas mudanças com esse problema aí da usina. Aqui era bom, eu vivia bem.” (IRAEIZA BANDEIRA, 2013)



Fig. 17: Espaço Simbólico - Ass. J. D'Arc III

“Isso aqui é minha vida [...] sou uma mulher feliz! Todas estas plantas eu plantei e vi crescer, tenho amor a todos meus pés de manga, de ingá, de mamão, tudo, tudo! Eu converso com as plantas, estes são meus filhos, plantei e vi crescer [...]. Aqui não dava melancia. Um dia, seis horas fiz uma prece e desde dia nunca mais faltou melancia, dá que estraga! Aqui eu como tudo natural! À tardinha, eu mais meu marido pega essa canoa, eu rema e ele joga o canicho, agente volta com Cará, Piau, Matrinchá, Traíra, é peixe para a semana inteira.” (Dona Zélia, moradora do Assentamento Rural Joana D'Arc III).

Neste capítulo discorreremos sobre os dados coletados e retomaremos os autores que fundamentaram a pesquisa. Sabemos que os fatores presentes nas espacialidades são constantemente permeáveis pelas teorias geográficas, podendo variar de acordo com as circunstâncias advindas das práticas observadas no espaço, no lugar, no ambiente, na cultura que constrói ou transforma o espaço.

A experiência cultural é fator de análise na categoria geográfica. Percebemos que estão presentes os sentimentos que apontam para a percepção do lugar e do espaço vivido dos indivíduos ou grupos humanos. Em um mesmo espaço, agregam-se sensações, reações e estímulos que integram o espaço vivido, construído, percebido e sentido, com suas significações que interagem com a experiência vivenciada em cada espaço e, neste caso, o rural.

Com Claval percebemos que o espaço vivenciado também é sentido em cada atividade desenvolvida no meio habitado. Dependendo de cada ambiente, os reflexos repassados do meio, da cultura, do lugar dos trabalhos desenvolvidos e por cada ação presente há de considerarmos que ainda estão presentes os apegos, as tradições, os costumes e os sentimentos que só são percebidos pelo pesquisador após um amadurecimento na pesquisa.

Assim, para Claval, os geógrafos são como outros especialistas das ciências sociais, obrigados a aprofundar seus conhecimentos em sua área de atuação, já que buscam em sua excelência evidenciar os fatores geográficos e humanos que a ciência contempla a partir do estudo dos aspectos e fatores que não são só físicos, mas que influenciam as atitudes humanas e são percebidos pelo pesquisador.

A análise dos fatores humanos subjetivos, presentes na rotina das pessoas, na cultura e nos valores existentes em cada espaço socialmente construído pode ser compreendida por meio dos estudos geográficos. Este espaço, sobre a análise do pesquisador, deve ser observado, entendido e evidenciado em sua dimensão para, em uma contextualização explicativa, a partir das categorias geográficas, ser evidenciado.

A significação do espaço vivido perpassado pela experiência vivenciada em cada espaço e, no caso do rural, os estímulos aguçam as emoções, observamos em Dona Iraelza que este estímulo vai do apego ao lugar, como sentimento topofílico, ao medo da incerteza futura.

O homem não se encontra no espaço como um objeto se encontra em uma caixa, e não se relaciona com o espaço como se primeiro houvesse um sujeito sem espaço que então posteriormente passasse a se relacionar com um espaço. Antes, a vida consiste originalmente nessa relação com o espaço e, portanto nem mesmo em pensamento ela pode se libertar disso (BOLLNOW, 2008, p. 21).

“Aqui era bom, eu vivia bem, nem pensava em sair, pensava em ficar!” (Maria Iraelza, moradora do assentamento). Ora, o pensamento é a premissa que mantém o humano limitado a sua espacialidade, sendo fonte de reflexão na análise da fala de Dona Iraelza, pois a topofilia impregnada em seu sentimento está disposta nas ações cotidianas. Como observamos em Bollnow (2008), não é apenas em formas geométricas, mas em sentir e sobre este pensamento forma-se o eixo que compõe o espaço vivido tão presente nos estudos sobre Geografia Humana, pois o

espaço não se reduz, para nós as relações geométricas, que determinamos como se nós mesmos, limitados ao simples papel de curiosos observadores científicos, nos encontremos externos a ele. Vivemos e agimos no espaço, e no espaço se dá tanto nossa vida pessoal como a vida coletiva da humanidade (BOLLNOW, 2008, p.17).

Nos estudos da geografia humanista estão presentes reflexos que, permeados por análises subjetivas nas práticas sociais, em cada grupo ou espaço estudado, há de considerar que a organização da vida cotidiana carrega simbolismos nem sempre perceptivos, mas que são sentidos e experimentados pelos habitantes desse espaço.

A rotina de Dona Estelina, carregada de experiências que a certificam de uma realidade constituída no cotidiano da rotina humana, nos lugares, nas reações e nas sensações das pessoas, estão representadas nas vivências ao longo de sua vida.

O espaço reflete as atitudes que são impostas pelas forças externas opressoras, neste caso específico, o poder público, o descaso da sociedade pelos moradores do Assentamento Joana D'Arc III, após a construção das Hidrelétricas do Madeira. São, portanto, imposições políticas que impõem uma carga elevadíssima de emoções, em que estão presentes a saudade e a tristeza, esta última podendo ser identificada como diferenciação social, já que as moradoras do Assentamento Joana D'Arc tinham uma vida diferente, afeito ao lugar, vivências repletas de alegrias.

As mudanças bruscas na maneira de vida das pessoas na localidade comprometeram as heranças culturais, os saberes construídos na lavoura, os valores vivenciados nas famílias. Estes fatores, dentro ou fora do espaço físico, permeiam relações da espacialidade vivenciadas em cada espaço em que se constitui a vida das pessoas, pois este, no pensamento de Claval, são os saberes que podem ser ricos e a sua transmissão é, às vezes, difícil basendo-se mais nas experiências partilhadas do que nos discursos.

Estes saberes acontecem nas sociedades em forma de esquema, que permitem a cada grupo desenvolver sua prática nas orientações e localizações de sua espacialidade. Para Claval (2011, p. 31), a espacialidade diz respeito aos “membros de uma sociedade que dispunham de conhecimentos geográficos satisfatórios em matéria de orientação”, bastando que esta sociedade saiba determinar a direção de referências curtas e que estas estejam ligadas a acidentes topográficos ou aos pontos cardeais, relevos, serras, clima, vegetação, os quais são indicadores de referência do conhecimento geográfico. É por meio da experiência repetida que vão sendo apreendidas essas espacialidades.

Este estudo serve, também, para enfatizar que em cada realidade pesquisada há um ponto novo a ser observado. Claval apropriou-se dos saberes camponeses alicerçados em uma geografia vernacular que era passada de geração para geração. Na nossa pesquisa é possível verificar que, nos saberes das mulheres agricultoras, estão presentes sentimentos, emoções e vivências que nem sempre são percebidas se o pesquisador não vivenciar, em sua prática, a pesquisa participativa. “Esse fenômeno é fundamental para a compreensão de toda a vida

humana, pois o esquema espacial vale ao mesmo tempo no sentido figurado, para toda situação do homem” (BOLLNOW, 2008, p. 50).

Esta espacialidade é compreendida a partir das vivências e das relações construídas em cada grupo, as quais poderão representar essa construção através dos sentimentos de alegria, de prazer, de desânimo ou de tristeza de quem as sente. Para a entrevistada Estelina Borges, moradora do Assentamento Joana D’Arc III, estão presentes sentimentos que ela mesma menciona:

“Pra muitas pessoas, é angustiante porque ninguém consegue mais plantar nada, não sei se é por causa da represa, do lago que é aqui perto. Então isso afetou todas as plantações, e trouxe muito prejuízo para nós, pra toda comunidade. Porque aqui não é o lugar que era antes! Até os animais que a gente nem via agora vem aqui no terreiro pegar nosso cachorro, se o cachorro der bobeira a onça pega mesmo! Isso mudou nossa rotina mesmo, no nosso vizinho já pegou três bezerros e nosso já pegou dois, essa hidrelétrica trouxe problemas, a gente não sabe se vai sair, se vai ser indenizado e isso contrariou muita gente, porque as vezes a gente quer fazer alguma coisa, mas na hora fica pensando que vai ter que gastar dinheiro e não sabe se vai sair daqui, ter mais trabalho pra tentar deixar as coisas mais bonitinhas e depois de tudo ter sido afetado não dá!” (Dona Esterlina Borges, moradora do assentamento, 2013)

Dependendo do sentimento construído, rotineira e culturalmente, as limitações e a liberdade vão dando seguimento à história de cada sociedade. Nas culturas vernaculares,

o trabalho de exploração e de aprendizado dos meios aos quais se dedicavam as pessoas lhe permitia acumular conhecimentos frequentemente ricos e matizados sobre os diversos lugares ou territórios que compõem o espaço frequentado (CLAVAL, 2011, p.37).

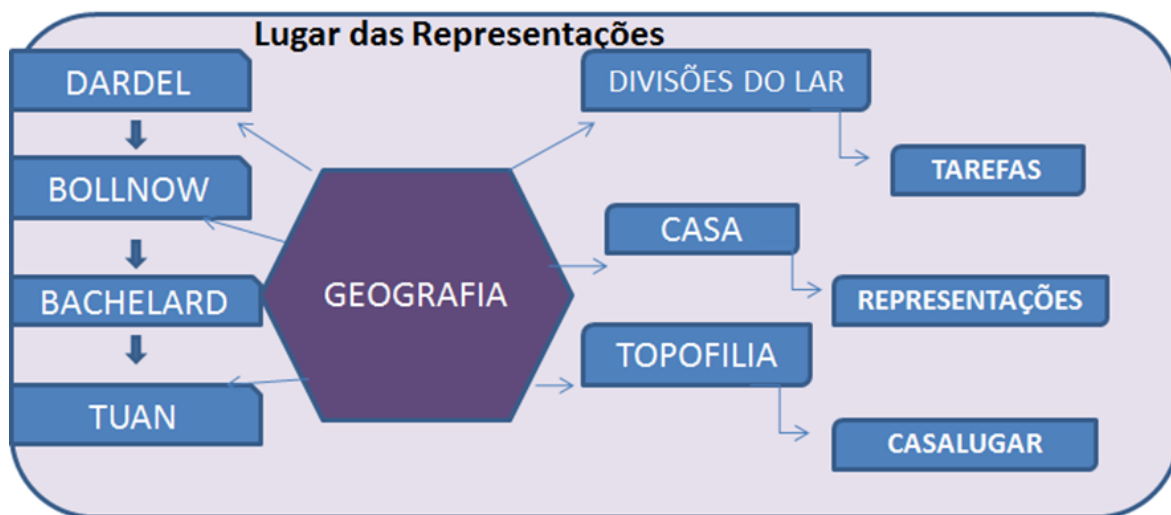
Assim sendo, dentro de um mesmo espaço agregam-se sensações, reações e estímulos que integram o espaço vivido, construído, percebido e sentido produzindo significações do conceito diferentes para cada pessoa.

5.1 A Representação de Gênero no Assentamento Joana D’Arc III

No trabalho realizado pelas mulheres do assentamento rural, relativamente às atividades, refere-se à “domesticação” do próprio corpo feminino, que são construídas por fatores que mesclam as vivências e todo o conjunto de sentimentos, com cada conhecimento construído, caminhando paralelamente às atividades

rotineiras desenvolvidas no ambiente em que vivem. Assim, são passadas de geração para geração, sendo a diferença do gênero apreendido por cada criança que nasce nesse assentamento. É o lugar das representações construídas que evidenciamos com os autores que subsidiaram nossa pesquisa na imagem abaixo.

Quadro 5: A fenomenologia nas representações de gênero.



Fonte: Organizado por Ferreira (2013).

O quadro apresentado evidencia o organograma norteador da análise sob fundamentação do conhecimento geográfico deste estudo. O lugar das representações foi pensado a partir da análise das espacialidades entendidas por cada pensador, em que, para cada eixo de discussão, apropriamo-nos dos autores: Otto Friedrich, Bollnow e Bachelard, para analisar a divisão do lugar, representado enquanto tarefas executadas por homens e tarefas executadas por mulheres na construção social.

Na contribuição de análise das atividades do lar (domésticas), apropriamo-nos da teoria de Dardel e Bachelard para respaldar sobre a concepção de casa apresentada enquanto espacialidade de descanso para os homens e de continuação das atividades vivenciadas pelas mulheres, como tradição das pessoas do lugar. Neste lugar, a casa habitada da mulher é diferente da casa habitada pelo homem, embora ambos sejam da mesma sociedade, participem das mesmas construções sociais e culturais, eduquem os filhos nos mesmos valores. Ou seja, é entendida a partir de pontos de vista diferentes, sendo representado no compartilhamento vivenciado na família.

Para fundamentar o sentimento de topofilia, este sentido nas espacialidades do lugar vivido ganham representação do lugar habitado a partir da fundamentação de Yi-fu Tuan, que assegura um apego ao lugar no espaço experienciado. São as criações internas que conduzem-nos ao sentimento de apego.

Bollnow norteou o argumento sobre a divisão do lugar habitado; Bachelard, para a dimensão simbólica da casa que é sentida; e, Tuan, para o apego a esta casa, “a tradição das pessoas”, caminhando interligados na construção do conhecimento geográfico.

A divisão do espaço habitado passa a ser considerando a existência e a experiência do corpo no lar, uma vez que este corpo é referência em todas as ações que são empreendidas pelo indivíduo, em busca de alcançar os objetivos em cada espacialidade. “Esse fenômeno é fundamental para a compreensão de toda a vida humana, pois o esquema espacial vale ao mesmo tempo no sentido figurado, para toda situação do homem” (BOLLNOW, 2008, p. 50). Havemos de considerar, ainda, a relação existente entre o corpo que é o sujeito e a espacialidade habitada que são os sentimentos. Sendo assim, a habitação está intimamente ligada aos aspectos subjetivos que habitam cada indivíduo. Estas subjetividades são esclarecidas por Bachelard (2012, p. 20) ao afirmar que

não somente nossas lembranças como também nossos esquecimentos estão “alojados” nossa inconsciente está “alojado”. Nossa alma é uma morada. E, lembrando-nos das “casas”, dos aposentados aprendemos a “morar” em nos mesmos. Já podemos ver que as imagens de casa caminham nos dois sentidos: então em nós tanto quanto estamos nelas.

Se esta espacialidade compreende a emoção, sua possível representação está atrelada a questões sentimentais, das quais sua percepção permeia entre o externo, lágrimas, risadas, gestos, e outras ocupações do habitar interno, a qual unicamente é sentida pelo corpo que a sente. Desta maneira, a construção de um pensamento sobre a concepção do que é percebido da vivência das mulheres do assentamento.

As particularidades de cada sentimento que foi exposto durante a pesquisa é uma diferenciação que surge pelo desejo de um ser subjugar o outro, entre o espaço vivenciado mensurável e o espaço vivenciado abstrato. Muitas coisas acontecem neste, e o habitar é conceituado por Bollnow (2008, p. 13) como o “espaço vivenciado [...] a saber este espaço é vivenciado no interior do corpo e o espaço

aprendido é pedagógico, este é vivenciado e percebido através das expressões corporais externas”. Este espaço é considerado a partir da experiência do lugar.

Bollnow (2008) também reconhece a ideia de que o espaço habitado torna-se um ponto de referência diferenciado em relação ao outro. Deste modo, na medida em que a apropriação do espaço relaciona-se com o cuidar da espacialidade, o espaço é concebido em função das distantes formas de habitação, que permitem um incremento em seu potencial de uso, levando em consideração as particularidades existentes que unem e que identificam o corpo ocupado. Para exemplificar este espaço abstrato, apresentamos o quadro que configura um melhor entendimento do pensamento de Bollnow (2008).

Quadro 6: A ocupação do ambiente vivenciado nas espacialidades.

E SPAÇO ABSTRATO	E SPAÇO EXPERIMENTADO
<p>Não há centro definido</p> <p>Não há diferenciação de rota de exterior</p> <p>Sem distinção qualitativa</p> <p>Continuidade</p> <p>Infinito</p>	<p>O centro é o próprio corpo</p> <p>O eixo é a própria pessoa</p> <p>Locais distinguem-se qualitativamente</p> <p>Descontinuidade fronteiras, obstáculos</p> <p>Finito</p>

Fonte: Bollnow (2008) organizado por Ferreira (2012).

Para Bollnow, no espaço abstrato **não há centro definido**, dependendo do momento vivenciado, das ações realizadas e das emoções sentidas, cada espaço produz um sentido diferente. Enquanto no exterior do corpo as vivências incorporam uma realidade imposta pelas forças políticas que o cercam. A vida da pessoa passa a compreender um referencial que identifica em sua espacialidade. No espaço externo, vivenciado por Dona Zélia, já não permite estímulo de alegria duradora, uma vez que esta tem saudades e tristezas que são sentimentos vivenciados com certo grau, devido as incertezas futuras:

“É sentimento de tristeza, de angústia, solidão, antes eu tinha um prazer em estar aqui, quando ia na cidade voltava logo, só ia pra resolver alguma coisa e voltava logo, e agora chego me sento e fico meditando eu ainda gosto daqui, eu não falo pra ninguém, fica só comigo! dentro do meu coração, porque não adianta ficar se lamentando, se lastimando porque isso não vai resolver nada, vai só complicar, mas cada vez fica mais triste, e o tempo vai passando.” (Dona Zélia, moradora no assentamento, 2013)

Depois de todas as alterações no lugar de morada, que antes era prazeroso, foi possível a construção do sentimento topofóbico. Neste aspecto, entender uma espacialidade interior habitada por sentimento topos (de lugar), filico (amor) e fóbico (aversão) esta vivência é sentida de forma desprezada podendo ser identificada como uma construção de inferioridade que a mulher sente nas imposições de poder sobre sua pessoa. Neste caso, podemos identificar o gênero como construção social desigual na sociedade rural.

As opressões impostas pela sociedade nos conduzem a diferenciações de entendimento entre as construções socioculturais. Nosso entorno é percebido e apreendido, conforme Bollnow evidencia dimensões analisadas pelo viés da espacialidade mensurada, como um círculo onde os pontos entre si possuem entendimento. **Não há diferenciação de rota de exterior**, dependendo do ângulo experiencial a visão terá nova compreensão ou resultados diferentes. Na entrevista com Dona Estelina, o significado do descanso tem representação diferente de outras realidades, porém no marco interior da percepção destas rotas exteriores ganham significados diferentes, já que as experiências espaciais ocorrem em um espaço interno, em que a vivência é sentida por meio das emoções.

Sem distinção qualitativa, Bollnow encontrou nas espacialidades, distâncias e proximidades dos pontos percebidos. Dependendo da relação entre os pontos analisados, todo o espaço colabora para que a experiência vivenciada crie o efeito ilusório, transformando a significação da realidade para quem a participa. E dependendo dessa realidade, a mesma tende a causar um efeito centrífugo (de dentro para fora), distanciando o sujeito da real situação de vivência espacial.

Em um espaço onde o esforço físico, a rotina diária e o trabalho realizado têm certo grau de imposição social, entendemos que o espaço rural tem fortes características dessas ações mencionadas. Pode ser compreendida a **continuidade** do espaço abstrato, de Bollnow, e a descontinuidade nas organizações de vida das famílias assentadas, sendo evidente a presença de mulheres trabalhando no campo da agricultura familiar. Esse espaço exterior na realização das atividades rotineiras nos assentamentos rurais e o estilo de vida das pessoas passam a ser o esforço exercido pela sua sobrevivência.

Desta forma, o esforço advindo da realidade vivida é finito, mas os sentimentos construídos ao longo da historicidade de vida é **infinita**. A mulher

vivência na espacialidade de seus pensamentos e suas percepções o entendimento de sua vivência.

5.2 O Sentimento Feminino no Espaço Rural e a Rotina da Mulher

As atividades desenvolvidas no campo exigem dos agricultores esforços físicos e psicológicos. Conciliar as atividades desenvolvidas na agricultura familiar, nos afazeres domésticos e na atividade de extração de produtos silvestres, acaba ocasionando uma rotina que nem sempre é reconhecida pela sociedade como trabalho, principalmente quando é realizado pela mulher. Percebemos isso na fala de Dona Iraelza ao dizer que “*cria galinha, torra café, lavo roupa, cuida da casa etc.*” Nas várias espacialidades construídas pelas atividades das mulheres rurais, existe uma mulher que, para Fernandez (2001, p. 109), convive com “uma forma de contra violência que algumas mulheres exercem cotidianamente, frente à dificuldade de achar modos alternativos que lhes permitam modificar condições de vida opressivas”.

A rotina, embora pareça ser constante, é exercida em etapas, que envolvam a mulher e ela não percebe a fadiga, sentindo, ao contrário, alegria e não causando *stress* quando realiza as atividades cotidianas. Os diversos trabalhos desenvolvidos no campo rural, como as atividades de extração de polpas de frutas, extração do açaí, feitiço da farinha de mandioca, agropecuária, cuidado com o alimento e a proteção com criações (porco, galinha, cachorro, pato, ovelha, carneiro entre outros), no cotidiano da mulher que mora no espaço rural é preenchido diurno e noturno constantemente. Nesse pensamento, vemos que

o trabalho doméstico é visto como inerente à natureza as mulheres: as mulheres estão naturalmente destinadas ao “cuidado” das crianças, e dentro deste cuidado entraria a tarefa de educa-la. Ao considerá-lo de tal modo, lhe é tirado o valor de trabalho produtivo, desvalorizando a tarefa em si, e a quem a exerce (FERNANDEZ, 2001, p. 110).

A realização de atividades que exigem maiores esforços físicos provocam dores, cansaço ou trazem sentimentos de solidão, de prazer, de amor os quais, às vezes, não são expressos, mas são sentidos por cada um/uma diferentemente.

Ao considerarmos que essa rotina de atividades no espaço rural são construídas e repassadas de mãe para filha, os sentimentos, nesta realidade, são arraigados a partir do cotidiano vivido, da experiência compartilhada no relacionamento social familiar, pois

na organização dos seus espaços de vida, as famílias são sujeitas as toporalidades advindas de diferentes esforços: a da vida doméstica, que regula o tempo do sono, da alimentação, dos cuidados com a casa e com a família (SANTOS, 2011, p. 3).

Em muito dos casos, esta 'super' carga de opressão é entendida como obrigação e desrespeito à própria identidade de mulher. A saber, são situações de descaso que oprimem a mulher, levando-a a desacreditar na vida. Assim, a mulher se desprende de todos os seus anseios, sentimentos e emoções, para abraçar uma realidade que acredita ser a sua única oportunidade de inserção social. Para ela, as incertezas causam sofrimentos e independente de lutar ou idealizar, sua sina está traçada.

Nesta realidade, a feminilidade da mulher é anulada para a construção social de uma pessoa que trabalha, realiza as atividades, buscando conciliar os afazeres e as obrigações, sendo esquecida pela sociedade a mulher que tem anseios, saudades e pensamentos que são guardados no seu ser consciente, e sentimento de feminilidade que, muitas vezes, são anulados pela rotina exercida.

As atividades da mulher são vistas de maneira mais branda, minimizadora, como trabalho mais leve. Entre a mulher dona de casa e a mulher trabalhadora na lavoura, são erguidos vários obstáculos sociais que diferenciam homens e mulheres pela força e massa corporal. Então, são erguidas "paredes" a partir da cultura, da história, da rotina de vida e do que ela acha ser sua obrigação. Esta mulher é entendida por Bachelard (2012), por uma espacialidade interior enquanto compartimento de uma casa. Para ele, as primeiras experiências na casa ficam concentradas em imagens, que se tornam os pilares da estrutura psíquica, advinda da experiência vivida em relação aos diferentes elementos da casa, "a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz. Só os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos" (BACHELARD, 2012, p. 26).

Se para Bachelard (2012) os elementos da casa são abrangentes com detalhes fenomenológicos de cada espacialidade vivenciada pelas mulheres moradoras de assentamentos rurais, os lugares minúsculos de suas casas compreendem os sentimentos do lugar, a rotina de vida, os fenômenos subjetivos de incerteza futura que entristece o ser mulher, a história de vida, a angústia de não poder produzir suas lavouras e, assim, em cada compartimento da casa.

Compreendemos que, para Bachelard (2012), a casa alimenta a imaginação e, para nós, isso pode ser analisado assim como as feministas alimentam a luta para que a equidade e o empoderamento de gênero não sejam conduzidos em direções opostas e, assim, sufocados. E, em desvantagem social, não consigam surtir o efeito devido, fazendo com que a mulher continue passiva diante do processo de inclusão social.

As concepções de distância, extensão e altura também são confirmadas por Bachelard quando esses fenômenos subjetivos estão presentes na imaginação, e não nos fatos. Deste modo, aumentam os valores da realidade, nesta casa, a subjetividade e objetividade estão, necessariamente, embrionadas na vida cotidiana da mulher. “Aqui o espaço e tudo, pois o tempo já não anima a memória. A memória-coisa estranha não registra a duração concreta, [...]. Não podemos reviver as durações abolidas. Só podemos pensá-las, pensá-las na linha de um tempo abstrato de qualquer espessura” (BACHELARD, 2012, p. 28).

As paredes e os obstáculos presentes na casa são estudados, enquanto construção social de gênero, em cada espacialidade entendida como rotina de vida. Sentimentos de apego ao lugar e emoções também são construídos como paredes que as opressões sociais impõem em carga extra à mulher.

Para Bachelard (2012), a casa é o nosso “canto do mundo”, que assim se estabelece no cotidiano de vivências efetivas. Para Dona Zélia, que mora no assentamento, mesmo sem condições mais de plantar no local, em consequência do solo encharcado, ainda permanece um sentimento profundo de apego ao lugar. “*Aqui no Joana D’Arc é diferente, aqui passa paz, tranquilidade. Eu gosto daqui, moro aqui com meu marido e com o Mateusinho que é meu neto.*” (Dona Zélia, moradora no assentamento, 2013).

Ao nos aventurarmos por novas moradias, um passado se transpõe para o presente, vindo sutilmente colorir as novas experiências de habitar. Nesta nova

habitação, as cadeias, os casulos que os prendem, são bem escondidos no inconsciente da moradia, por isso

as verdadeiras casas de lembranças, casas aonde nossos sonhos nos conduzem, as casas ricas de um fiel onirismo, rejeitam qualquer descrição. Descrivê-la seria mandar visitá-las. Do presente pode-se talvez dizer tudo; mas do passado! A casa primordial e oniricamente definitiva deve guardar sua penumbra (BACHELARD, 2012, p. 32).

Este inconsciente só poderá desenvolver-se se despertado por outras consciências que não sejam paredes ou grades de aprisionamento. Há de se compreender que, para o autor, a casa alimenta a imaginação na direção oposta: é como surge a desigualdade de gênero sufocando e deixando a mulher em desvantagem social de direito e reconhecimento.

As lembranças que aguçam o sentimento neste espaço não pertencem mais, unicamente, a um passado longínquo. Este segue presente em toda forma de vida da mulher em seu habitar, ela as vivencia como realidade:

“Mas pra falar a verdade acho que eu trabalho mais em casa, porque minha rotina é de levantar cedo pra fazer o café, as vezes meu esposo faz também, porque aqui todo mundo trabalha de acordo com o outro, apesar que depois do almoço a gente tira uma horinha pro descanso, pra poder começar de novo, porque nós temos as criações. Tenho sempre na minha rotina a limpeza da casa, a comida pros animais, pra porco, pra galinha, e às vezes como você pode ver agente estava podando umas árvores pra ficar com uma vista melhor, e ainda tem a lavagem da roupa.” (Dona Estelina, moradora do Assentamento, 2013)

Na rotina desta moradora que também é professora no assentamento, estão presentes características bem específicas na realidade da mulher que suporta dupla jornada de trabalho, em que o esforço físico sobrepõe ao cansaço, expondo a força que é uma das características da mulher.

Para entender os passos que são seguidos dentro de um processo de significação da construção na rotina da espacialidade dos ambientes rurais, primeiro teremos que entender esta construção fenomenológica; segundo, que o processo da construção é sutil e acontece gradativamente; e, terceiro, que é como uma lei que dita as regras a ser seguida na sociedade que a constrói. Dependendo do fator social, cada pessoa é vitimada a construir seu próprio significado, o que, para Bachelard (2012, p. 3), configura “uma simples imagem, não deixando de ter uma

grande repercussão psíquica”. O significado do resultado acontecerá em detrimento da importância atribuída pelo sujeito participante ativo do processo.

Se entendermos que o sujeito participante ativo do processo detém o controle da situação e, portanto, ele poderá opinar pela significação do resultado, logo aceitaremos que esse sujeito participante ativo do processo tem em sua posse uma chave que controla a situação. E, no caso específico das mulheres no assentamento, esta chave está nas mãos dos órgãos governantes, que ignoram as famílias que foram deixadas pela usina. Assim, a muralha “gênero” continua tão intrínseca à sociedade que não será com pouco esforço que nos desprenderemos dela.

Para entender esse processo passamos a refletir sobre quatro pontos de análise do entendimento geográfico, que constituem em sua ação discriminatória o de gênero. Elencaremos os quatro passos que são necessários e imprescindíveis a serem seguidos.

O primeiro passo do processo chama-se de crença, a qual é de cada pessoa e sua verdade é individual, tanto quanto seu valor, seu resultado também perpassa o seu ser, mas a construção é social. Para Joseli Silva (2011, p. 196):

a religião, de alguma forma ou de outra, é vivenciada pela vasta maioria das pessoas, em algum momento de suas vidas, e assim ela merece alguma discussão entre os geógrafos humanos interessados em saber como espaço e lugar importam nas vidas das pessoas.

A crença de cada pessoa está centrada nos valores morais, sociais e espirituais construídos. Dessa maneira, entendemos que a

imagem atingiu as profundezas antes de emocionar e a superenraizar-se em nós mesmos [...] a imagem torna-se um ser novo da nossa linguagem, expressa tornando-nos aquilo que ela expressa noutras palavras, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir do nosso ser. Aqui, a expressão cria o ser (BACHELARD, 2012, p. 5).

O passo seguinte do processo chama-se emoção. Nesta espacialidade começa a construção do gênero, mas este passo só acontece se teve sua origem na sociedade. O início do processo teve um estímulo e este é um fator preponderante. A espacialidade da emoção começa a construção do pensamento,

assim deve-se diferenciar entre o lugar onde presentemente me encontro e o lugar ao qual pertencço. Esse é o ponto permanente de repouso em relação à mudança casual. A questão é, todavia, onde se deve procurar por

esse ponto de repouso, desde sempre tacitamente pensado (BOLLNOW, 2008, p. 60).

O pensamento neste caso foi baseado nos laços emocionais, na afetividade e na afetação que o lugar provoca na pessoa, sendo a base de todo o senso de lugar. Este laço de envolvimento foi chamado por Tuan (1980) de topofilia, referindo-se aos laços que ligam a pessoa à dada porção do espaço: a "*filia*" pode ou não ser buscada, assim como pode ou não ocorrer sem uma intencionalidade. Desta forma, ela existe em relação tanto aos lugares de origem, quanto aos dos lugares de destino, estando no centro dos elementos que, do ponto de vista da experiência, irão influenciar na forma como os resultados aparecerão no imaginário de cada pessoa.

Mas ao perder-se um centro do mundo, considerando de existência objetiva, a vida do homem ainda permanece referida a um tal centro. É o lugar onde, no seu mundo, "habita" onde ele está "em casa" e para onde sempre pode "voltar para seu lar". E como na questão das regiões do mundo, aqui também estamos de modo geral, próximo ao centro: as visões nítidas nos mostram numa escala ampliada o que, de forma menos e portanto dificilmente reconhecível, também ocorre na estrutura de nosso próprio espaço vivenciado (BOLLNOW, 2008, p.133).

O apego ao pensamento só será descartado se passado por um rompimento crucial de decisão. Este processo é sempre doloroso e, só assim, o sujeito abre mão do que mais lhe impulsionava na vida. No caso dessas mulheres, o lugar de vivência experienciado pela família é denominado de lar.

O terceiro passo do processo chama-se comportamento e, dependendo do que se pensa, há uma reação diferente. Esta reação à emoção é representada no comportamento da pessoa participante ativa do processo e, dependendo do que pensa, vem a reação, que é o quarto e último passo para a construção de gênero na sociedade que a impõe, fazendo com que a pessoa passe a ser escrava de um poder aparentemente simbólico.

5.3 A dinâmica na rotina das mulheres nas atividades rurais

Assim como as impressões digitais de uma pessoa identificam sua individualidade, as mulheres agricultoras são identificadas na sociedade por suas expressões, de cansadas pela pele envelhecida, pelos cabelos enfraquecidos, pelo suor no rosto, e descrevem uma realidade da mulher que labuta na agricultura

familiar. Os fatores que compreendem os elementos intrínsecos do meio rural representam uma subjetividade do espaço, no qual, para Nascimento Silva (2010), as atividades que são desenvolvidas por homens e mulheres esclarecem que a força de trabalho executada por mulheres no assentamento rural é “negativo”, pois estes trabalhos deixam na aparência feminina marcas que transmitem a vida árdua das mulheres que vivem na área agrária.

Quadro 07: Rotina diária das mulheres no Assentamento Joana D’Arc III.

ATIVIDADES DIÁRIAS REALIZADAS POR MULHERES		ATIVIDADES DIÁRIAS REALIZADAS POR HOMENS
Colocar comida para os bichos, fazer o café e servir as crianças e marido.	Das 6h às 8h	Na maioria das vezes fica deitado, ou amola as ferramentas de trabalho.
Na lavoura	Das 8h às 10h	Na lavoura
Fazendo o almoço, limpando a casa e outros afazeres em casa.	Das 10h às 12h	Preparando os utensílios de caça ou pesca
Servido o almoço, organizando a casa.	Das 12h às 14h	Na maioria das vezes deitado
Lavando roupas ou organizando, dobrando, guardando.	Das 14h às 16h	Preparando os utensílios de caça ou pesca no botequim.
Na lavoura	Das 16h às 18h	Na lavoura
Organizando o jantar, servindo e depois assistindo televisão.	Das 18h às 20h	Na maioria das vezes no botequim, bebendo ou assistindo televisão.

Fonte: Organizado por Ferreira (2012).

Partindo da análise do quadro acima para compreendermos a utilização do espaço, enquanto as necessidades básicas de uma comunidade. As diferenças na divisão dos trabalhos produzem diferenciações de oportunidades de ascensão social em ter homens e mulheres. A figura da mulher têm sido menos favorecida, uma vez que mesmo em alguns momentos de conquistas há desigualdade nas decisões. A mulher continua evidenciada quando há necessidade de mão-de-obra e não na gestão ou administração. Elas não têm voz ativa para participarem da comercialização dos produtos, na escolha do que plantar e no preparo da farinha.

O espaço rural ocupado por mulheres que possuem dupla jornada de trabalho ao cuidar dos filhos, do marido e do roçado, plantando, capinando e colhendo as lavouras. No retorno do roçado para suas casas, continuam com os afazeres domésticos e todo este envolvimento funciona como um ritual de estereótipos que

são realizados mecanicamente sem escolhas ou opções por seus realizadores. São ações que não dão espaço para alternativas secundárias à existência no campo:

o espaço carrega simbolicamente a existência humana com sua identidade de desejo, sentimento, intenções, ações [...] podemos dizer que há uma *géographicite*, ou seja, uma cumplicidade entre a Terra e as pessoas que se realiza na existência humana (CHIAPETTI, 2010, p. 141).

Se por um lado o espaço rural representa simbolismo e existência humana, por outro retrata um descaso social pelas pessoas que lá residem. Embora haja dependência dos produtos da lavoura para o sustento, poucos são os que refletem sobre a vida árdua de quem vive no campo, pois ainda que sejam mulheres esquecidas de seus direitos e respeito social, têm uma rotina familiar de necessidade da equidade de gênero.

Um agrupamento de ideias e opiniões que a sociedade constrói através de uma cultura do que é ser homem e do que é ser mulher. O conceito de gênero permite compreender que não são as diferenças dos corpos de homens e mulheres que os posicionam em diferentes hierarquias, mas sim a simbolização que a sociedade faz delas (SILVA, 2009, p. 36).

Entendemos que as relações presentes nas ações desenvolvidas no meio rural substituem e transformam o modo de vida das pessoas. As técnicas que impulsionam a sociedade são definidas pela ação de uma sociedade machista, que interfere diretamente no modo de vida da comunidade, no desenvolvimento do lugar. O 'progresso' de alguns não é melhoria para os que diretamente sofrem os primeiros impactos:

“Eu gostaria muito que o desprezo que nós aqui sofremos parasse, e alguém no Brasil ouvisse nossa história e pudesse nós ajudar! Mas nós sabemos que só vai piorar. Nossos direitos não são respeitados, eles tomam a providencia que querem nossa situação tá aí, porque meus vizinhos também passam a mesma situação, eu moro a oito metros da beira do Igarapé Ceará que desagua no Madeira, e água ficou dois metros pra entrar na nossa casa. Fora os bichos que agora entram na casa, cobra em cima da mesa, as vezes venho tomar meus remédios e quando me levanto e venho pra pegar os remédios em cima da mesa lá vejo uma cobra . E Deus que tem nos guardado pra não acontecer nada.” (Dona Zélia, moradora no assentamento, 2013)

O silêncio escondido em meio à vida de Dona Zélia retrata uma realidade difícil de compreender. São falas que se calam na imensidão do espaço. Quando mudam as condições de liberdade, “a construção do *habitat*, necessariamente

envolve projeções, pré-ideações, avaliações, enfim formas de consciência do espaço” (CARLOS; MORAES, 2008, p. 27). Neste sentido, entendemos o lugar em que a pessoa viveu ou vive como responsável pela constituição de sua maneira de ser, assim como garante a continuidade desse ser, baseada na experiência por meio da percepção, da sensação, da cognição, da representação e da imaginação.

CONSIDERAÇÕES

A Geografia analisa para compreender o espaço social transformado cotidianamente pelas atitudes humanas, essas em que estão inseridas as ações de construção de gênero e, em função disso, os conceitos estudados e os métodos aplicados devem ser seguidos para uma compreensão do fenômeno. Nesta pesquisa, desde o início evidenciamos nossa escolha pelo método fenomenológico e com ele conseguimos entender as experiências narradas e observadas em campo.

Conseqüentemente, também respondemos aos objetivos propostos, pois : identificamos que nas atividades desenvolvidas por homens e por mulheres há necessidade de uma equidade de gênero, no que consiste a conquistas de políticas públicas de igualdade de direitos. As atividades que, algumas vezes, podam a mulher para uma equidade de gênero e para o empoderamento, construindo desse modo obstáculos que às restringem ao avanço de conquistas políticas públicas de igualdade de direitos.

Outro objetivo alcançado foi compreendemos as principais dificuldades econômicas e sociais enfrentadas pelas famílias e que estas estão diretamente vinculadas ao poder público e estatal; entendemos que as formas como as mulheres interpretam e imaginam o espaço estão presentes em cada atividade desenvolvida e, precisamente, na ruptura da história dessas mulheres. Percebemos que as dificuldades econômicas e sociais enfrentadas pelos moradores, influenciam o modo de vida das mulheres do assentamento. As mudanças ocorridas no lugar não foram incorporadas ao cotidiano das pessoas, que sem saber como proceder em suas vidas, precisarão de orientações, programas e políticas voltadas a suas realidades, para que possam continuar no lugar que escolheram para viver.

Ainda evidenciamos que a imagem que as mulheres têm do lugar, assim como seus conhecimentos vernaculares percebem os problemas ambientais e econômicos vivenciados no assentamento. As entrevistas realizadas com as mulheres no assentamento expressaram a forma de vida, as experiências materializadas nas várias espacialidades do meio rural. As formas como as mulheres

interpretam e imaginam o espaço estão presentes em cada atividade desenvolvida e, precisamente, na ruptura da história dessas mulheres quando vivenciam um espaço transformado em todas as suas formas, a saber: produção, moradia, atividade e cultura por decorrência de uma incerteza futura.

Assim, percebemos que a história das mulheres, na localidade, seguem comprometida pela incerteza futura de continuar morando no assentamento. Percebemos que , já que as perspectivas de vida apontam para um novo direcionamento de rumo na estrada vivenciada por aquelas mulheres.

Os sentimentos de afetividade, presentes nas famílias, conduzem a uma forma de vida particular daquela comunidade. Mesmo em grau de desfavorecimento da mulher em detrimento das atividades desenvolvidas e comparadas a dos homens, no ambiente rural, isso ocorre gradativamente sem maiores consequências. É uma forma de vida que a mulher agricultora incorporou ao seu cotidiano.

Na busca pela resposta à questão estudada na pesquisa, logo evidenciamos a problemática conjuntamente com os teóricos e o método que nos capacitou a entender como foram divididas e organizadas as atividades rurais entre os membros da família, e como esta divisão interfere diretamente na dinâmica vivida pelas mulheres do Assentamento Joana D'Arc III.

Assim sendo, os registros em diário de campo e a vivência com as famílias no assentamento nos possibilitaram compreender uma realidade de vida em que cada família experiencia o espaço, dando sentido ao que fazem em cada espacialidade. Nos banhos em igarapés na comunidade foi possível observar um grau de prazer e de liberdade. Na ação de colocar comida para os animais percebemos que o ato de dar comida é, também, um ato de relação íntima e afetiva. Os cuidados com a lavoura são realizados em formas cronometradas a cada hora do dia, e esta forma de organização do espaço compreende um entendimento geográfico voltado a cada espacialidade.

Outra forma geográfica de entendimento do lugar está presente no mapa elaborado nesta pesquisa, o qual evidencia um espaço modificado pelos empreendimentos nas obras de construção da Hidrelétrica de Santo Antônio. É possível verificar dois momentos presentes na história das famílias no assentamento. Um primeiro momento de alegria, prosperidade, intimidade e de prazer. E um segundo momento de incerteza, tristeza e angústia.

A leitura do mapa elaborado para a pesquisa foi realizada a partir do primeiro momento de localização do assentamento. Nele estão o trajeto percorrido até o assentamento, com a representação da estrada cortada por linhas que levam a um panorama geral de distância e o desafio enfrentado por cada família que mora no assentamento.

A elaboração do mapa para identificar geograficamente o local da área da pesquisa, serviu também para compreender o momento histórico do lugar, já que os sentimentos presentes encontrados na pesquisa apresentaram-se: topofóbico, mas em uma segunda leitura do lugar, confundiu-se com topofílico, pois o mapa trouxe a identificação dos empreendimentos do Madeira e da área aproximada de alagamento. Quando observamos o espaço alagado pela represa, entendemos o porquê as famílias buscam e esperam uma indenização por suas benfeitorias. Há de concluirmos que o impacto ambiental, neste caso, tende a ser bem maior ocasionando maiores consequências às famílias do assentamento, já que a área de alagamento do Rio Madeira, foi bem maior que a esperada, nas últimas quatro décadas.

Deste modo, as emoções e os sentimentos que sustentam a mulher e as ações que estruturam sua espacialidade e vivência foram observados, e como tal fomos subsidiadas na construção da espacialidade.

No entanto, sem muita escolha de alternativas em superar as ações preconceituosas da sociedade, a mulher fica em desvantagem e a desigualdade de gênero continua perpassando, primeiramente pela reflexão dos sentimentos ocasionados por ações discriminatórias à mulher.

As construções sociais de desigualdade feminina são bem percebidas na divisão das atividades domésticas e, de um modo em geral, representam a domesticação do próprio corpo feminino. Estão construídas por fatores que são elaborados e mesclados pelas experiências ensinadas no seio familiar, bem como todo conjunto de sentimentos que são passados de geração para geração. É da diferença do gênero apreendido por cada criança que nascem as divisões das atividades exercidas no lar já pré-definidas.

A espacialidade mensurada pode ser vista como um círculo, em que os pontos entre si possuem entendimento, não havendo diferenciação de rota de quem está fora do círculo. No entanto, para quem está em seu interior o caminho seguido

pode acarretar um novo paradigma a ser seguido, pois as experiências espaciais ocorrem em um espaço interno, em que a vivência é sentida por meio das emoções.

Os sentimentos construídos ao longo da vivência de cada mulher em seus pensamentos e em suas percepções, exige esforço cotidiano, às vezes nem percebido. Conciliar as atividades desenvolvidas na agricultura familiar e nos afazeres domésticos, além de realizarem a extração de produtos silvestres para o aumento da renda familiar, ocasiona uma rotina que nem sempre é reconhecida pela família e pela sociedade como trabalho. Essa rotina, embora pereça constante, é exercida em etapas que envolvem a mulher e ela não percebe.

Para algumas, as atividades são consideradas como brandas, mínimas ou trabalhos leves, e nos conduziu a perceber que são construídos obstáculos socioeconômicos entre a mulher dona de casa e a mulher trabalhadora da lavoura, que as diferenciam dos homens pela força e massa corporal. Essas paredes erguidas a partir da cultura, da história, da rotina de vida e do que ela acha ser sua obrigação, com as características bem específicas da mulher que suporta dupla jornada de trabalho, em que o esforço físico e a resignação familiar sobrepõem o cansaço dando força para que suportem o cotidiano, o que é uma das características das mulheres do Assentamento Joana D'Arc III.

Trabalhar o espaço e o lugar sob o entendimento da vivência de agricultoras permite compreender um espaço construído de vivências e realidades peculiares do ambiente rural. Valorizar esse espaço significa valorizar a comunidade e dar voz aos sujeitos locais, compreendendo a história e considerando o espaço como o resultado da vida da comunidade Joana D'Arc III que, muitas vezes, vê-se à margem da estrada por vivenciarem ações institucionais (governamentais e/ou da sociedade civil) de descaso e exclusão dos direitos humanos. Torna-se fundamental, então, a partir do lugar de estudo, novas pesquisas fazendo as inter-relações com outras escalas de análise, como a regional.

Seria realismo de nossa parte ou conclusão de nosso conhecimento geográfico, dizer que nesta pesquisa entendemos o Estado como sujeito ativo ignorando as famílias que foram atingidas pelo empreendimento da usina hidrelétrica de Santo Antônio, enquanto que para as mulheres resultou a quebra dos laços emocionais de afetividade e pertencimento ao lugar. Se elas já não têm voz de tomada de decisão em seus lares, imagine para o Estado que as invisibiliza. O

rompimento é sempre doloroso e, desse jeito, elas abrem mão do que mais lhes impulsionava na vida; no caso dessas mulheres: a família e o lar.

Sendo assim, pontuamos sugestões de intervenções sócio-políticas, econômicas e culturais voltadas à localidade: apoio psicológico com atendimento às mulheres que se encontram desabrigadas; assistências às famílias que não dispõem de produtos agrícolas para suas sobrevivências; incentivo à moradia e ao empreendimento no local ou indenização das famílias, dando novas possibilidades econômicas; investimento em moradia, transferência e assistência às famílias remanescentes no local; acompanhamento às famílias, documentando e registrando sua história de agora para frente; e, encaminhamento às autoridades sobre a real situação que vivem as famílias no assentamento.

Esperamos que nosso estudo possa servir como fio condutor para a reflexão das perdas sofridas pelas mulheres do Assentamento Joana D'Arc III, e possa conjuntamente as evidenciar dentro das ações realizadas pelo Estado, o qual é considerado como o agente ativo que pode vir a elaborar políticas públicas e com suas agências estatais fazer valer o direito adquirido pelos moradores desse assentamento.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena et al. (orgs.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000.

ALVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos. Partejas no Maranhão In: D'INCÃO, Maria Angela (org.). **Mulher e Modernidade na Amazônia**. Belém: CEJUP, 1997.

ALVES, Branca Moreira et al. **O que Feminismo?** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

AMORIM, Annibal Coelho de. Educação e Saúde Cidadã: a voz e a vez do saber popular. In: VASCONCELOS, Eymar Mourão. **A Saúde nas Palavras, nos Gestos: reflexões da rede educação popular e saúde**. São Paulo: Hucitec, 2001.

ANDRÉ, Serge, **O que quer uma Mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BACHELARD, Gaston. **Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. **Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **O Racionalismo Aplicado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **A Terra e os Devaneios do Repouso**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O Homem e o Espaço**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

BORGES, Ângela; CASTRO, Mary Garcia. **Família, Gênero e Gerações: desafios para as políticas sociais**. São Paulo: Paulinas, 2007.

CAMPOS, Christiane Senhorita Soares. **A Face Feminina da Pobreza em meio à Riqueza do Agronegócio**. Buenos Aires: CLACSO, 2011.

CAPEL, Horácio. **Filosofia e Ciência na Geografia Contemporânea: uma introdução à geografia V**. 2. ed. Maringá: Massoni, 2008.

CARLOS, Antônio; MORAES, Robert. **Ideologias Geográficas Espaço, Cultura e Políticas no Brasil**. 5. ed. São Paulo: ANNABLUME, 2008.

CARLOS, Antônio; MORAES, Robert. **Ideologias Geográficas Espaço, Cultura e Políticas no Brasil**. 5. ed. São Paulo: ANNABLUME, 2005.

CASTRO, Sheila. **A Presença da Mulher na Trajetória da Colonização no PIC Ouro Preto/RO**. Porto Velho: 2009. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Rondônia.

CAVALCANTE, Clóvis. **Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas**. São Paulo: Cortez, 2002.

CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Pesquisa de Campo Qualitativa: uma vivência em geografia humana. **GeoTexto**, Florianópolis, v. 6, n. 2, 2010.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: UPSC, 2011.

_____. **Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis: UPSC, 2007.

_____. A Volta do Cultural na Geografia Humana. **Mercator – Rev. Geografia da UFC**, Fortaleza, ano I, n. 1, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

COSTA, Benhur Pinós da; HEIDRICH, Álvaro Luiz. A Condição Dialética de Produção do Espaço Social: microterritorializações culturais urbanas “a favor” e “contra” a sociedade In: COSTA, Benhur Pinós da; HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Da Percepção e Cognição à Representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista**. São Paulo: Terceira Marge, 2007.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. São Paulo: perspectiva, 2012.

_____. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DEMARTINI, Zélia B. Fabri; CAMPOS, M. C. Siqueira de Souza; LANG, Alice Beatriz da S. Gordo. **História Oral e Pesquisa Sociológica: a experiência do CERU**. São Paulo: Humanitas, 1998.

FECHINE, Elaine Filgueiras Gonçalves. **Mulheres Ribeirinhas do Rio Madeira: cotidiano envolto em brumas**. Porto Velho: 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Porto Velho.

_____. A Opressão e a Violência presentes no Cotidiano das Mulheres. **Rev. Presença Especial Mulher**, Porto Velho, ano XI, n. 32, 2003.

FERNANDES, Bernardo Mendonça; MARQUES, Marta Inês Medeiros; SUZUKI, Júlio César. **Geografia Agrária – teoria e poder**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FERNANDEZ, Alicia. **A Mulher Escondida na Professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher da corporalidade e da aprendizagem**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2001.

FERREIRA, Sílvia Lúcia. As Políticas e a Saúde da Mulher no Brasil. In: FERREIRA, Mary et al. (orgs.). **Os Poderes e os Saberes das Mulheres: a construção do gênero**. São Luís: EDUFMA, 2001.

FIRKOWSKI, Olga Lúcia C. de Freitas. **Texto 2 – Reflexões Epistemológicas: o método científico a observação. A construção da Ciência**. São Paulo: 1995. DINTER/UNIR: Porto Velho, 2012.

FREMONT, Armando. **A Religião, Espaço Vivido**. Curitiba: Almedina, 1980.

FONSECA, Cláudia. Ser Mulher, Mãe e Pobre. In: DELPRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.

FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura**. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. **Autoridade do Professor: meta, mito ou nada disso?** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

GALIÁS, Iraci. Ensinar – Aprender: uma polaridade no desenvolvimento simbólico. **Junguiana. Rev. Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 89-99, 1989.

GEPGÊNERO. Grupo de Estudo e Pesquisa em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero. **Relatório de Pesquisa 2013**. Departamento de Geografia: Unir, 2013.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

GUERRA, Maria Helena R. Violência Contra a Mulher: o rapto de Sita. **Jung & Corpo. Rev. Curso de Psicologia de Orientação Junguiana Coligada a Técnica Corporal**, ano V, n. 5, 2005.

_____. A Deusa Durgã: uma imagem arquetípica do desenvolvimento pleno da mulher. **Jung & Corpo. Rev. Curso de Psicologia de Orientação Junguiana Coligada a Técnica Corporal**, ano IV, n. 4, 2004.

_____. Mandacaru. A Cegueira de Gandhart. **Jung & Corpo. Rev. Curso de Psicologia de Orientação Junguiana Coligada a Técnica Corporal**, ano III, n. 3, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 2003.

HOPKINS, Peter E. Jovens, Masculinidades, Religião e Raça: novas geografias sociais. In: SILVA, Maria Joseli; ORNAT, Marcio Jose (orgs.). **Espaço, Gênero & Masculinidades Plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011. p. 193-224.

ISNARD, H. **O Espaço Geográfico**. Coimbra: Almedina, 1982.

JOHNSON, Robert A. **SHE: a chave do conhecimento da psicologia feminina**. Mercúrio, 1987.

KOZEL, Salete. **As Representações Simbólicas e os Mapas Mentais na Geografia**. Apostila organizada na Disciplina do Programa de Doutorado em Geografia. Porto Velho: UNIR, 2012.

KOZEL, Salete; COSTA, Josué da; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). **Da Percepção e Cognição à Representação: reconstrução teórica da geografia cultural e humanista**. São Paulo: Terceira Margem/Curitiba: NEER, 2007.

LABURTHE-TOLRA, P. **Etnologia – antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEMOS, Anália Inês G. de; GALVANI, Emerson. Geografia. **Tradição e Perspectivas: interdisciplinaridade, meio ambiente e representações**. São Paulo: Expressora Popular, 2009.

LUCI, Elin Alabi; BRANCO, Anselmo Lazaro. **Geografia, Homem & Espaço**. São Paulo: Saraiva, 2003.

MACHADO, Lia Zanotta. **Feminismo, Academia e Interdisciplinaridade**. *In Uma Questão de Gênero*. s/d.

MAUÉS, Maria Angélica Motta. **Trabalhadeiras e Camaradas:** relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Belém: UCFCH/UFPA, 1993.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. Assentamentos Rurais e Gênero: temas de reflexão e pesquisa. In: LOPES, Adriana L.; BUTTO Andrea. **Mulheres na Reforma Agrária:** a experiência recente no Brasil. Brasília: MDA, 2008.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. A Produção Familiar e suas Diferentes Formas de Representação. In: MARAFON, José Gláucio; RUA, João; RIBEIRO, Ângelo Miguel (orgs.). **Abordagens Teórico- Metodológicas em Geografia Agrária.** Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2007.

MILL, Stuart. **A Sujeição das Mulheres.** São Paulo: Escala, 2006.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Ideologias Geográficas:** espaço, cultura e políticas no Brasil. 5. ed. São Paulo: ANNABLUME, 2005.

MOREIRA, Branca Alves; PITANGUY, Jacqueline. **O Que é Feminismo.** São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. **Geografia e Gênero em Assentamento Rural:** espaço e poder. Porto Velho: UNIR, 2011.

_____. **Parteiras Ribeirinhas, Saúde da Mulher e Saber Local.** Belém: 2004. Tese (Doutorado) – NAEA-UFPA.

_____. **O Espaço Ribeirinho.** Coleção Amazônia. Porto Velho: Terceira Margem, 2003.

_____. Construindo Cidadania a partir do Desenvolvimento Local Sustentável e Integral. In: NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva et al. (orgs.). **Pesquisa na Amazônia:** intervenção para o desenvolvimento. v. 1. Porto Velho: EDUFRO, 2001.

NETTO, Belarmino Mariano; ARRUDA, Luciene Vieira de. **Geografia e Território – planejamento urbano, rural e ambiental.** João Pessoa: Ideia, 2010.

NUNES, João Osvaldo Rodrigues; ROCHA, Paulo Cesar. **Geomorfologia:** aplicação e metodologia. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

ORNAT, Marcio José. Sobre Espaço e Gênero, Sexualidade e Geografia Feminista. **Rev. Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 309-322, jul./dez. 2008.

PELETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Ática, 1997.

PINHEIRO Tainá Trindade. **Qual o Lugar da Mulher no Assentamento Joana D'Arc III?** Relatório de Pesquisa PIBIC – UNIR. Porto Velho. 2010.

PINHEIRO, Tainá Trindade; GÓES, Kelyany Oliveira Castro de; NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. **Qual o Espaço das Mulheres nos Assentamentos Rurais?** Porto Velho: UNIR, 2010.

PONTY, Maurice Merleau. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Riveiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

QUAINI, Massimo. **A Construção da Geografia Humana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

QUINTÁS, Alfonso López. **Inteligência Criativa: descoberta pessoal de valores**. São Paulo: Paulinas, 2012.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAIBAUD, Yves. **Géographie socioculturelle**. Paris: ADES, 2010.

RATZEL, Friedrich. Textos Escolhidos. In: MORAES, Antonio Carlos Robert; RATZEL, Friedrich. **Geografia**. São Paulo: Ática, 1990.

RELPH, Edward C. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Convênio CAPES**, Brasília, n. 38, 1980.

RIO, Gisela Aquino Pires do. Espaço, Economia e Cultura: uma possível agenda de pesquisa. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 123-144.

ROSSINI, Rosa Ester. **Gênero e Preconceito: o trabalho da mulher na modernidade agricultura canavieira paulista (1997 -2005)**. Simpósio Temático número ST12. 2005. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/R/Rosa_Ester_Rossini_12.pdf.

_____. Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na Infância e na Adolescência. In: ROSSINI, Rosa Ester. **Guia Prático para Educadores e Educadoras**. 2. ed. Rev. e Ampl. São Paulo: USP/CNPQ/NEMGE, 1997.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. **Rev. Finisterra**, XXXVI, 72, p. 37-53, 2001.

SANTOS, João Carlos Sandanha do Nascimento. Cotidiano e Territorialidade: um estudo de usos do tempo entre assentados. **Rev. Latino-Am. Geogr. Gênero**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 37-43, 2011.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

_____. **Organização do Espaço e Organização Social**. São Paulo: Edusp, 2006.

SAQUET, Marcos Aurélio; SANTOS, Roseli Alves dos. **Geografia Agrária, Território e Desenvolvimento**. São Paulo: Expresso Popular, 2010.

SAQUET, Marcos Aurélio; SOUZA, Edson Belo Clemente de. **Leituras de Conceitos de Território e de Processo Especial**. São Paulo: Expresso Popular, 2010.

SARTI, Cynthia A. Famílias Enredadas. In: SARTI, Cynthia A. **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez/Instituto de Estudos Especiais: PUC/SP, 2005.

SCHMITZ, Heribert (org.). **Agricultura Familiar Extensão Rural e Pesquisa Participativa**. São Paulo: Annablume, 2010.

SILVA, Joseli Maria. **Espaço, Gênero & Masculinidades Plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

_____. (org.). **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Paraná: Todaspalavras, 2009.

_____. Análise do Espaço sob a Perspectiva do Gênero: um desafio para a geografia cultural brasileira in: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

_____. Um Ensaio sobre as Potencialidades do Uso do Conceito de Gênero na Análise Geográfica. **Rev. de História Regional**, verão, 2003.

SILVA, Josué Costa. O Mito e as Crenças como Contribuintes do Espaço Ribeirinho na Formação do Modo de Vida Amazônico. In: KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). **Da Percepção e Cognição à Representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanística**. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

SILVA, Josué da Costa et al. A Produção Agrícola Ribeirinha em Solos de Várzea no Rio Madeira. In: NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças et al. (orgs.). **Pesquisa na Amazônia: intervenção para o desenvolvimento**. v. 1. Porto Velho: EDUFRO, 2001.

SILVA, Josué da Costa et al. **Plano de Desenvolvimento Sustentável do Nazaré e Boa Vitória**. Mimeografado. Porto Velho: 2003.

SILVA, Josué da Costa; KOZEL, Salete; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). **Da Percepção e Cognição à Representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista**. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

SILVA, Viviane Néry. **Assentamento Rural Joana D'Arc III: um olhar na perspectiva de gênero**. Relatório de Pesquisa PIBIC- UNIR. Porto Velho: 2010.

SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

STEARNS, Peter N. **História das Relações de Gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.

TAILLE, Yves de La; DANTAS, Heloysa; OLIVEIRA, de Marta Kohl. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 13. ed. São Paulo: Summus Editora, 1992.

THÉRY, Hervé. **Rondônia Mutação de um Território Federal na Amazônia Brasileira**. Curitiba: Sk Ed., 2012.

TOMPAKOW, Pierre Weil. **O Corpo Fala: a linguagem silenciosa da comunica o não-verbal**. Petrópolis: Vozes, 1986.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. São Paulo: UNESP, 2005.

_____. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985.

_____. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percep o, atividades e valores e o meio ambiente**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. 1. ed. São Paulo: DIFEL, 1976.

XIMENES, Sheila. **A Velhice Fora do Lugar**: história oral de vida. Porto Velho: UNIR, 2008.

WEBER, M. Comunidade e Sociedade como Estruturas de Socialização. In: FERNANDES, Florestan (org.). **Comunidade e Sociedade**: leituras sobre problemas conceituais. São Paulo: Nacional/Edusp, 1973. p. 82-95.

YANNOULAS, Silvia Cristina; LENARDUZZI, Zulma Viviana; VALLEJOS, Adriana Lucila. Feminismo e Academia. **Rev. Bras. Est. Pedag.**, Brasília, v. 81, n. 199, p.425-451, set./dez. 2000.